

6ª edição

Memórias da Cantina da Lua

Clarindo Silva



Memórias da Cantina da Lua

Memórias da Cantina da Lua

Clarindo Silva

6ª edição - Salvador, 2021

Copyright © by Clarindo Silva

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor.

PRODUÇÃO EDITORIAL:

Coordenação: Clarindo Silva

Edição e revisão de texto: André Carvalho e Maria Pinheiro

Autor: Clarindo Silva

Projeto gráfico: Everton Marco

Fotos: Sergio Pedreira (capa e agradecimento), Carlos Amilton (fotos 22, 23, 24 e 28) e Antonio Brasiliano (foto 26). As demais imagens fazem parte do acervo pessoal de Clarindo Silva.

Produção executiva: Maria Pinheiro

Realização: Projeto Cultural Cantina da Lua e É Samba da Bahia! (ÉSBA!)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Clarindo
Memórias da Cantina da Lua / Clarindo Silva. --
6. ed. -- Salvador, BA : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-33343-5

1. Cantina da Lua - História 2. Depoimentos -
Coletâneas 3. Memórias autobiográficas 4. Patrimônio
cultural - Salvador (BA) - História 5. Silva,
Clarindo, 1942- I. Título.

21-86998

CDD-981. 42

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantina da Lua : Bar e Restaurante : Salvador :

Cidade : História 981.42

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Agradecimento

Não posso deixar de agradecer ao meu bom Deus, a quem devo tudo. Nem me esquecer dos meus pais Manoel e Maria, minha mulher Maria do Carmo, meus filhos Cléodo Mercio, Cláudia Marciana, Clériston Marcos e Cléa Mercedes, e meus sete netos, Mercinho, Andréa, Cecília, Vinícius, Maria Júlia, João Pedro e David Gabriel. Agradecer também a Lígia Maria Vitória de Jesus e a Dionízia Cruz, que digitaram os primeiros rabiscos destas memórias. E aos meus compadres Fernando Coelho e Afonso Ferreira de Almeida Jr., Arlindo Alves de Souza e Ubiraci Moema. Aos sobrinhos Júnior e Fábio, que não me deixaram esmorecer. Na verdade, eu agradeço a todos, a toda a Bahia, que, com seus personagens, com a generosidade de amigos que me deu, permitiu-me contar um pouco da vida e do Pelourinho.

Sumário

9 | Nota sobre a 6ª edição

11 | Apresentação

Eliene Dourado Bina

16 | Uma vida chamada Cantina da Lua

Clarindo Silva

77 | Depoimentos

79 | “Uma Conta Chamada de Filosofia”,
mais velha até do que Clarindo

Sérgio Guerra

85 | Memórias: caminhos da História

Fernando Coelho

88 | Cantina dos sonhos

Tasso Franco

90 | Cantina da Lua

Gey Espinheira

92 | Cantina, um porto

Anísio Félix

94 | Cantina da Lua I

Cristina da Costa Pereira

96 | Cantina da Lua II

Cristina da Costa Pereira

97 | A Lua de Clarindo Silva
Kátia Melo

99 | Para Clarindo Silva
Edvaldo Gato

100 | Lua, lua, ó Cantina
Egnaldo Araújo

102 | Cantina da Lua
Naira Sodr 

103 | Cantina da Lua
***Ediale da Salgado do
Nascimento***

105 | Clarindo, o Mestre Lua
Carlos Pronzato

106 | O Anjo
L a Fonseca

107 | Cantina da Lua, presença viva
na História de Salvador
Lázaro Torres

109 | O abraço do Mestre Clarindo
Aninha Umbigo Muniz

111 | Clarindo, Cantina da Lua,
Pelourinho
Antônio Andrade

112 | Clarindo recebe a Medalha
Thomé de Souza
Germano Tabacof

116 | Cantina da Lua - 70 anos de luta
zédejesusbarreto

120 | Clarindo Silva, um ícone
Antônio Imbassahy

122 | Clarindo, um poço de bondade
Agnaldo Lessa

124 | Cantina da Lua, o farol do Centro Histórico de Salvador
Carmela Talento

126 | Bete Mendes, Clarindo Silva e Cantina da Lua
Bete Mendes

129 | Sublime missão
Paulinho Timor

130 | Clarindo, régua e compasso
Doris Pinheiro

132 | Cantina da Lua, quartel-general do samba de Salvador
Maria Pinheiro

136 | Soneto da Lua
André Carvalho

137 | Fotos

Nota sobre a 6ª edição

O livro *Memórias da Cantina da Lua* teve sua primeira edição publicada em 2004, com o apoio da Fundação Gregório de Mattos, apresentando, além das memórias escritas pelo autor, os depoimentos de Fernando Coelho, Tasso Franco, Gey Espinheira, Anísio Félix, Cristina da Costa Pereira, Kátia Melo, Edvaldo Gato, Egnaldo Araújo, Naira Sodré, Edialede Salgado do Nascimento, Carlos Pronzato, Léa Fonseca, Lázaro Torres e Aninha Umbigo Muniz, além do discurso proferido pelo então vereador de Salvador Germano Tabacof em maio de 1996, na ocasião da concessão da Medalha Thomé de Souza a Clarindo Silva. A primeira edição do livro apresentou, ainda, um texto de orelha de autoria do então prefeito de Salvador Antônio Imbassahy.

Novos depoimentos foram incluídos na 5ª edição do livro, publicado pela Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) em 2016, como os textos de Sérgio Guerra, Antônio Andrade e zédejesusbarreto, que também assinou a orelha da edição. A publicação recebeu, ainda, um novo prefácio, escrito pela pedagoga e museóloga

Eliene Dourado Bina, diretora do Museu Eugênio Teixeira Leal.

Nesta 6ª edição, o texto de orelha e o prefácio da edição anterior foram mantidos e novos depoimentos foram incluídos, com textos da atriz Bete Mendes, do médico Agnaldo Lessa, dos jornalistas André Carvalho, Carmela Talento e Doris Pinheiro e dos produtores culturais Maria Pinheiro e Paulinho Timor. Novos registros fotográficos que documentam parte da memória da Cantina da Lua e dos amigos do anfitrião da casa também foram acrescentados.

O projeto da presente edição, que recebeu versões digital e impressa, foi contemplado pelo Prêmio da Fundação Pedro Calmon, através do Edital N° 01/2020 – Programa Aldir Blanc Bahia –, contando com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia via Lei Aldir Blanc, que viabilizou recursos emergenciais para o setor cultural de todo o país.

Esta publicação também se insere no âmbito das celebrações dos 50 anos de Clarindo Silva à frente da Cantina da Lua, que contou com uma série de ações empreendidas ao longo do ano de 2021.

Os editores

Salvador, 15 de outubro de 2021

Apresentação

Patrimônio cultural da Bahia. Este é um título que bem define Clarindo Silva de Jesus, por toda uma trajetória de vida voltada para a coletividade. História que o seu sorriso franco e vasto nunca foi turvado pelas vicissitudes de uma vida prenhe de momentos difíceis. De trabalho duro. De incompreensões superadas com perseverança e o otimismo daqueles homens conscientes de travar o bom combate.

Ouso afirmar que em sua saga, desde o desembarque em Salvador, no cais do Mercado Modelo – o antigo –, ao chegar em 1950, vindo de Conceição do Almeida, no coração da zona fumageira, em pleno Recôncavo, foi com suor e lágrimas que ele se elevou ao patamar de ícone do Centro Histórico.

Uma personalidade férrea, temperada com a urbanidade de trato inata e a simpatia do baiano (além do sorriso) que o tornaram um ser humano encantador – que não transigiu na resistência contra o abandono do nosso Centro Histórico –, bem como na defesa da preservação cultural, social e econômica

deste sítio, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mas que já passou por péssimos momentos.

Nesta trajetória, Clarindo Silva ocupou alguns cargos, sempre com posição destacada e posturas transparentes, ao tempo em que o seu negócio familiar, a Cantina da Lua, também se elevou à condição de símbolo do Pelourinho, com altos e baixos, mas permaneceu – como permanece –, encantando a todos que tiveram, e têm, o privilégio de ocupar uma de suas mesas.

Tornado conhecido, transfigurado mesmo em importante personalidade da defesa da cultura baiana nas suas diversas expressões artísticas, jamais abdicou da humildade franciscana, mesmo quando da ação que empreendeu com outros baianos intrépidos, que culminou com a consolidação do singular conjunto arquitetônico do Pelourinho, em 1985, como dito acima, em um patrimônio universal.

O amor de Clarindo pelo Pelourinho começou ainda na década de 1950, quando nada mais era que um garoto que brincava em ruas e vielas calçadas com pedras cabeça-de-negro, à sombra de casarões coloniais, na época em avançado estágio de degradação física. Aos 12 anos, a necessidade o forçou a trabalhar como vendedor ambulante. Comercializava frutas e quitutes do Recôncavo, que eram desembarcados de saveiros no Comércio. Tempo de aprendizado sobre a vida e os tipos recriados nas obras de Jorge Amado, Carybé, Caymmi e outros mestres das artes. Clarindo os conheceu.

Como rezava à época, o garoto negro, pobre, teve como primeiro emprego, na residência e no Bazar Americano do Sr. Walter da Costa Pinto. Trabalhou como doméstico e como faz-tudo na loja. Reconhecido pela determinação, a ascensão não tardou a chegar. Sempre trabalhando com afinco, e sorrindo com luminosidade, sem deixar de estudar, de aprender, passou a auxiliar de balcão, balconista, subgerente, gerente e, por último, contador.

Tempo duro. De trabalho mais duro ainda e de remuneração aquém do necessário. Mas Clarindo Silva perseverou e foi adiante. Trabalhava durante o dia no Bazar Americano e à noite nas redações dos jornais A Tarde, Jornal da Bahia e Tribuna da Bahia, do qual foi um dos fundadores e um dos primeiros

repórteres da editoria de Polícia. Enfronhou-se no jornalismo boêmio da época, tornando-se amigo de mais de uma geração desses profissionais.

Esse roteiro de vida, hoje inverossímil e impossível de ser trilhado, digno da pena de Jorge Amado, o converteu em um profundo conhecedor dos fatos que marcaram o Pelourinho. Rendeu-lhe o título de orientador turístico deste sítio, atividade que sempre exerceu com o entusiasmo característico, só permitido àqueles que amam. E Clarindo Silva ama apaixonadamente o Centro Histórico da cidade que adotou para viver – e foi adotado por ela –, pois a Câmara de Vereadores de Salvador o abrigou, concedendo-lhe a cidadania soteropolitana, que, de fato, já era dele há décadas.

Portanto, através do olhar e da descrição poética de Clarindo Silva, o Centro Histórico tem mais cores, cantos e encantos. Coisa de amante, sem dúvida.

Outro reconhecimento por seu apego, conhecimento e defesa desta região se deu quando da sua nomeação como administrador da Regional 7, área composta pelo Centro Histórico, que desenvolveu em 1995 e no ano seguinte, na gestão da então prefeita Lídice da Mata. Clarindo foi entronizado como ‘prefeito do Pelourinho’ e cumpriu o mandato com distinção. Magro, quase esquelético, mas versado nas artes do samba e do Carnaval, ele chegou a ser Rei Momo, título que ostentou com justo orgulho no Carnaval de 2008.

Entretanto, esse amor e essa dedicação nada seriam sem a Cantina da Lua, agora comemorando 70 anos de existência. Fato raro neste ramo tão incerto do comércio. A Cantina é sua mais duradoura paixão profissional. Fundada em 1945 pelo Sr. Renato Santos, foi arrendada por Clarindo a partir de 1971, época em que a área estava bastante degradada. O empreendimento, então, era tímido. Apenas duas portinhas, tendo como chamariz não a lendária cozinha baiana, mas as cachaças com infusões e o jogo de dominó, que o novo administrador não tolerava por conta do barulho (e eventuais brigas), e foi retirando aos poucos. Sem perder a ternura, jamais.

Homem trabalhado desde a mais tenra infância, jeitosamente, ele deu fim na jogatina, substituída por tira-gosto de frutos

do mar, passo decisivo para a atração de novos públicos, ou melhor, para a paulatina troca de público, dos fregueses, imediatamente transformados em amigos. Suas mesas passaram a ser ocupadas por baianos, turistas nacionais e internacionais, sendo a maior frequência de cariocas, pernambucanos, alemães e franceses, além dos soteropolitanos que têm a Cantina como referência – um ambiente para a boa mesa, a bebida e os preços honestos. Em suma, um lugar de diversão popular e democrático.

Por lá passaram – e passam – políticos, artistas e famosos. Marcaram presenças frequentes músicos consagrados, como Batatinha, Caetano Veloso, Chico Buarque, Chocolate da Bahia, Claudete Macedo, Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, Gilberto Gil, Paulinho Camafeu, Martinho da Vila, Riachão, Waldick Soriano e Zezé Motta, dentre tantos outros. A Cantina se tornou, assim, local de encontro e de realização de eventos culturais, sobretudo a música, através do samba e ritmos africanos e latinos, como o merengue e a salsa. Seu biógrafo, Vander Prata, escreveu no livro que integra a Coleção Gente da Bahia, da Assembleia Legislativa, que “a Cantina da Lua é um espaço de baianidade único, dia e noite, noite e dia, pois Clarindo de tudo cuida e conserva, mesmo a despeito das ressacas, das marés, dos tempos de glória e decadência do Pelourinho”.

Na luta pelo resgate e preservação da memória cultural e pela revitalização física, social e econômica do Centro Histórico de Salvador, Clarindo defende um visão ‘holística’, definição que encontrou para enfatizar que a revitalização precisa ser estendida às áreas adjacentes do Pelourinho e sua gente. No corpo dessa tarefa, também voltada para a sobrevivência do seu negócio, criou e coordenou o Projeto Cultural Cantina da Lua, em 1983, desenvolvendo ainda duas grandes propostas que trouxeram visibilidade a esta área, a Festa da Bênção e o Samba no Terreiro, às terças-feiras e aos sábados, respectivamente, além de ser palco na luta contra a discriminação racial.

Clarindo Silva é referência também para nós, gestores de instituições localizadas neste Centro Histórico, tanto por ser um exemplo de perseverança, quanto por estar sempre disposto a colaborar e a estabelecer parcerias na realização

de ações educativas e eventos. Isso sempre acompanhado de abraços e palavras de estímulo à continuidade da nossa jornada. Ele ainda consegue conciliar sua apertada agenda para atender aos convites de uma diversidade de eventos e aplaudir efusivamente seus realizadores. Não falha e está sempre pronto para brindar as boas iniciativas com seus aplausos ruidosos e motivadores, tão peculiares e marca registrada de sua presença em eventos.

Rijo como as melhores madeiras, o ‘Prefeito do Pelourinho’ nunca se deixa abater. Mesmo aos 73 anos, mantém o espírito jovem, a determinação e o entusiasmo de criança, e não abandona a sua Cantina. Clarindo permanece, como fazia desde 1971 – aliás, desde sempre —, dedicado à Cantina da Lua, ao seu Pelourinho, ao Centro Histórico da Cidade da Bahia. Sempre com sua roupa branca, imaculada, engomada, trabalhando quase 18 horas a cada dia. Seja atendendo a cada cliente, seja em gabinetes, na busca de melhorias para todo o entorno da Cantina, ou ainda planejando, construindo sonhos novos com o luminoso sorriso que uma dentadura perfeita emoldura.

Patrimônio cultural da Bahia é o que ele é.

Entretanto, esse título deve ser conjugado com outro, um achado do reitor Germano Tabacof e muito bem utilizado pelo jornalista Vander Prata, o de ‘Dom Quixote do Pelourinho’, grafado na já citada publicação da Assembleia Legislativa de nosso estado.

Eliene Dourado Bina
Pedagoga e museóloga,
diretora do Museu Eugênio Teixeira Leal
Salvador, 4 de agosto de 2015

Uma vida chamada Cantina da Lua

Clarindo Silva

Os desafios têm sido uma marca constante de minha vida. As faces de cada um deles multiplicam-se, como o silêncio das noites aqui na plenitude do Pelourinho. Amigos generosos pedem prefácios de livros importantes. Convites para conferências e depoimentos acerca das emoções da Bahia pulsando no Centro Histórico de Salvador. Uns querem-me político militante. Outros, filiado partidário incondicional.

Na prateleira do cotidiano, a vida exposta, como tem que ser. Particpei de coletânea editada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e carrego a chama de compositor bissexto. O Samba da fumaça não me deixa mentir. Foram vários festivais e parcerias com Sílvio Mendes. Sosó da Bahia ainda gravou, com relativo sucesso, a música Santo Antônio, amarra o boi, numa parceria com Wilton Santos.

Mas tudo isso carrega a trajetória de um objetivo mais largo, onde os olhos e o coração vislumbram a necessidade de um depoimento maior: contar e recontar o dia a dia da Cantina da Lua. Escrever sobre tanta gente, tantos personagens, tantos fragmentos de resistência e inspiração. Tantos e inesquecíveis amigos. Enfim, plantar, ao pé de palavras simples, a memória inconfundível da sempre remoçada Cantina da Lua, que se debruça na janela, toda faceira, do Terreiro de Jesus.

Estou no batente, trabalhando, desde os oito anos. Não sei muito bem o que é ficar em casa. Parar nas férias do tempo? Jamais. De chinelos, no lar, muito pouco. Duas vezes tive mesmo que ceder. Forçaram-me. Em 1993, passei alguns dias no Hospital Português, olhando o mundo de soslaio e inquieto. E agora, na recuperação de uma cirurgia simples, sou atacado por outra doença da alma: as lembranças.

O que fazer com tanta história vivida? Os quatro cantos de Salvador me sorvem devagarzinho. Eles me viram botar a mão na massa, virar adolescente sem adolescência, ir para o

mundo sem saber do mundo. O mundo de Salvador não tem fronteiras. Como falar da Cantina da Lua? De mim, nem pensar. Tamanha a dificuldade, a falta de jeito. Como falar da Cantina da Lua sem emoção? Impossível. Ela também é minha vida. Parte do meu sentido. Sombra do meu perfil.

O meu leitor entenderá o desabafo. O estilo é apenas a vontade de não deixar sem memória tantas situações, tantos envolvimento leais, passado que resguarda empolgações baianas e justifica a fraternidade entre os cidadãos e o modo de vida de uma terra iluminada. Já fizeram muitas pesquisas sobre a Cantina da Lua. Neste Brasil sem fim e em outras paragens que terminam aqui, sem paradeiro, em nossas mesas de sabor e casos.

Pessoalmente, considero que as melhores referências à Cantina da Lua estão no Jornal do Centro Histórico, no cinquentenário da Cantina, com edição de Renato Almeida e Ives Ventura, além da expressão contida em Memória da Cantina da Lua, do poeta, advogado, jornalista e escritor Jehová de Carvalho. Jehová é um destes personagens eternos. Mulato de Santa Maria da Vitória, não se curvou, em nenhum momento, a nenhuma dificuldade que nós, negros, sofremos todo dia. Figura humana sem comparação. Amigo de sempre, através de sua coluna jornalística A Cidade que não dorme, durante muitos anos, Jehová traçou o mais sincero painel do Centro de Salvador. A obra foi editada pela UFBA, com o apoio do Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao).

Naquela ocasião, o Ceao era presidido pelo professor Jefferson Bacelar. A força incontestável do então presidente da Câmara Municipal de Salvador, vereador João Bacelar, e o prefácio do livro, escrito pelo reitor Germano Tabacof, foram os ingredientes fundamentais para que o lançamento, com muita festa e um público recorde, se transformasse em sucesso. Marcaram presença políticos, autoridades e a secretária de Comunicação, Carmela Talento. Afinal, o livro sobre a Cantina da Lua era parte das comemorações dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, o herói das Américas.

De novo, o dilema: começar pela história do majestoso prédio, de arquitetura colonial, vestimenta arquitetônica da Cantina da

Lua, ou começar pela minha humilde chegada ao comovente Pelourinho? O importante é começar. Aproveitar a calmaria do mezanino da casa. Aqui é um platô de concreto no meio de árvores imponentes: uma jaqueira, rainha vestida de folhagem verde-escura, sumo de clorofila, balançando-se ao lado de um jenipapeiro verde e forte. A cajazeira, de pé, guardiã do sereno e do sol. Por perto, cadáveres de árvores, destruídas por todos nós, moradores da cidade. Lembro-me do Parque das Árvores Queimadas – A estética que a natureza não pediu, do nosso amigo Zenildo Barreto.

Logo, o pequeno pomar toma conta de tudo, com cheiro e recortes variados de luz e sombra. Cacau, coco, pinha, aracá, jaca, ouricuri, banana, acerola, caju. Traçando o pomar, um jardim colorido. Uma primavera sem fim. As mãos alcançam a roseira, o olhar chega até uma construção inacabada, com antigos sonhos, um galinheiro em festa, parede-e-meia com nosso muro. Mais ao fundo, a sofrida classe média espreme-se no Edifício Vila Clarissa. O cenário está no bairro de Pernambués.

Um link instantâneo faz-me rever Conceição do Almeida. Pintassilgos, rolas-fogo-apagou, bem-te-vis murmurejam lá e aqui. Como se o tempo não fosse o destruidor de tantos anos e o construtor de tantas esperanças. Seis da tarde. Bate o relógio. Batem, lá longe, sinos escondidos. Bate o velho carrilhão no velho Centro Histórico. Bate a saudade aqui, onde procuro o reencontro com minha cidade, a velha Almeida, o começo dos meus horizontes.

É a hora da oração. De minha oração. Curvo-me. Mercinho quer jogar dominó. Meu neto de três anos, como os pássaros nos galhos, equilibra-se nas calças do velho avô, negro da Boa Vista, colina almeidense onde guardo o umbigo da família. Do lado, o desequilibrado passarinho recobra o fôlego, parte. Do outro, não me recomponho de emoção, estendo a oração para Mercinho e a família. A inspiração, ferramenta que procuramos sempre, chega de repente. A Cantina da Lua é o mote. De um pulo só, vou até o prédio nº 2 da Praça Quinze de Novembro, antigo Terreiro de Jesus.

O lugar, depois de ter sido casa bancária, redação de vários jornais, berço de nascimento do grande estadista Agrário

de Menezes, sala da diretoria da Faculdade de Medicina, teve sua parte térrea ocupada pelo Bazar Americano, de Eduardo Augusto dos Reis, que, alguns anos depois, teve como sócio o seu genro, Walter da Costa Pinto. Bem antes, o prédio já tinha acolhido a Pastelaria Pombo.

A Segunda Guerra Mundial bateu em nossa porta. O Brasil vivia intensamente as crises provocadas por ela. A financeira era uma das piores. Eduardo esteve perto de fechar o bazar, mas surgiu a possibilidade de sobrevivência com a sublocação das duas portas que faziam limite com a Igreja de São Pedro dos Clérigos. Conversando com Renato Santos, de quem eu era amigo, saiu uma proposta de se fundar ali uma cantina, que Renato, de bate-pronto, logo batizou de Cantina da Lua, numa época em que a lua ainda era um dos mais românticos símbolos da terra, a lua dos apaixonados, dos enamorados, de todos os boêmios.

Era urgente se fazer contrato, mesmo verbal, de aluguel. Inicialmente, o que separava o Bazar Americano era uma parede simples, de tabique, com um balcão tosco de madeira envernizada. No balcão, a fortuna do paladar dos frequentadores estava num litro de infusão de cambuí, erva-doce, casquinha de laranja, milome, catuaba, pau-d'arco, cobra-coral para os mais corajosos, folha de cidreira e uma variedade enorme de bebidas, sem faltar a famosa Jacaré, que se orgulhava de ser a aguardente de cana mais cara da Bahia. E vinham junto a Tatuzinho, a Saborosa, o conhaque Alcatrão, Presidente, o tradicional conhaque Castelo, o Macieira e o Domeck.

Renato Santos era um diplomata, pessoa de baixa estatura, de pele clara, olhos verdes e cabelos castanho-claros. Mas de poucas palavras, para um raciocínio rápido e soluções para todas as situações.

A Cantina da Lua nascia no fim da guerra, mas sob o símbolo da paz. Tinha como seus principais frequentadores os doqueiros estivadores, os marinheiros, policiais da extinta Guarda Civil, além de letrada clientela da Faculdade de Medicina, com os estudantes e os legistas do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, como o Dr. Charles Pitex, Dra. Maria Tereza, José Francisco, Nelson Sena de Carvalho, o professor Estácio de

Lima, além de uma das figuras humanas mais imponentes que conheci, o Dr. Glauber Brandão, que era compadre de Renato Santos. Nas segundas-feiras, sem falta, Dr. Glauber transformava a Cantina da Lua em sua clínica ambulante, e atendia, ali mesmo, os despossuídos da sorte, os pobres que lhe procuravam. Não me lembro, mesmo remotamente, de alguma vez que ele deixasse de atender algum cristão. Na Cantina da Lua, ele auscultava, verificava a pressão do sujeito, dava dinheiro para o transporte para um e outro e, muitas vezes, encaminhava para internamentos em hospitais. Era uma espécie de major Cosme de Farias da medicina.

A Cantina dava os primeiros passos com uma clientela eclética, quando surgia a nossa Petrobrás, criando a categoria dos petroleiros, que se assemelhavam, em status, aos estivadores. Na realidade, o transporte de cargas para Salvador era feito pela Baía de Todos-os-Santos, principalmente aquelas vindas do Recôncavo. Nesta época, o Centro da cidade era habitado por boa parte das famílias tradicionais, que já estavam de mudança para morar no Corredor da Vitória, Graça, Barra, apontando para um novo padrão de vida alto e caro.

Salvador experimentava a fase do desenvolvimento. Imagine o leitor, não tinha nem mesmo táxi. Lembro-me que na porta do Bazar Americano, no Terreiro de Jesus, havia três bombas de gasolina: uma nas imediações da casa funerária, A Decorativa; outra, em frente ao próprio Bazar Americano; e a terceira, em frente à Igreja de São Domingos de Gusmão. Era esta que abastecia as lotações e os carros de aluguel, tendo Pindoba como um dos donos da maior frota.

Falando em carro de aluguel, não posso, jamais, me esquecer de uma figura ímpar, que inicialmente trabalhou nos carros de Pindoba como motorista, e, depois, quando os táxis começaram a rodar, ele teve o seu. Estou me referindo a Milton Ferreira da Silva. Ele tinha, mais ou menos, um metro e 80 de altura e 160 quilos, e foi, depois, ser motorista da prefeitura. O velho e generoso Ferreira teve um currículo rico. Foi, durante mais de uma década, o primeiro e único Rei Momo da Bahia. Não tinha concorrente, e, a cada ano, já se sabia que o rei era o mesmo, até porque, além de fazer tudo por amor, o mais

puro amor, encarnava como ninguém, até hoje, a figura do carnavalesco, alegre, comunicativo, festeiro, amigo de todos.

Uma lembrança da alma de Ferreirinha é sempre constante. Todos os anos, no mês de fevereiro, sua residência, que ficava na Rua Vinte e Cinco de Dezembro, na Cidade Nova, tinha as portas abertas para um grande caruru. Ao lado de Dona Lourdes, sua esposa dedicada, amiga e não menos alegre e festeira, Ferreirinha recebia os amigos e quem mais por ali passasse. Era uma coisa de cinema. Muita fartura de comida e bebida, todos comiam muito e bebiam também até altas horas da madrugada. Os convidados saíam mais pra lá do que pra cá. Era tanta festança! Ferreirinha e Dona Lourdes, de sorriso e corações abertos, sempre solícitos e cordiais, não deixavam que nada faltasse para os amigos. Polivalente, cheio de conhecimentos adquiridos em sua vida de vários afazeres, Ferreirinha ainda era poeta e acabou fazendo um poema em minha homenagem, quando passei na admissão do Colégio Severino Vieira, na época em que o ensino público era respeitado, tinha credibilidade e era um verdadeiro sinônimo de grandeza.

Como meu incentivador, Ferreirinha não teve dúvidas e despejou os seguintes versos: “Clarindo sem rindo é Cla/Tiraram o Cla de Clarindo/Deixaram o Clarindo sem Cla/Clarindo passou na admissão/Também vai passar no vestibular”. Em outro momento muito marcante do meu começo, quando tive uma demanda com Renato Santos com relação à renovação de arrendamento da Cantina da Lua, Ferreirinha, que era compadre de Renato, veio perguntar quais eram as minhas pretensões reais. Conversamos, disse a ele o que desejava, o que sonhava. Num belo final de semana, na casa de Renato Santos, num encontro regado a vinho do Porto, que Renato tanto adorava, ele resolveu renovar o contrato, pondo fim a uma situação que só tinha nos desgastado.

Na realidade, a Cantina da Lua já vivia os seus grandes momentos no Centro Histórico, época em que o bonde da Barra/ Canela ainda fazia hora na porta da Casa Bancária Borges. O Terreiro de Jesus, então, com sua fonte luminosa e seus coretos onde as bandas e retretas se revezavam, assistia e aplaudia o velho centro, o Pelourinho, o Cruzeiro de São Francisco, a Praça

da Sé, verdadeiros espaços-símbolo do Carnaval. Era o nosso quartel-general, a fortaleza da alegria, com Os Inocentes em Progresso, Cruz Vermelha, Fantoches, Filhos do Morro, Filhos de Gandhy, Filhos de Obá e Mercadores de Bagdá, de Nelson Maleiro. Ele foi o precursor dos instrumentos de percussão na Bahia. Tinha sua tenda na Barroquinha. Era um negro forte, filho de Santo Amaro da Purificação. Foi músico, remador e presidente por muitos anos dos Mercadores de Bagdá. Inventivo, cheio de ideias criativas e geniais, Nelson Maleiro não deixava por menos. Eu era menino quando vi uma bicicleta com seis lugares na Lavagem do Bonfim. Tinha um dragão cuspidor de fogo. O inesquecível Nelson foi o artesão dos primeiros carros alegóricos d'Os Internacionais.

Fazia-se o Carnaval das famílias, com as cadeiras de lona colocadas na rua, fora das residências, ao longo da Misericórdia, na Rua Chile, Carlos Gomes, Avenida Sete de Setembro, Viaduto da Sé, no próprio Terreiro de Jesus e Cruzeiro de São Francisco.

A Cantina da Lua tinha em seus arredores a Pastelaria Perez, o Bar Brasília, de Bigodinho, o Lanche Moderno, a Casa Varela, o Ponto de São Francisco e a vizinhança de boa parte das famílias tradicionais que na década de 1960 começaram a deixar a região, seguidas dos principais equipamentos importantes do Centro Histórico, como foi o caso, na década de 1970, da Faculdade de Medicina, nossa querida Faculdade de Medicina, a primeira do Brasil, que chegou a ser parcialmente destruída, inclusive, e o Teatro Alfredo de Brito.

Com a saída da Faculdade de Medicina, vão embora também o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, a Academia de Letras da Bahia, a Fábrica de Macarrão Progresso. Foi uma época triste, com a desativação do Plano Inclinado Pilar e do Elevador do Taboão. Foram fechados a sede do Incra, o Cine Santo Antônio e o Cine Popular; desativaram o terminal de ônibus da Praça da Sé, além da saída das administrações municipal e estadual. Neste momento, começam o empobrecimento e a decadência do nosso Pelourinho. Cinquenta e oito casas comerciais fecharam suas portas, o esvaziamento foi geral. Por causa disso, Renato Santos, demonstrando cansaço, resolveu arrendar de vez a Cantina da Lua.

No ano de 1971, torno-me o arrendatário da Cantina da Lua, depois de ter trabalhado por 17 anos no Bazar Americano, onde comecei como empregado doméstico, batedor de ferrugem, auxiliar de balcão, balconista, subgerente, gerente e contador. As atividades tinham que ser múltiplas e tive a honra de ter trabalhado no jornal A Tarde, sob o comando do responsável jornalista Otacílio Fonseca; no Jornal da Bahia, com Ronald Aguiar; e na Tribuna da Bahia, com Quintino de Carvalho.

Ao sair do Bazar Americano, deixava também o jornalismo, depois de longa conversa com Renato Santos, quando resolvi, definitivamente, arrendar o ponto, isso sem o aval dos meus pais. Meu pai dizia que era muito difícil um homem letrado lidar com bebidas e com homens que andavam de copo na mão ou dormiam no sereno. Mas terminaram por concordar. O capital para comprar um fogão Astória de uma boca, uma chaleira, uma caçarola e uma panela pequena, além de tira-gosto para o primeiro dia, foi financiado pelo meu pai. Imaginem!

O velho me emprestou o dinheiro numa quarta-feira, com uma condição: eu tinha que devolver no sábado, porque com este dinheiro ele fazia o pagamento, no domingo, aos seus fornecedores de coco, azeite, rapadura e outras mercadorias que vendia na Feira de São Joaquim. Deus não me abandonou, e na sexta-feira já pude pagar o investimento.

Eu e Renato fizemos um contrato de um ano, somente como fase experimental. Mas eu estava seguro, afinal, tinha trabalhado com Walter da Costa Pinto no Bazar Americano, um dos donos do estabelecimento, ao lado de Eduardo Augusto dos Reis. Walter era um homem extremamente exigente: tudo que fazia e que tinham que fazer para ele precisava ter qualidade, ser bem feito. Posso dizer, com muito orgulho, que foi ele o grande responsável por boa parte de minha formação. Eu chegara ao Bazar Americano com 12 anos e estava saindo com 29, armazenando grande experiência no ramo e bagagem humana para aceitar o novo desafio com a cara e a coragem.

Já proprietário da Cantina da Lua, como arrendatário, tive surpresas e situações complicadas para resolver. Patinava daqui, acertava acolá, procurava conhecer muito bem cada frequentador.

Logo no primeiro dia, lembro-me, Renato Santos ficou do lado de fora do balcão, e cada cliente que chegava ele indicava a preferência de cada um. Renato sabia de cor e salteado o tipo de bebida e de petisco que o sujeito tinha costume de pedir.

Eu tinha ao meu lado, para enfrentar a empreitada, o mano Edvaldo, que logo ganhou o nome artístico de ‘Robson’, pelo qual é conhecido até hoje. Edvaldo tinha pouca experiência, trabalhara apenas em uma fábrica de sapatos, onde fazia entregas, e, depois, como cobrador de uma loja de móveis. Portanto, sem nenhuma prática no novo ramo. Mas tinha vontade e garra. Foi assim que começamos o primeiro dia à frente da Cantina da Lua, vendo Renato dar as devidas orientações: “Bota uma dose de catuaba para Urubu Malandro”, “E você, Miúda, vai tomar erva-doce?”, “Bota uma pura para Benício”. Benício era porteiro do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e ex-companheiro de cangaceiros.

Foi assim que, rapidamente e com muito humor, fomos conhecendo a personalidade e o perfil de cada um dos nossos clientes, principalmente quando a roda de dominó, com muito movimento para a casa, esquentava. Na melhor de três, valia o pagamento de uma cerveja. Renato era exemplar, cuidadoso e, muitas vezes, categórico, dizia: “E você, está com dinheiro para pagar, se perder? Tem que pagar, porque agora quem está à frente do negócio é Clarindo. Ele está começando e não pode vender fiado”. De vez em quando, o jogo se complicava, porque alguém, algum engraçadinho, jogava fora algumas pedras dos três dominós que usávamos.

É bom que se diga que eram quatro jogando e mais de 15 ou 20 assistindo, ainda mais quando o jogo ficava duro e a cerveja demorava muito para sair. Havia os jogadores importantes, que acabavam deixando juntar até seis cervejas, mas, na hora de pagar, cadê o dinheiro? E isso provocava alguma confusão, logo resolvida.

Nesse período, o Terreiro de Jesus era um cenário povoado de figuras e personagens exclusivas, populares e curiosas da Bahia. A banca do engraxate Miguel, por exemplo, que se orgulhava de ter limpado os sapatos do ex-prefeito Heitor Dias e de vários vereadores, além de outras autoridades. As cadeiras

dos engraxates eram acolchoadas, devidamente confortáveis, e com destacados encostos feitos de tapetes de retalhos muito criativos e bonitos. Entre tantos, o profissional que mais se destacava, a figura mais conhecida era Leal, sujeito interessantíssimo, baixinho, com cerca de um metro e 60 centímetros, que proclamava aos quatro ventos, com orgulho, que tinha sido aluno do Mestre Bimba, de quem herdara dotes especiais nos campos da capoeira. E isso era verdade! Pude comprovar um dia, numa briga de rua, muito comum depois que os nossos clientes tomavam “umas quatro e 44”, como dizia Júlio César, “o Imperador do Rádio Baiano”. Leal enfrentou quatro homens da Guarda Civil, que certamente não confiaram que ele pudesse fazer muita coisa com aquele tamanho. Leal não deixou dúvidas. O primeiro levou um martelo, o segundo recebeu um rabo-de-arraia, e ambos caíram num buraco que estava sendo aberto para a colocação de uma bomba de gasolina, instalada tempos depois.

O mais engraçado é que os outros dois guardas que ficaram do outro lado da rua não sabiam se socorriam os colegas acabados, no buraco, ou se saíam correndo atrás do Leal, já em disparada, entrando na Rua João de Deus, nº 4, onde ficava o bar do saudoso tenente Albino, que no dia deste episódio ainda era sargento.

Leal sumiu, passou alguns dias sem trabalhar, e todos sentiram a sua falta. Era uma figura bem característica. Sempre vestia duas camisas, paletó, gravata e sapatos bem polidos, de preferência que tivessem duas cores, preto e branco ou marrom e branco, e, na maioria das vezes, com uma camisa do bloco Apaches do Tororó, doada pelo jornalista Rêmulô Pastore. Pela manhã, quando chegava ao Terreiro, mansamente Leal armava sua cadeira. No começo, era de madeira, depois, apareceu um prefeito que tinha mania de padronização e conseguiu acabar com o brilho da diversidade das cadeiras. Cada engraxate tinha uma. Algumas bem criativas e outras de um mau gosto tremendo.

Leal costumava chegar na lotação de Amaralina, que esperava, pacientemente, debaixo de um pé de flamboyant. Quando chegava à Cantina da Lua, espreguiçava-se todo e, de sua estatura

baixinha, pedia logo uma, a primeira do dia, “para abrir o apetite”. A partir daí, a cada sapato que engraxava, era mais uma. No meio da tarde, já um pouco zozzo, pedia falando alto: “Bota uma capeta aí para Leal! Bota pura. Aliás, pinga um pouco de vinho, pois quem bebe pura é o tihoso”.

Assim era. Por volta das 17h, Leal fechava sua banca, quando conseguia fechar, guardava os equipamentos e, nesse instante, não era só o Leal. Passava a querer ser chamado de Raimundo Falcão Leal Neto, descendente de escravos, filho do negro Sinhô, e começava a convidar Deus e o mundo pra comer uma feijoada ou um sarapatel na casa dele.

Leal falava com tanto entusiasmo que várias vezes a pobre da Dona Maria, sua esposa, teve de servir um feijãozinho que estava sendo preparado para o outro dia. Dona Maria, uma negra lavadeira que batia na barrela dia após dia, tinha a alma boa e muito sofrida, principalmente quando Leal, que morava no Sítio Caroano, passava do ponto e não dormia em casa. Pela manhã, estava lá Dona Maria à procura de Leal. Até que um dia, ele foi atropelado na pista bem em frente ao Quartel de Amaralina. Graças a Deus e à ajuda de alguns amigos, como Jehová de Carvalho, Juarez de Oliveira e Júlio César, apesar dos 80 e poucos anos, sobreviveu e, depois de algum tempo, voltou ao trabalho com as mesmas artes. E parecia mais rico, como ele falava. Ganhou até alguns paletós novos, presente de um grupo de amigos, inclusive do poeta, jornalista e escritor Carlos Verçosa, que fez um dos poemas mais lindos que já li a respeito de Leal.

O homem virou personagem e, de repente, se transformou em alvo e modelo de fotografias para turistas e matérias de jornais, chegando até a ser protagonista de um curta-metragem produzido por Tuna Espinheira. O mais importante, porém, era o seu ciclo de amizades. Num determinado Carnaval, Leal foi atração do Apaches do Tororó, ao lado de Rêmulo Pastore. Foi um sucesso estrondoso. Leal se sentia como se fosse um rei, foi o prato do ano. Com isso, ele não parava de tomar as cepadas, e, mais uma vez, foi atropelado. Mesmo com todos os cuidados que teve, não conseguiu sobreviver depois do traumatismo craniano. Leal foi sepultado no Cemitério da

Quinta dos Lázaros, com direito a discursos, manchetes de jornal, noticiário de rádio e televisão.

Deixou Dona Maria viúva, alguns filhos e netos que ele ajudava a criar. Começava uma nova era para Dona Maria, que viveu com Leal 50 e poucos anos, morrendo aos 93. Mas outros engraxates continuaram a batalha no Terreiro de Jesus.

Os muitos lambe-lambes, fotógrafos que inicialmente enchiam o Terreiro, mais ou menos uns 10, pareciam artistas, tal o nível de criatividade deles. Mostravam fotos com gente bonita, e as máquinas eram verdadeiras caixas espelhadas. Eles tinham sempre caixas de talco de marcas variadas para suas clientes, além de batom, caso alguma dama necessitasse. Faziam concorrência às grandes lojas de fotos das redondezas, como a Ideal, situada na Baixa dos Sapateiros. Ali, se resolvia qualquer emergência fotográfica. Não posso deixar de me lembrar da Foto Reportagem Aurora, do meu amigo Nilton Silva, que funcionava no Edifício Bouzas e no Cruzeiro de São Francisco, n° 5, 1° andar.

Nilton era apaixonado pela arte de fazer fotografias, além de ser fundador do Bloco da Aurora, nome da sua mãe, a quem ele não se cansava de homenagear. O bloco fazia vários eventos, como festivais de música com temas do Carnaval e outros que eram disputados palmo a palmo, por grandes compositores, e, modéstia à parte, tive a oportunidade de participar de alguns, ora em parceria com o amigo Wilton Santos, ora com o meu parceiro Sílvio Mendes, ‘o narrador-show’.

Nilton Silva era mais do que um carnavalesco, porque apaixonado pelos grandes festivais realizados na quadra do antigo Colégio São Salvador, responsável pela iniciação de grandes profissionais da Bahia, que ficava bem próximo ao terminal de ônibus da Barroquinha, ao lado da redação do antigo Jornal da Bahia. Uma das grandes virtudes de Nilton era o amor que ele tinha por Salvador e a lealdade ímpar com os amigos. Lembro-me bem que, ao lado de Mário e Verinha Furacão, o primeiro como assessor direto e a segunda, como relações-públicas, ele mantinha uma excelente relação com a imprensa, o que deixava o Bloco da Aurora sempre em evidência quase o ano todo, o que não era comum naquela época. Lembro-me

ainda, como se fosse hoje, de Nilton Silva no pé do balcão da Cantina da Lua, fechando contrato verbal para a sonorização dos ensaios do bloco, bem como para o acompanhamento do carro de som no Carnaval durante todo o trajeto.

A sonorização era feita por João Santana, filho do comerciante bem sucedido com negócio no Cruzeiro de São Francisco, nº 4. Era a Casa Ferreira, que vendia peças e acessórios para carros. João, desde cedo, ajudava o pai, e não sei por que cargas d'água ele era totalmente diferente do irmão, coronel Santana, que abraçou a profissão de médico pediatra, com destaque especial dentro e fora da corporação em que servia. João enveredou pelo campo da eletrônica, começando na parte lateral que dava acesso ao 1º andar da Casa Ferreira, consertando rádios e toca-discos.

A loja de João cresceu demais, transformando-se numa pioneira em instalações de carros de som e no invento de alguns aparelhos de som, surgindo ali a Teltron, que logo teve filiais no Campo Grande, Tingui, Desterro e Iguatemi. Contudo, João jamais foi de querer abandonar os amigos, e não abandonou o costume de visitar quase todo final de semana a Cantina da Lua, onde se reunia com sua turma. O fundo musical que animava os encontros era a canção Menina do anel, de Caetano Veloso.

Em um Carnaval, Nilton Silva fez uma coisa realmente nova: botou na avenida um caminhão de mulheres para desfilar em trajes de praia, o que se transformou na maior polêmica do Brasil. Logo depois, Nilton contratou um micro-ônibus com som para o ensaio dos blocos e para os desfiles no Carnaval. Ele era uma figura excepcional. Tinha um verdadeiro coração de mãe. Era capaz de tirar a roupa do corpo para ajudar um amigo em dificuldade. Quando fui candidato, em minhas campanhas, ele fotografava todos os eleitores que precisavam desse serviço, sem nunca cobrar um tostão. Isso sem falar nas fotografias que fez quando recebi o título de Cidadão de Salvador, proposto pelo vereador Arnando Lessa em 1985, tendo me acompanhado a ponto de recortar todas as matérias que saíam a meu respeito ou a respeito da Cantina da Lua, e montando um álbum especial em outra ocasião importante de minha vida, quando

recebi a Medalha Thomé de Souza em 1995, indicação do vereador e professor Germano Tabacof, com o Plenário Cosme de Farias lotado.

De novo, Nilton generoso. Fez um álbum até com convite e me ofereceu sem cobrar um centavo. Isso me leva a falar de sua companheira Jou, que assimilava completamente a generosidade de Nilton, chegando mesmo a ficar de pé no balcão da Cantina toda tarde de domingo, bebendo umas cervejas e se deliciando da batatinha do mestre. A companheira de Nilton Silva, como ele, também fazia questão de beber de pé, no balcão. Jou tinha 50 e tantos anos, e veio uma grande surpresa. Nilton me deu notícias de que ela estava gestante. Apesar da idade dos dois, a criança de Nilton e Jou nasceu saudável. Infelizmente, meses depois, Nilton morria do coração em plena Ladeira da Praça, próximo à Foto Reportagem Aurora.

Nilton Silva, amigo de Tina, amigo de João, meu amigo e amigo de dezenas de amigos, subitamente desaparecia, como num apagar suave de luzes: uma luz que nunca se apagou em definitivo, porque gente que passa pela terra com o perfil do Nilton, com seu jeito e sua sensibilidade, não podemos apagar da memória, nem do coração. Nilton Silva, no coração do Pelourinho e dos amigos, é uma figura eterna. Nunca morreu.

Terminado o primeiro ano de contrato como arrendatário da Cantina da Lua, eu dei de cara com um problema, exatamente o meu interesse em renovar o arrendamento, pois o primeiro ano mal dera para arrumar a casa, dar à Cantina uma nova dinâmica, conquistar uma nova clientela, composta especialmente por comerciantes, empresários da área e seus funcionários, que passavam na porta da Cantina da Lua, mas não ousavam entrar, com receio do grande burburinho causado pelo jogo de dominó e, claro, ecoado por algumas pornofonias que sacudiam as tardes de vez em quando.

Mesmo com a zoada toda, sempre aos sábados, alguns comerciantes, meio desconfiados, entravam na Cantina para tomar uísque, outros para tomar uma geladinha ou comer um bom tira-gosto, pois eu já tinha uma variedade grande, uma coisa que Renato Santos não fazia. Entrava, por exemplo, Afonso Bustani, que tinha um armarinho juntamente com

Abdala Elgaid, que, por sua vez, também tinha um armarinho na Alfredo Brito, nº 1, e que, em alguns momentos, me ajudara quando eu trabalhava no Bazar Americano.

Evidente que, além de dar duro no bazar e de estudar, quando podia, sempre fui obrigado, como tantos outros, a ter outros bicos, como trabalhar de engraxate aos domingos e feriados. Essa banca de engraxate ficava no final de linha do Pau Miúdo, onde morávamos, e se transformou numa banca que também vendia miudezas.

Meu sonho, minha luta se destinava a transformar uma família pobre e numerosa como a minha, numa família unida, que pudesse vencer e crescer social, cultural e economicamente com a força do trabalho.

Num certo dia, comprei uma promoção na Baixa dos Sapateiros: exatamente dois sabonetes da marca Regina. Ao vendê-los na banca de engraxate, deu para comprar quatro e mais uma caixa de missi – prendedor de cabelo –, e, daí por diante, não parei mais. Em época de festas, o amigo Abdala estava sempre me vendendo, parceladas, as mercadorias que permitiam ampliar minhas vendas. Tinha um terceiro comerciante, que já era meu cliente do Bazar Americano, que, num final de ano, em retribuição ao bom atendimento que eu lhe dava, me deu um sapato de presente e algumas folhinhas. Chamava-se Pascoal Romano, descendente de italiano, altura mediana, de pouco falar, mas com uma visão de mundo sem igual, o que nos levaria a chamá-lo até de ‘Profeta’. No rosto, olhos azuis muito significativos, como duas bolas de gude, muito embora já houvesse perdido a cabeleira negra, ficando completamente careca.

Pascoal ficava a tomar o seu uísque e a comer carne-de-sol com farofa ou charque com farofa e pimenta. Por causa disso, levei um susto! Em conversa com minha comadre Celita, esposa de Pascoal, descobri que ele era hipertenso, e nem de longe poderia estar ingerindo sal. Imediatamente, eu mesmo comecei a mudar o tira-gosto de Pascoal, que era o dono da Jacyara Calçados, mantida por boa equipe de funcionários que logo começou a frequentar a Cantina da Lua. Tinha Ana Mazzei, uma trintona forte, de cor clara, de

fino trato, atenciosa com os clientes. Tinha Dina, branca, de estatura mediana, cabelos castanho-claros bem longos. As idas e vindas de Dina entre a Cantina da Lua e a Jacyara Calçados transformavam-se em verdadeiro desfile na passarela do Terreiro de Jesus. Era dona exclusiva de uma elegância que mexia, de verdade, com o mais insensível dos mortais. Por incrível que pareça, ela possuía uma timidez monumental e se comunicava pouco. Já Ana, moreninha alegre, era o oposto de Dina. Bem comunicativa, proprietária única e vaidosa de um corpo de manequim. Outros funcionários da loja de Pascoal vinham reforçar o clima alegre, jovial e descontraído da Cantina da Lua. Não posso me esquecer do Mário, moreno, baixo, estilo de fazendeiro, que disputava com Bira a liderança das vendas, bem como Manuel, ‘O Venturoso’. Tinha ainda Raimunda, que era uma doçura de pessoa.

Pois é, esse formidável grupo comemorava todos os aniversários na Cantina da Lua. Mas, num certo domingo, à tarde, voltando de sua chácara em Itapuã, em meio a uma conversa, Pascoal Romano sugeriu que eu acabasse com o jogo de dominó, porque ele considerava um evento nocivo ao crescimento da Cantina da Lua. Apesar de a Cantina ocupar somente duas portas, o sonho de Pascoal era que ela ocupasse o prédio todo. Argumentei, explicando que o dominó segurava muito o movimento da Cantina, mas que iria pensar em sua orientação.

Alterei, então, os horários do jogo de dominó. A turma começava logo quando abria o estabelecimento. Mudei para a parte da tarde. Em seguida, permitia o dominó só à noite, e, depois, só se jogava aos domingos e feriados. Passado algum tempo, foi extinto o jogo de dominó na Cantina da Lua. A mesa de jogo ganhou um jarro com flores e uma farinheira. No lugar do jogo de dominó, forte e vaporosa, nascia a ‘Feijoada da Lua’. De tão gostosa e famosa, provocava enorme fila de comerciantes, motoristas e até mesmo muitos moradores do Pelourinho. O sucesso foi tão grande que o dominó estava, de fato, esquecido. A reação de Pascoal? Ele riu com um sorriso largo de satisfação, e, já no Carnaval, me arranjava dinheiro para que eu pudesse estocar mercadoria e trabalhar tranquilamente no reinado de Momo. Ele mesmo fez a proposta: eu pagaria quando pudesse.

Tive sorte, porque o Carnaval foi ótimo, de arrepiar corações, e na própria Quarta-Feira de Cinzas, quando Pascoal chegou, às 13h, para abrir a Jacyara, eu já estava na porta esperando por ele com o dinheiro na mão. O homem era um iluminado: tudo que tocava parecia virar ouro. O contentamento de Pascoal foi emocionante para mim, quando contei o sucesso do Carnaval e das vendas. Saboreava cada palavra como se fosse garfada de feijoada. Num determinado momento, sentenciou: “Você será um grande vencedor”.

Que dúvidas eu teria mais? Desse dia em diante, elegi Pascoal Romano como meu conselheiro, meu guru, para quem falava dos meus problemas comerciais e familiares. Numa dessas longas conversas que mantínhamos, expressei minha preocupação e meu desejo de abrir ou comprar outro ponto, por causa das dificuldades em renovar o contrato com Renato. Eu me sentia inseguro. Pascoal achou boa a possibilidade de trazer os meus irmãos para junto de mim, para dentro da empresa, onde todos pudessem contribuir e crescer.

Nessa ocasião, surge um ponto na Ladeira do Prata, nº 1. Era uma porta, uma janela, um balcão num pequeno 1º andar, com uma cama que servia para encontros de maneira bastante promíscua. Ao adquirir o ponto, a vizinhança, então, começou a me falar sobre o que representava aquilo ali. Pintei tudo, lavei, arrumei, acabei com o acesso ao 1º andar e trouxe mais um mano para trabalhar comigo. Era o João, ajudante de relojoeiro, que foi batizado de ‘Rei’. Pequeno, o espaço chamado de Cantina da Lua Nova muitas vezes tinha mais movimento do que a Cantina da Lua, o que me obrigou a conseguir um ajudante para o ‘Rei’.

Alguns anos depois, vem a possibilidade de ampliar os negócios, e, mais uma vez, seguindo a orientação do amigo Pascoal Romano, adquirimos um ponto no Cruzeiro de São Francisco, nº 5, onde funcionava o Conceição, bar tradicional e onde todos sabiam (porque era muito falado) que ali se bebia o melhor cafezinho da área. Mas os donos estavam desmotivados pela falta de movimento. Assumimos, fizemos uma pequena reforma e chegara a hora de trazer outro irmão. Chegou para ajudar o Antônio, que logo ganhou também o nome artístico

de 'Tony Silva'. Ele morava em São Paulo, onde era cobrador de ônibus, e tinha agora a oportunidade de melhorar de vida.

Pascoal continuava a me orientar, como meu verdadeiro anjo-da-guarda. Na compra do Astronauta Lanches, eu precisava de um capital de giro e, pela primeira vez em minha vida, assinava um empréstimo bancário. Pascoal me apresentou ao Sr. Medeiros, gerente do Bradesco, Agência Sé, explicando da necessidade de um empréstimo para minha empresa. Medeiros era uma pessoa calma, cabelos grisalhos, de finura incomparável. Inicialmente, fez as perguntas de praxe: se eu tinha conta na casa... Deu-me a papelada para fazer o cadastro, mas eu não tinha quase que nenhuma informação, além daquilo que ele já sabia. De novo, Pascoal justificou o meu começo, e a saída foi um empréstimo pessoal, para ser pago em 10 meses, com juros bem baixinhos. Saí dali com as promissórias assinadas e avaliadas por Pascoal, que levou o pacotinho para minha comadre Celita assinar. Eu tive que fazer o mesmo com minha mulher, minha venerada Maria do Carmo. Com dois dias, o dinheiro estava na conta, com direito a talão de cheques com 50 folhas e privilégios como não pegar fila para depósitos, tomar cafezinho e desfrutar da amizade de funcionários como Brito, Wanderley, Nieta e tantos outros, que, de tanta proximidade, tornaram-se clientes da Cantina da Lua e do Astronauta Lanches.

A participação e o amparo que Pascoal Romano tinha em minha vida aumentavam. Ele até me avisou que, se eu tivesse dificuldades para pagar o empréstimo, comunicasse dois ou três dias antes para que tomasse as providências cabíveis. Isso foi uma nova injeção de ânimo, de otimismo. E, graças a Deus, todos os meses, dois dias antes, eu avisava que o dinheiro estava na conta.

Na realidade, falar de Pascoal Romano, de sua família, de Sherife e de Edgar, seus amigos e companheiros, muitas vezes meus avalistas, quando Pascoal, por qualquer motivo, não podia assumir, é agradável e difícil, por outro lado. Pascoal queria o desenvolvimento total da Cantina da Lua, para que eu ocupasse o prédio todo.

Quando andávamos juntos, ele admirava a beleza arquitetônica do Pelourinho, que já se arruinava. Pascoal me dizia: "Não vou morrer sem ver a Cantina da Lua ocupando o prédio todo".

Eu tinha deixado as redações dos jornais como repórter policial e consegui trazer para a Cantina da Lua alguns companheiros que não tinham o hábito de frequentá-la. E o nome da Cantina foi levado para as emissoras de rádio por intermédio de um cidadão de pele sardenta e que tinha influência na Rádio Excelsior. No mesmo dia que ele falou sobre a Cantina da Lua, ela foi citada em dois programas de grande audiência comandados por Júlio César Ferreira de Assis, ‘o Imperador do Rádio Baiano’, e Nilda Simon, programas que faziam eco na cidade. Júlio César, logo na abertura do programa, fazia a prece do dia, o que conquistou não só a audiência das donas de casa, como também dos motoristas e dos comerciantes.

A audiência era fantástica, porque havia horóscopo, receitas culinárias e muitas informações que movimentavam esses programas, com a participação de fãs, como Dona Dadá, que telefonava diariamente, e Filó, minha amiga, fã de Júlio César e minha grande incentivadora para as comemorações do aniversário do ‘imperador’, evento que passou a fazer parte do calendário da Cantina da Lua. Também as resenhas esportivas falavam sobre a Cantina, especialmente Alberto Lacerda, da Rádio Sociedade, o grande concorrente em audiência.

Então, a Cantina da Lua começou a frequentar a mídia e não parou mais, chegando ao ponto de, em alguns momentos em que a integridade da Cantina foi ameaçada, termos toda a imprensa a nosso favor. Júlio César, filho da cidade de Inhambupe, era um dos grandes apaixonados pela Cantina da Lua e foi quem mais levou artistas para se apresentar ali, para serem entrevistados em seus programas. Em bem pouco tempo, os frequentadores da Cantina da Lua conheciam Clara Nunes, Alcione, o Trio Nordestino, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Roberto Ribeiro, Pinduca (‘o Rei do Carimbó e do Serimbó’), Waldick Soriano, Bete Mendes, Zezé Motta, Antônio Marcos, Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda, Marieta Severo, Conceição Lacerda, Diana Pequeno, Agnaldo Timóteo, Tony Damito, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Simone, Bezerra da Silva, João Bosco, João Nogueira, Jair Rodrigues, Nelson Gonçalves e muitos outros.

Não posso deixar de frisar uma das minhas grandes emoções.

Além de ser amigo de todos os artistas, tornei-me compadre de Waldick Soriano, quando batizei uma filha dele, a doce Juliana, filha de minha comadre Valda. Nós víamos as oportunidades que a vida nos apresentava, não só na casa dos compadres Waldick e Valda, no Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, como também aqui em Salvador, em nossa residência. Batizamos Juliana na Igreja da Conceição da Praia. Waldick já tem um livro publicado com edição esgotada. Se ele publicar outro, por razões de justiça, deveria dedicar muitos capítulos à comadre Valda, amiga, companheira, mulher, mãe e, sobretudo, gente da melhor qualidade.

Júlio César não só me aproximou de muitos artistas de outros estados, ele foi além, integrando-me à comunidade das figuras artísticas da Bahia, como Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo, Batatinha, Riachão, Edil Pacheco, Ederaldo Gentil, Claudete Macedo, Miriam Tereza, Tuninha Luna, Nelson Rufino, Paulinho Camafeu, Chocolate da Bahia, Firmino de Itapoan, Cachoeira, Fia Luna, Nelson Babalaô, Dom Ratinho e Tião Motorista, e mais uma figura que já foi embora, mas que marcou época na Cantina da Lua: Oswaldo Fahel, fiel frequentador da Cantina, com uma característica única, porque era um dos poucos artistas que iam à Cantina da Lua e não bebiam. Só cafezinho, que não fosse requentado. Era o intérprete saudosos de Morena do Rio Vermelho, Pisa na barata e tantos outros sucessos. Oswaldo Fahel morava no Taboão – Edifício Orion – e descia e subia o Pelourinho quase que diariamente, sempre que retornava da emissora onde trabalhava como grande comediante e locutor.

Esses eram tempos que podiam chamar-se de ‘tempos dourados da Cantina da Lua’, pois, mesmo com a decadência do Centro Histórico rondando a todos nós, os boêmios, intelectuais e briteiros anônimos que frequentavam o Pelourinho enxergavam a Cantina da Lua como ponto de resistência, como porta principal de entrada do Pelourinho, assim como eram também o Bar do Beto, na Alfredo de Brito, e o Banzo, no próprio Largo do Pelourinho, no tempo de Joaquim, que se transformou numa figura popularíssima pela fama de suas comidas gostosas e por criar um urubu! Resistia também a

Galeria Treze, do meu amigo Deraldo.

Fase boa, em que a Cantina da Lua recebia a visita alegre e descontraída de uma geração de estudantes importantes, pois fazia parte da filosofia e do jornalismo, e eu consegui fazer grandes amizades, como Celinha, ‘a pérola morena’, uma espécie de pessoa que a gente sente logo amor à primeira vista. Um metro e 70 de altura, cabelos longos, expressão encantadora, rosto divinal, filha de Dona Carminha e Paulo Santos Silva, personagens dos mais populares da Bahia. Paulo me ensinou a perder a timidez. Foi com ele que aprendi um pouco do que sei sobre como falar em público.

A primeira vez que vi Paulo Santos Silva, que trajava fraque e andava com uma bengala na mão, fiquei impressionado e entusiasmado com o seu discurso, e nessa ocasião conhecia Manolo, Régis e Rêmulos Pastore, que começava no jornalismo levado pelas mãos do seu irmão Rafael para a redação do Jornal da Bahia. Ele parecia ter nascido talhado para a profissão e, em pouco tempo, revelou-se um grande profissional e um grande boêmio. Filho muito querido de Dona Zazá, Rêmulos era uma daquelas pessoas capazes de dividir uma bandinha de pão com os amigos. Perfil forte, um metro e 80 de altura, descendente de italianos, nascido na Baixa dos Sapateiros.

Rêmulos Pastore amou muitas mulheres, como amou a vida, amou o Apaches do Tororó e amou seus amigos. Lembro-me bem do dia em que Rafael Pastore bateu o carro e ficou hospitalizado. Rêmulos, que fazia da Cantina da Lua seu escritório emocional, começou a ir lá todos os dias com uma tristeza profunda, até o dia em que chegou com a notícia de que Rafael tinha ‘desaparecido’. Foi um dia triste para todos nós, amigos, familiares e colegas do Jornal da Bahia, onde Rafael era redator-chefe, mas sempre perto do mais humilde operário. Nos aniversários de Rafael, era uma verdadeira festa no jornal, da direção às oficinas, festa que começava na hora do fechamento da edição e durava até a aurora raiar, como dizia Jehová de Carvalho.

Rêmulos foi uma das figuras mais ilustres e importantes na trajetória da Cantina da Lua, muito especialmente nos momentos em que tivemos dificuldades. No exato instante em

que o Pelourinho parecia que ia ser varrido do mapa, que ia sumir, por causa do estado lamentável de abandono, nos reunimos na Cantina, juntamente com vários amigos, inclusive Ivanildo Santos, e criamos o Projeto Cultural Cantina da Lua. O velho Caxixi, apesar de ter um círculo de amizades muito grande, ficou muito decepcionado com algumas pessoas e confessou-me sua tristeza. Sugeriu-me, consultou-me, enfim, se ele poderia fazer suas refeições diárias na Cantina da Lua, até que voltasse a se equilibrar financeiramente, no que foi imediatamente atendido.

Caxixi era também uma dessas pessoas extremas, de ações puras, generosas, carregando a expressão do sofrimento. Num estalo, ele resolveu dar fim à vida. Deixou uma carta com poucas palavras. Na frase, atestava seu valor e seu reconhecimento: “Quero agradecer ao Sr. Clarindo Silva por ter matado a minha fome, e que Deus o ajude”. Certamente, Caxixi, Deus está me ajudando muito.

Muitas pessoas tiveram participação importante em minhas lutas. Este livro não teria páginas para registrar todas, ou teria que ser feito de páginas especiais, como estas pessoas foram. Um exemplo disso foi o vendedor de vassouras ‘Barbadinho’, que me elegeu como seu afilhado desde a época do Bazar Americano. Ele era baixinho, cabelos grisalhos e morava na Gregório de Mattos, em um pequeno cubículo. Devoto de São Cosme, toda vez em que me via, me abençoava da mesma maneira que meus pais, com beijo na mão e tudo. Infelizmente, isso, hoje, não faz parte da moda. É fora de moda. Com raras exceções, filhos e afilhados tomam a bênção de maneira antiga, com o toque físico na mão, que é um sinal de respeito, além de ser um momento de troca de energias positivas. Não posso me esquecer de Artur, mais conhecido como ‘Maré’, que vendia passarinhos, macaquinhos, pombos e galinhas e era constantemente enganado pelas ‘mulheres de vida livre’. Uma delas lhe prometia amor e fidelidade. Na verdade, parecia que era chefe da máfia, porque Maré era roubado sempre que a encontrava.

Num determinado dia, ele resolveu guardar o dinheiro das vendas em minhas mãos, com a devida autorização, dizendo que, se eu precisasse, podia gastar, mas isso eu sempre evitei. Mas,

numa certa feita, chegou um pedido de cervejas pela manhã. O meu dinheiro estava curto e paguei com a grana de ‘Maré’ que estava em minhas mãos. Pouco demorou e ele chegou com um freguês, explicando que precisava do dinheiro para comprar uns canários. Chamei-o no canto e disse que tinha comprado cervejas. ‘Maré’ ficou preocupado, porque queria comprar duas gaiolas com pássaros que, logo percebi, eram roubados. Minutos depois, chega a polícia à procura do material. ‘Maré’ tinha escapado de uma boa.

Numa outra ocasião, um sujeito muito sabido comprou na mão de ‘Maré’ um papagaio que falava tudo, gritava até gol do Botafogo, meu querido alvirrubro. Depois de alguns dias, o cidadão voltou alegando que o papagaio não estava abrindo o bico nem para comer. Queria o seu dinheiro de volta. ‘Maré’ mandou trazer o papagaio e o caso foi parar na polícia. Resultado: o papagaio que o sujeito devolveu não era o mesmo que ‘Maré’ havia vendido, e o sabido terminou ficando no xilindró.

São tantas as pessoas boas, humildes, folclóricas que passaram pela Cantina da Lua que fica difícil não buscar, lá no fundo da memória, alguma que, no seu todo, nos seus aspectos mais significativos e marcantes, represente um conjunto de alegria, sentimentos e muitas emoções. É o caso de Edmundo Pereira da Rocha, cliente do Bazar Americano, cliente da Cantina da Lua, amigo, conselheiro e, muitas vezes, meu socorro em horas de dificuldades. Era o mestre de obras, um pai de família exemplar e que criou e educou os filhos com o suor do rosto e os muitos calos nas mãos.

É impossível não falar de Luís Rens, em todos os momentos presentes em minha vida. Corretor da Fazenda Pública, ainda na época em que se pagava imposto com selo, numa sala do Edifício Derik, carinhosamente me dava todas as orientações, e, quando por acaso eu era autuado, ele logo se aborrecia. Sempre foi e é um grande e inestimável amigo. Hoje, ainda em suas caminhadas, quando sai do Canela, onde mora, me dá a felicidade de visitar a Cantina da Lua. Lembro-me também de Lessa, colega de Luís Rens, que parecia um irmão nosso, daqueles sempre preocupados com seus semelhantes. Lessa e Dona Margarida, sua esposa, além de me receber e à minha

querida Maria do Carmo em sua residência, permanentemente demonstravam preocupação com o meu futuro.

No afã de crescer para ajudar a família, eu trouxe para trabalhar no Astronauta Lanches o mano Bibiano. Como os outros, ele ganhou imediatamente nome artístico e ficou conhecido como ‘Silva’. Com a Cantina da Lua no Terreiro de Jesus e o Astronauta Lanches no Cruzeiro de São Francisco, eu pensava mesmo em voar mais alto, até porque não faltavam irmãos para colocar no trabalho. Bibiano era um extraordinário sapateiro que trabalhava nas proximidades do Cruzeiro de São Francisco, ao lado de um bom companheiro de nome Carlito. Ambos trabalhavam na oficina ortopédica que funcionava na Avenida Joana Angélica.

Ao trazer Bibiano, fui buscar outro irmão que terminou causando a maior polêmica, pelo seu radicalismo exagerado e teimosia sem par. As pessoas, por causa disso, achavam até que ele era meio desajustado. Quando ele dizia que algo era pau, mesmo sendo pedra, ninguém conseguia demovê-lo disso. Era um caso sério, mas, mesmo assim, resolvi dar uma oportunidade a Manoelito Silva, com um metro e 90 de altura, muito magro, com as características de Darinho, o jogador de futebol campeão do mundo, e não deu outra: a clientela lhe deu a alcunha do jogador, do grande craque, nome que, com o passar do tempo, ele se orgulhava em ostentar e até dizia que seu nome não era Manoelito, e sim Darinho. A família é a família. Em muitos casos, é uma solução para garantir o futuro e a resistência. Os dois últimos irmãos que vieram a se juntar à vida da Cantina da Lua foram Marisa e Inocêncio. Dois elos que distinguem as possibilidades de confiança e de trabalho, na base, enquanto continuo garimpando as resistências em todas as frentes.

Manoelito era marceneiro e mostrava seus serviços numa marcenaria há mais de 10 anos, sem nunca ter carteira assinada. Era um monstro para trabalhar, muito criativo, rei do improviso e extremamente radical. Ficamos longos anos juntos na Cantina da Lua, até Deus tê-lo levado em circunstância incrível, pois todos nós, até os dias de hoje, achamos terrivelmente misteriosa: Manoelito morreu dentro d’água, na praia da Pituba, sendo

arrastado pela correnteza. Seu corpo foi encontrado na praia de Amaralina.

Depois do Astronauta Lanches, tive a chance de comprar, num leilão judicial, em pleno Fórum Ruy Barbosa, o ponto comercial de uma famosa casa que funcionava em Amaralina, a conhecida Tenda dos Milagres. Comprado com um sacrifício enorme para cumprir as normas. Raspei os cruzeiros que tinha na poupança para comprar uma casa de morada, tomei uma grana emprestada na mão do amigo Edmundo Pereira da Rocha, tomei dinheiro emprestado na mão do Pascoal Romano, mas dei azar. O resultado é que o imóvel que abrigava a Tenda dos Milagres foi vendido e até hoje, lamentavelmente, não consegui recuperar o dinheiro trabalhado que empreguei em vão. Eu acredito na justiça divina daquele que faz justiça e espero que um dia ela seja feita e, depois de longos anos de espera e prejuízo, eu possa ter o ponto ou o meu dinheiro de volta.

Com todas essas situações, no final da década de 1970, Walter da Costa Pinto resolveu se desfazer do ponto onde estava, inclusive com uma demanda judicial que envolvia os proprietários do imóvel. Mas, graças a Deus e a Pascoal Romano, ao total e irrestrito apoio de Jehová de Carvalho, Rêmulô Pastore, Júlio César, Fernando José, Alberto Lacerda, Juarez de Oliveira, Sílvio Mendes, Alexandre Seixas, Geraldo José, Marco Aurélio, Mário Freitas, Oswaldo Jr, Armando Mariani, Walter Costa, e à imprensa de rádio, jornal e televisão, mais a sábia compreensão do Dr. Raimundo Paraná, a profecia de Pascoal Romano cumpriu-se e eu ganhei todo o prédio do Terreiro de Jesus, nº 2, para a expansão da Cantina da Lua.

Inicialmente, expandimos na parte térrea, numa vitória dura, suada, com noites e noites perdidas entre insegurança e preocupações diversas. Mas com o acalanto de uma fé inabalável e do otimismo de sempre, nortes de minha vida.

Mantinha firme em meu pensamento, como tinha conversado inúmeras vezes com Pascoal, a possibilidade de ocuparmos o 1º andar do prédio com um restaurante e um espaço cultural, e, depois de toda a limpeza, ousamos instalar somente o restaurante. Assim conseguimos ampliar nossa clientela, porque a fila que se formava por causa da 'Feijoada da Lua' revelava

que estávamos no caminho certo.

A 'Feijoada da Lua' era o único prato vendido, armado numa porcelana de najé. Eram feijão, carne e farinha. Com um detalhe: ousadamente, eu fazia o tempero. Era um estrondo quando o cheiro batia asas da cozinha para a rua. Era a mesma feijoada que servíamos no Astronauta Lanches, no Cruzeiro de São Francisco. Isso começou a atrair mais gente. Não havia somente o pessoal da região do Pelourinho, mas pessoas de outros lugares, de outros bairros, querendo provar a famosa feijoada. A fama cresceu e muita gente chegava com marmita, comprava e levava para degustar em casa. A feijoada adquiriu adeptos fiéis e abriu portas para que a Cantina da Lua começasse a servir outras comidas. Tivemos que criar novos pratos, inclusive um especial, que preparávamos para um grupo de jornalistas amigos que estavam fazendo dieta. Eles comiam verdura de segunda a sexta-feira, ao meio-dia, e à noite mergulhavam até no sarapatel.

À mesa, Pastore, Tasso Franco, Formigli, Paulo Tavares e outros companheiros. Imaginem que a feijoada ficou tão importante que ganhou admiração e ultrapassou fronteiras, entrando no roteiro da Bahiatursa, sendo considerada pela revista *Amiga* como a melhor da Bahia. O negócio fervia, e, para se ter uma ideia do poder de sedução do cheiro, quando chegava às 13h não tinha mais feijoada, e muitos clientes chegavam a comer feijão com ovos fritos.

E o caldo da feijoada apareceu logo no cardápio, porque à noite todos queriam experimentar. Depois vieram a quiabada, a moqueca de peixe, o bife ao molho e o fígado com verdura. E estourou também o angu encubado. Foi um prato que somente era servido na Cantina da Lua e, por isso, ganhou logo fama internacional. O prato que nasceu com apelo cultural. Normalmente, quando a feijoada estava pronta, eu seguia a receita de minha mãe, Maria da Conceição Silva, e não tinha erro. Ela costumava tirar o primeiro caldo, o caldo mais forte. Juntando farinha de mandioca, ela nos servia, alegando que dava muita 'sustância'. Como o angu era realmente gostoso, alguns amigos começaram a pedir. Os jornalistas exigiam. E ficou sendo o segundo prato mais vendido da Cantina da Lua.

Num desses sábados agitados, o jornalista Juarez Oliveira, narrador esportivo da Rádio Excelsior que, ao lado de Sílvio Mendes, marcou época na radiofonia baiana e era uma pessoa humanista, espiritualista, meu grande amigo, conselheiro e homem de fé, chegou para comer o angu. Colocamos o angu na mesa e ele não tocou no prato. E aí perguntei: “Mestre Jura, não vai comer o angu, não? Se deixar esfriar, perde o gosto”. Ele respondeu: “Estou esperando a carne”. Nesse momento, nasceu o nome do prato. Expliquei que a carne estava debaixo do pirão, guardada, encubada, e esse era o segredo. Por isso o angu encubado.

Juarez comeu tanto que teve até suadeira. Isso normalmente acontece, porque muita gente chama o angu encubado de comida pesada.

Com tudo isso, o 1º andar da Cantina da Lua começou uma nova caminhada. Virou espaço cultural, um dos mais importantes de Salvador, tendo se iniciado como galeria de arte, espaço para exposição de quadros. Mas o primeiro grande acontecimento cultural foi o lançamento do livro *Cavalaria*, de Carlos Sampaio. Os jornais anunciaram erradamente o lançamento para às 13h. Na verdade, seria às 19h. A Cantina da Lua ficou lotada nos dois horários. A Cantina ainda editou dois livros: *A Mulher de Aleduma*, de Aline França, e *Pássaro Azul-Manhã Celeste*, de Léa Fonseca e Georgiton Ganner. Outra importante contribuição cultural da Cantina da Lua foi ter garantido, até o presente momento, o lançamento de mais de 70 autores, além de exposições de artes plásticas. Fizemos a primeira exposição de quadros e artesanato de detentos da Bahia.

A Cantina da Lua crescia no prédio do Terreiro de Jesus, crescia para a Ladeira do Prata, crescia para o Cruzeiro de São Francisco e olhava com firmeza para a orla marítima de Salvador. Depois do grande prejuízo com a compra do ponto da antiga Tenda dos Milagres, a Organização Clarindo Silva conseguiu alugar, na Barra, mais precisamente na Rua Afonso Celso, um ponto comercial existente numa garagem no térreo de uma construção que funcionava como lanchonete e tinha uma varanda como alongamento da casa e um 1º andar. Inicialmente, pensei em ir morar no espaço, que era privilegiadíssimo,

mas, depois de conversas e reuniões com os manos, resolvi ceder para Bibiano morar com a família e administrar a parte superior, enquanto “Rei” administrava a parte térrea. E a Nave da Barra ganhou fama, com frequência de médicos, advogados, taxistas, empregadas domésticas e até profissionais do sexo, que se misturavam com os moradores das mansões. Tínhamos a presença de moradores da Roça da Sabina e do Calabar, ocupações que ficavam próximas do nosso estabelecimento. Felizmente, ninguém estabelecia diferenças sociais.

Nessa época, eu vivia muito tempo dentro dos negócios, porque fazia as compras das quatro casas. Dos meus quatro filhos, todos com vocações definidas, felizmente, Cléodo Mércio Alves de Jesus, que queria ser advogado, e conseguiu; Cláudia Marciana Alves de Jesus, administradora de empresas e professora universitária, também vitoriosa; Clériston Marcos Alves de Jesus, artista, dono de uma voz que me surpreende e a seus ouvintes atentos todos os dias; e Cléa Mercedes Alves de Jesus, culinária e nutricionista; o que mais se identificou com a Cantina da Lua foi o mais velho, Cléodo Mércio. Com oito anos de idade, ele já frequentava a Cantina para trabalhar e, muitas vezes, aos 12, fazia algumas das atividades comigo, principalmente, lendo as mensagens do dia que eu deixava escritas. Cléodo fazia isso com desenvoltura, sob os olhares admirados dos amigos frequentadores e do avô Manuel Borges de Jesus, meu velho pai.

Meu querido pai tinha a marca do homem do interior, nascido e criado em Conceição do Almeida, porém, caprichoso, ousado, forte, que sempre se orgulhou dos filhos que tinha. Papai era um negro de um metro e 70 de altura, mãos calejadas do trabalho braçal nas roças, quando começou, e depois nos armazéns de fumo, casado, pela primeira vez, com uma linda morena, Antonieta Moreira, morta de parto no quarto filho.

Durante muito tempo, meu pai não conversava com os filhos, a não ser assuntos extremamente necessários. Era muito fechado. Mas comigo, muitas vezes, abria o coração e falava do casamento com minha mãe, com quem teve 20 filhos. Meu pai, do seu jeito, foi um grande exemplo de vida. Primeiro, porque aprendeu a ler e a escrever aos 50 anos. Em seguida, enfrentou

o desafio a 162 quilômetros de Salvador, juntamente com minha mãe e mais 10 irmãos, sem ter de fato nada de definido sobre o futuro de tanta gente, família tão numerosa, a não ser o apoio da tia Chica, irmã de mamãe, de alma generosa, guerreira imbatível que articulou toda nossa vinda para a capital e nos deu a guarida necessária.

É um fato dramaticamente interessante: a correspondência que mandamos para a tia Chica, falando de nossa mudança para Salvador, chegou, de fato, depois que aportamos no terminal da Companhia de Navegação Bahiana (CNB), sem que ela estivesse ali nos esperando. Esse imprevisto acabou se transformando numa bênção de Deus, pois ficamos hospedados no Largo do Carmo, nº 4, onde a família do Dr. Constantino, de quem minha mãe tinha sido empregada doméstica ao longo de alguns anos, residia.

Lembro-me como se fosse hoje. Embora tivesse oito anos, fiquei o tempo todo debruçado na varanda do prédio, vendo, de maneira inversa, a paisagem lá fora, porque da entrada da Baía de Todos-os-Santos, quando avistei a cidade, gritei para mamãe: “É um presépio, que coisa linda!”. E bem dentro do presépio, eu apreciava o mar, numa noite de lua cheia, repleta de branco, transformando o mar num lençol de prata.

Aqui em Salvador, papai trabalhou na limpeza pública, foi vendedor ambulante na Feira do Retiro e depois na Feira de Água de Meninos, oportunidade em que estive perto e convivi com os ‘capitães de areia’ da época, inspiração para Jorge Amado. Enquanto meu pai e seus amigos viviam aquela vida nos cantos das feiras e ruas, eu estava catando cebola, laranja, manga e outras frutas da época para poder vender.

Novamente, Deus nos abençoou e meu pai conseguiu comprar uma barraca, que dividia com o meu irmão Bartolomeu, barbeiro de profissão. A barraca era barbearia e vendia coco seco. No incêndio da Feira de Água de Meninos, papai perdeu tudo. Sobraram a vida e a esperança para continuar, graças a Deus. Com muita luta, adquiriu outra barraca na Feira de São Joaquim, onde se aposentou. Nessa altura da vida, apesar dos meus demais irmãos já estarem no ramo com seus negócios estabelecidos, não sei por que meu pai escolheu

a Cantina da Lua como seu lugar, seu ponto para espiar o resto de sua vida, o lugar do seu dia a dia.

Nasceu aí o seu contato direto com o neto Mércio, a quem ele procurava ensinar. Eu, claro, preocupado com a grande diferença de idade entre eles, que era muita, conduzia aquele relacionamento com muito carinho. Meu pai, com mais de 70 anos, Darinho na faixa dos 30 e Mércio nem tinha pulado totalmente a adolescência.

Eu conseguia, de uma forma ou de outra, administrar essa diferença, até porque meu pai adorava bater um papo com os clientes, especialmente quando era mulher, mulher carnuda, como ele costumava chamar as mais gordinhas. Gostava de falar da cidade dele, das aventuras, do fato de ter tido 24 filhos. Na maioria das vezes, dizem que os filhos puxam aos pais. Em muitas coisas, segui os passos do meu pai, mas, quando dei de cara com as experiências sexuais, não podia seguir as pegadas do meu velho. Afinal, 24 filhos, naqueles tempos duros, era uma proeza. Eu não podia ter tantos filhos assim, mesmo porque as dificuldades eram muitas e eu tinha medo de aventuras, por causa das ditas doenças venéreas.

O mais popular médico dessa área na Bahia era o Dr. Boureau, que, por sinal, veio a fazer a minha cirurgia de fimose. As histórias que se contavam dele eram alarmantes: uns diziam que ele cortava o pênis do infeliz, que enfiava um tubo no canal que o sujeito sofria como se comesse o pão que o diabo amassou. Um belo dia, eu tive uma conversa, digamos assim, científica com o enfermeiro do Dr. Boureau, de nome João. Grande enfermeiro, prestimoso, que fez os meus curativos e tirou os pontos quando eu fiz a cirurgia de fimose. Ele me deu uma orientação categórica, para quando eu tivesse ereções logo depois da cirurgia, porque eu ficaria 45 dias de recessão, a ver navios: usar gelo nos pulsos. O método funciona. E João do Dr. Boureau me seguiu orientando e indicou Jontex, a melhor prevenção que existia para o cidadão não ficar doente nas relações sexuais. Assim, eu atendia aos meus dois fantasmas: evitaria ter um verdadeiro plantel de filhos e o de pegar doenças.

Ouvi o João, felizmente. Nunca peguei doença, e devo

isso aos preservativos, que uso há mais de 40 anos. Mas essa atitude não foi nada fácil de ser encarada. Na época, eu enfrentava uma tremenda discriminação, e na hora de comprar os preservativos me dirigia sempre à Farmácia Globo, no Terreiro de Jesus, bem em frente ao Bazar Americano. E era muito difícil fazer o pedido. Totalmente diferente de hoje, com tanta comunicação, com tanta informação. Naquela época, eu levava mais de 15 minutos para fazer o meu pedido, esperando que a farmácia ficasse vazia para ninguém ouvir o que ia comprar. E comprava, sempre, na mão da mesma pessoa. Uma jovem negra, cabelos bem tratados, unhas bem cortadas e pintadas, com um rosa-claro combinando com o batom que lhe acendia os lábios carnudos. No rosto, espocavam dois olhos grandes, cílios e sobrancelhas belos e naturais, um nariz, porém, empinado, de mulher desaforada. Mas com uma voz de sinfonia de Chopin.

Num belo dia, com toda maciez, ela me perguntou se eu poderia responder a uma curiosidade. Colocou tanta doçura na interrogação que fiquei acanhado e não tive outra saída a não ser dizer a verdade. Eu estava com a farda do meu querido Colégio Severino Vieira, tinha acabado de sair do Bazar Americano e estava inaugurando a farda que a patroa de mamãe me dera de presente. A farda, depois de ter passado pelas mãos da costureira, se adaptava perfeitamente ao meu manequim, vez que o dono anterior era gordo e bem mais alto do que eu. A farda parecia daqueles militares da época, com sapato preto, meia, gravata preta e um blusão de mangas compridas com botões tipo militar.

Como estava estreado uniforme novo e ia fazer uma prova de Matemática, precisando de nota sete para não ir para a final, tinha marcado com uma das colegas mais lindas para comemorarmos, se tirássemos as notas necessárias, eu sete e ela, oito. Mas a menina da farmácia me perguntou se eu tinha casa de tolerância, ou seja, se eu era dono de prostíbulo, dada a quantidade de preservativos que eu comprava. Na realidade, comprava para meu uso pessoal, mas comeci a comprar também para alguns colegas, e, com o ego machista falando alto, dizia que era tudo para mim. Resultado: eu e minha colega

tiramos a nota oito, mas não pudemos comemorar, porque o pai a aguardava na saída da escola. Tremendo azar.

Mas as coisas se complicavam entre a arrumação da Organização Clarindo Silva, Cantina da Lua com a matriz e mais três filiais, mais 30 funcionários. Os problemas foram se avolumando, envolvendo roubos e desperdício de materiais, mercadorias de um modo geral. A Cantina da Lua exigia mais e mais minha presença, pois o Pelourinho, com a saída de seus principais equipamentos e o surgimento dos shoppings, estava mesmo em crise. Durante anos, enfrentei a crise. Num determinado momento, eu resolvi arrendar a Cantina da Lua Nova a um casal de amigos, que, graças a Deus, comercialmente, foram bem sucedidos.

Eles fizeram um trabalho meticuloso, com muita ordem, calcado numa boa comunicação e planejamento, tanto que, quando me devolveram a Cantina da Lua Nova, inauguraram o seu próprio estabelecimento, o seu restaurante, com toda pompa, inclusive me homenagearam com uma placa de prata. Mas o destino não deixou que as coisas continuassem. Vieram, então, os planos do governo que tanto abalaram as classes sofridas, principalmente a classe média, que paga por tudo. Também fiquei em dificuldades. A primeira opção seria vender a casa onde morava, casa modesta, na Ladeira do Paiva, adquirida com muito suor e a ajuda de Deus e de Pascoal Romano.

Pascoal não se conformava com o lugar onde morávamos na Baixa dos Coqueiros. Depois de saltar do ônibus, ainda precisávamos andar um quilômetro. Apavorado, no mesmo dia estava com os anúncios dos jornais nas mãos, me ajudando a procurar uma casa para comprar. Foi assim que compramos a casa que chamei de ‘a casa dos sonhos’: jardim na frente, dois quartos no corpo da casa, mais três fora, com a copa no térreo, sanitário completo, cozinha boa. E pertinho do colégio dos meus meninos. Como os aluguéis, na época, não eram caros, resolvi vender o imóvel, investir nos negócios, e alugamos uma boa casa no Loteamento Lanat. Ficamos ali 13 anos, tentando vencer as dificuldades. Abrimos mão das filiais e seguramos a Cantina da Lua, embora naquele momento muitas casas fechassem suas portas. Preferi eleger a Cantina da Lua, definitivamente,

como meu porto seguro.

Foram dias difíceis, justamente porque as negociações dos pontos não chegavam a ser do meu agrado. Entretanto, sei que os manos que passaram pela Cantina da Lua e mesmo os que não chegaram a ser funcionários, que somente aprenderam em determinados momentos, hoje são também bons comerciantes do mesmo ramo.

A Cantina da Lua seguiu o seu destino lutando contra todos os planos ditos milagrosos, todos os pacotes e, o pior de tudo, a degradação do Centro Histórico de Salvador – 58 casas comerciais foram fechadas. Mas cada momento de dificuldade era como se fosse uma provação. Eu sempre busquei enfrentá-los com a fé viva que tenho em Deus, Todo Poderoso. Eu tinha certeza de que os tempos mudariam e que haveria uma esperança e um futuro nessa empreitada. Em 1983, nos reunimos na Cantina da Lua, boêmios, intelectuais, briteiros, e criamos o Projeto Cultural Cantina da Lua, cuja proposta era lutar pela revitalização do Centro Histórico e pela preservação da nossa memória cultural. Foi um momento de brilhante determinação de todos nós. Surgiu a Festa da Bênção.

Essas pessoas, com certeza, participaram da revitalização do Pelourinho, do nosso querido Centro Histórico. Inicialmente, através do ‘sim’ que João Santana oferecia, éramos atrevidos, armamos um palanque que um político chamou de ‘galinheiro’ e que na administração dele garantiu que o projeto ganharia palco digno, mas não cumpriu a promessa. Tínhamos uma parceria com a Revicentro, composta por várias entidades, inclusive a Arquidiocese de Salvador, mas, infelizmente, não tínhamos poder de fogo.

O sofrimento era grande, principalmente porque grande parte do dinheiro gasto nos eventos saía da própria Cantina da Lua, o que marcou um momento decisivo para nós. Em primeiro lugar, porque as dificuldades levavam o projeto a parar em alguns meses, mas a minha intenção real era só parar com o nosso trabalho quando o Pelourinho estivesse plenamente recuperado.

A saída foi buscar aliados. Fomos ao afoxé Filhos de Gandhi, que tinha na presidência Djalma Passos, liderando mais de três mil associados que só se reuniam no Carnaval. Cobramos

dele uma participação mais efetiva, mais intensa. Imediatamente, Djalma criou a Seresta do Gandhy, às terças-feiras. Em seguida, tivemos a sensibilidade e a compreensão da diretoria do Olodum, que só ensaiava aos domingos e passou a fazer os seus ensos também toda terça-feira. Obtivemos, também, o apoio total e a força da Sociedade Protetora dos Desvalidos, Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, dos Comanches de Jorginho Commancheiro e, assim, angariamos muitos adeptos de todas as categorias.

Com esse movimento, a Cantina da Lua se afirma como a grande trincheira da luta em prol da revitalização do Centro Histórico de Salvador e começa a enfrentar desafios e desafetos novos e insuspeitados. Mas homens de bem, preocupados com os destinos de nossa história e nossa cultura, vieram ao campo de batalha. O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), por intermédio do seu diretor, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima – por três vezes diretor do órgão –, sempre teve muito amor e dedicação à nossa causa. Cientista reconhecido internacionalmente, o professor Vivaldo, numa hora de angústia e dificuldades para a Cantina da Lua, deu vazão a uma ideia maravilhosa, propondo a criação do Piso Lunar, na parte externa da Cantina, entregando aquele espaço, no período de tempo recorde, para ser o primeiro espaço aberto no Centro Histórico de Salvador, com a colocação de mesas do lado de fora do estabelecimento, da mesma maneira como acontece nos bares das grandes cidades históricas da Europa.

Instituído há mais de 20 anos, o Piso Lunar, conforme pesquisa feita pelo Sebrae, é hoje o segundo lugar mais filmado e fotografado do Pelourinho. Se cada um de nós, mesmo tocado pela emoção, analisar isso com os olhos da confraternização, vai ver que é no Piso Lunar que se dá o verdadeiro sentido das Nações Unidas, porque pessoas do mundo todo, de todas as raças e credos, visitam-nos e se reconfortam com a história da Bahia. Claro que ‘nossas Nações Unidas’ são bem diferentes daquelas de lá. Na ONU, eles se reúnem em plena guerra para discutir a paz. Aqui, a gente se senta em plena paz para exaltar o amor.

É esta a reflexão que faço, aqui do terraço de casa, quando

anoto essas memórias ao lado de minha esposa, minha eterna Maria do Carmo, que não se afasta de mim e tem nas mãos, com seus cuidados, a recuperação de minha saúde. É a amiga, companheira, mãe dedicada, mulher e a melhor assistente social que há. “Filho, coma uma merendinha, você precisa se alimentar”, descarrega ela, brindando-me com um prato cheio de nossa vermelha e suculenta melancia, melão, mamão, maçã, manga, umbu e um suquinho de laranja indisfarçável. Magro, sempre, ganhava uns quilinhos com tanta dedicação, e avançava na memória.

É no Piso Lunar, até hoje, que gente de todo canto bebe, come, se diverte, conversa, se reúne, debate, fica em silêncio para olhar o quadrilátero do Terreiro de Jesus, sagrado quadro da história extraordinária de nossa Cidade de São Salvador da Bahia. Isso dá à Cantina da Lua o privilégio de ser, por outro lado, um dos maiores espaços culturais do Centro Histórico de Salvador. E isso não é por acaso. Nosso espaço é de resistência, depois da criação do Projeto Cultural Cantina da Lua, que proporcionou e promoveu debates sobre a degradação do Centro Histórico com políticos, professores, cientistas, Secretaria Estadual da Cultura e a comunidade, todos se mobilizando para salvar o Pelourinho.

Não faltaram, contudo, os idealistas do arraso, que sugeriam que o Pelô fosse totalmente destruído. Nós não parávamos um minuto. Manter a história de nossa cidade viva em sua arquitetura era manter o futuro vivo. E continuava a Festa da Bênção, que tinha cunho cultural e social e promovia agitação econômica, pois dezenas de moradores da área começavam a viver das vendas de produtos comercializados no evento, e do Samba do Terreiro, que não resistiu por mais de dois anos, por causa das grandes despesas para sua produção.

Uma das reuniões na Cantina da Lua fez com que a diretoria do projeto cultural optasse em fixar a Festa da Bênção mais aglutinadora, maior, mais ampla socialmente. Eu dava um jeito de trazer os mais variados artistas. A Câmara de Vereadores apoiava e incentivava com os parlamentares fazendo pronunciamentos elogiando as decisões e se incorporando à nossa luta.

Nascia o ano de 1985 e chegava à Assembleia Legislativa

a nossa proposta de revitalização do Centro Histórico, quando tive a oportunidade de fazer no plenário daquela casa um pronunciamento convocando o Governo do Estado e todos os deputados a liderarem, de uma vez, a campanha. Foi um momento em que a Assembleia Legislativa se emocionava, com vários deputados fazendo discursos e nos citando.

Em 27 de setembro deste mesmo ano, Dia Internacional do Turismo, a Cantina da Lua recebia uma homenagem da Emtursa, juntamente com outras empresas, no salão nobre do Othon Palace Hotel, quando toda a nata do turismo estava presente. Claro que, aproveitando para agradecer a homenagem, insisti em realçar a degradação do nosso Pelourinho. Graças a Deus, emocionei a plateia e, no outro dia, os principais jornais davam destaque às nossas palavras.

No mês de outubro, numa articulação muito importante do amigo Carlos Moura, assessor do ministro da Cultura para assuntos étnicos, vinha a Salvador para uma visita o então ministro Aloísio Pimenta, quando tive a oportunidade de participar da comitiva que o recepcionou, com direito a novo pronunciamento, dessa vez na Câmara de Vereadores, nossa grande parceira, e na Irmandade dos Homens Pretos do Pelourinho, onde o ministro foi homenageado. O Dr. Aloísio Pimenta encerrou o seu pronunciamento com a mesma frase que eu usara para encerrar o meu discurso na Câmara.

A emoção foi maior e me dominou na hora em que o ministro cometeu uma pequena falha. Parecia coisa feita. Também emocionado, ele trocou o meu nome e me chamou de Aurino da Lua. E foi categórico com a nossa frase: “O povo que não preserva o seu passado não vive o presente e jamais poderá construir um grande futuro”.

E fomos andar pelas ruas do Pelourinho, ao encontro das pessoas, com direito a abraços, aplausos, fotos. Vinha o povo humilde da Bahia chamando a atenção para o seu melhor perfil, sua riqueza patrimonial e sua simplicidade. Vinham crianças das ladeiras, vendedores ambulantes, lavadores de carros, profissionais do sexo, famílias inteiras em comitiva. Aproveitamos e fomos à antiga Faculdade de Medicina, onde novamente o ministro se emocionou. Disse às autoridades que o receberam que assumia

o compromisso de ajudar e promover a revitalização do Centro Histórico. E, daquele prédio, novamente voltou a repetir nossa frase comum.

O dia seguinte foi de visita ao Ipac, onde o ministro assinou um protocolo de intenções, o que, infelizmente, ficou só nas intenções.

Tenho que falar do assessor Carlos Moura, um dos militares negros mais expressivos, sérios e importantes do Brasil. Durante muito tempo, foi o grande articulador e condutor das nossas conquistas junto ao Ministério da Cultura, consequentemente junto à Presidência da República, sendo o idealizador e criador da Fundação Palmares. Ele abriu canais de negociação na área federal para ajudar vários blocos afros aqui de Salvador, como o Olodum, o Ilê Aiyê e tantos outros. Estimulou e incrementou o próprio Projeto Cultural Cantina da Lua, pela revitalização do Centro Histórico de Salvador, e ainda teve participação direta em minha indicação para o Ipac, o que me possibilitou acompanhar mais de perto algumas obras que, naquela época, eram realizadas esporadicamente no Pelourinho. Carlos Moura é um marco em nossas conquistas.

E 1985 parecia ser um grande ano, talvez visto assim para aliviar os traumas e as dores que tive no ano anterior, com a morte do meu amigo Pascoal Romano. No dia 23 de outubro, numa noite que jamais se apagará de minha memória, eu recebia, na Câmara Municipal, o título de Cidadão de Salvador, proposição do vereador Arnando Lessa aprovada por unanimidade.

Dias depois, a Cantina, através do Projeto Cultural Cantina da Lua, participava do primeiro plano de desenvolvimento do Nordeste na área do desenvolvimento urbano, num documento bastante volumoso que me chegara às mãos para análise e posterior relatório.

Com os olhos voltados para o futuro e o coração preso à história, perdi duas noites para ler e analisar o documento. E levei um susto tremendo quando percebi, ao fim da leitura, que um documento tão sério, tão longo, que tratava de plano de desenvolvimento urbano de uma das áreas mais ricas do Brasil, em nenhum parágrafo, em nenhum trecho, nem nas

entrelinhas, falava de cultura.

Na abertura do seminário, falou-se que o principal objetivo do encontro era a elaboração de um documento, espécie de resumo analítico dos problemas de Salvador, com a consequente eleição de cinco delegados baianos para as diversas reuniões que aconteceriam depois da elaboração do documento que englobaria todos os estados da região nordestina.

Não tive dúvidas quando usei a palavra, e a primeira coisa que fiz foi protestar e ressaltar o meu desapontamento pela falta de proposta de uma política cultural para o nosso Nordeste. Expliquei minha decepção pela falta de respeito com aquilo que considero um dos alicerces do desenvolvimento do povo de uma nação, que é sua cultura.

Relatei meu descontentamento em só se falar da beleza arquitetônica do Pelourinho, beleza essa já bastante comprometida. Por exemplo, a Rua Inácio Acioli, naquela oportunidade, tinha mais de 70% de sua área degradada. E essa degradação física era, na verdade, um profundo e doente reflexo de uma degradação cultural.

Até porque, lembrei a todos: “o nosso Centro Histórico é o maior conjunto arquitetônico barroco da América Latina”. E encerrei o meu pronunciamento usando a mesma frase que o ministro da Cultura – aquele que me batizou, emocionado, de Aurino da Lua – usara em sua visita à Bahia. Modéstia à parte, meu discurso pareceu, na hora, balançar o Centro de Convenções de Salvador. No final do seminário, fui um dos delegados mais votados. Em janeiro, já estava em Recife, participando dos debates.

Outro detalhe chamou a atenção de todos. A coordenação do seminário colocou condições para nossa viagem. Os delegados, que não eram remunerados, iriam de ônibus. Vejam só! Reagimos e defendemos a importância de irmos de avião, com direito a hospedagem digna. Elaboramos uma moção de repúdio à discriminação que nos impunham e fomos, mais uma vez, vitoriosos. E o avião ficou sendo nosso transporte para os debates do seminário em várias regiões.

Em Recife, voltamos a bater na tecla da importância de se ter uma carteira de cultura na Sudene, e isso foi um novo

momento de vitória, pois constou no documento final e foi indicado como um dos membros da comissão. Mas o Brasil é assim: muda o governo, mudam-se os planos, findam-se os projetos. E o plano de desenvolvimento parou.

Vinha pela frente uma notícia auspiciosa para nossa cidade. No mês de dezembro, a população vibrava de alegria e orgulho com a declaração da Unesco de transformar o Centro Histórico de Salvador em Patrimônio Cultural da Humanidade. Imediatamente, fui ao Ipac parabenizar o diretor Benito Sarno e sua assessoria, além de todos os funcionários da instituição que tinham trabalhado nesse sentido. A chancela da Unesco tinha a representatividade da comunidade baiana, desde a Pastoral da Mulher Marginalizada, que funcionava nas instalações da Igreja de São Miguel, na Rua Frei Vicente, até a Associação de Mães do Maciel, no Pelourinho, que tinha em Dona Elvira sua presidente atuante, vigorosa, uma das mais dedicadas defensoras da revitalização do Centro Histórico.

Enquanto isso, o Projeto Cultural Cantina da Lua continuava de mangas arregaçadas, fazendo eventos como um estrondoso show em praça pública para comemorar o grande anúncio da Unesco. Mandamos confeccionar um marco para perpetuar a data, e no pé direito da Cantina da Lua ele foi implantado e é, até hoje, o único marco referente ao tombamento do Centro Histórico como Patrimônio Cultural da Humanidade.

As boas notícias, graças a Oxalá, não paravam por aí. Fomos informados da conclusão da edição final do filme *A Resistência da Lua*, trabalho sensível do cineasta Octávio Bezerra, mostrando a nossa luta pela revitalização do Centro Histórico, detalhando o cotidiano da Cantina da Lua, compondo um filme de denúncia social, pedindo às autoridades medidas efetivas, concretas e urgentes em defesa da área histórica depredada. O ponto alto do filme, singelamente, é meu pronunciamento, logo na abertura, conclamando aos governos uma atenção para o Pelourinho de ordem física, arquitetônica, social, econômica e conjuntural, sem que para isso moradores fossem expulsos de suas casas e de suas próprias histórias ali construídas.

Como num passe de mágica, o filme foi apresentado

em um festival de Cuba e arrancou o 1º lugar como o melhor documentário. Não demorou muito e abocanhou um Tatu de Ouro no XVI Festival Internacional de Cinema.

A Cantina da Lua teima. Continua palco de encontros entre jornalistas, políticos, gente do povo. E eu, no grande e irresistível afã de conseguir restaurar o Pelourinho, me embrenhava em denúncias contra aquele estado deplorável do Centro Histórico, fazendo isso a tal ponto que denunciei o fato ao papa, o que deu origem a um livro de cordel do jornalista Renato Almeida. Na primeira visita do papa, embora tivesse parado na porta da Cantina da Lua, não fora possível entregá-lo o documento. Mas não desisti!

Na segunda visita do papa ao Brasil, isso deixou de ser um sonho e se transformou na grande realidade que eu buscava com tanto afinco. A ocasião me obrigou, numa das raras vezes em que isso ocorreu em toda a minha vida, a vestir outra roupa de outra cor que não fosse totalmente o branco.

Numa solenidade importante, a concorrida e emocionante reunião de 400 intelectuais na Catedral Basílica de Salvador, tive a honrosa e exclusiva oportunidade de fazer a entrega da carta da Cantina da Lua ao papa. Na carta, eu denunciava a esterilização da mulher negra, a mortalidade infantil, o abandono da Igreja da Barroquinha, onde o padre Antônio Vieira fizera grandes e memoráveis pregações. E falava com veemência do abandono da nossa querida Faculdade de Medicina, a primeira escola de jesuítas do Brasil.

Foi um momento ímpar, de muita emoção. O papa respondeu, ao receber o documento, fazendo um relato e concluindo que em suas orações estaria pedindo pela revitalização do Centro Histórico de Salvador. Parece que Deus, em parte, atendeu às preces do papa. Lembro-me que, em sua primeira viagem, havíamos preparado muitas rosas vermelhas para homenageá-lo. Foi um dos momentos mais importantes e fortes do Centro Histórico, ainda mais porque a Cantina da Lua estava disputando cada palmo dos espaços que lhe pertenciam.

Imaginem que todo mundo queria uma pontinha, uma nesga, uma janela, uma fresta para aplaudir e receber as bênçãos do papa. Não faltaram propostas de aluguel das janelas da

Cantina. Recusamos e o procedimento nas duas visitas do papa foi o mesmo: quem chegasse primeiro seria o dono das janelas. Isso me causou uma dor de cabeça dos diabos. As pessoas queriam dormir na Cantina para garantir o lugar.

Na Cantina, se discutia tudo, até planos de candidatura a governador. A coordenação do Projeto Cultural Cantina da Lua conseguiu idealizar dezenas de encontros e debates entre candidatos a governador, a senador, a prefeito de Salvador. Em cada debate existia uma votação com a presença do público para saber quem tinha sido o melhor. Havia a sagrada urna e uma comissão de escrutinadores composta por jornalistas, advogados e gente do povo. Contavam-se os votos e o resultado estava nas ruas no dia seguinte, com a divulgação da mídia.

A Cantina da Lua ficou tão importante como polo de resistência e difusão de ideias, programas e projetos cidadãos que, num determinado momento, veio a ser o gabinete do prefeito Mário Kertész, que, com muita sensibilidade e acompanhado de todo o seu secretariado, no primeiro dia de sua administração, despachou no 1º andar do prédio da Rua Alfredo de Brito, nº 1, chamado de Acoplamento Lunar. Esse espaço foi conseguido inicialmente para se evitar que mais uma ruína se formasse no Pelourinho. Logo virou um ponto nobre de grandes recepções.

Minha entrada na política partidária se deu porque, em meus pronunciamentos, mostrei que era um cidadão dessa cidade e que os deputados não se assustassem que eu não queria o espaço de nenhum deles. Quando eu dizia que não queria uma vaga na Assembleia Legislativa, as pessoas discordavam de maneira vigorosa.

Fui procurado pelo amigo e conselheiro em muitos momentos graves de minha vida, Dr. Pedro Nascimento, que foi enfático: “Você não tem o direito de se portar como um autêntico deputado do povo e fechar o discurso dizendo que quer apenas ver a revitalização do Centro Histórico de Salvador. Você é candidato a ser uma testemunha dessa mudança”.

Os comentários sobre os meus pronunciamentos foram ganhando corpo e, no dia em que fui receber o título de Cidadão de Salvador, não faltaram faixas, até dos meus conterrâneos,

provavelmente ávidos por ter na Assembleia Legislativa um representante que tirasse a nossa terra natal, Conceição do Almeida, da concepção negativa da chamada ‘terra do já teve e do já foi’.

Resultado, eu terminei por me filiar ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro e saí candidato a deputado estadual, fazendo dobradinha com Carlos Marighella, na época, deputado estadual e aspirante a uma cadeira na Constituinte de 1988. Marighella tentava repetir a história do seu pai, pois o revolucionário Marighella, que foi morto nas ruas de São Paulo em nome dos seus ideais libertários, também tinha sido deputado federal na Constituinte de 1946, sendo cassado, anos depois, porque o Partido Comunista, novamente por ato do governo, voltou a cair na clandestinidade.

O amigo Pedro Nascimento e outros companheiros me ajudaram na implantação do nosso ‘quilombo’, comitê que se instalou no 1º subsolo do Edifício Churchill, no Viaduto da Sé. Eu me lançava candidato somente com a cara e a coragem, além da ajuda de alguns amigos. Pedro Nascimento me deu uma máquina de escrever; outros, a dedicação no trabalho; e Nilton Silva, a quem me referi antes, da Foto Reportagem Aurora, fez as fotos para os meus eleitores e me deu uma lista de endereços de parte dos seus clientes, tendo a dignidade e a franqueza de dizer que me dava somente uma parte dos endereços, porque a outra metade gostaria de ajudar também a outros amigos. Eram assim as coisas.

A política me atraía, fui tomando gosto pelos seus segredos. Nossa luta tinha se nacionalizado e até ultrapassados as fronteiras do Brasil. Por causa das circunstâncias, eu tinha me transformado no grande apresentador dos shows do Projeto Cultural Cantina da Lua, e, em todos eles, procurava sempre fazer mais e mais denúncias sobre o processo de esvaziamento do Centro Histórico. Em Brasília, o então senador Ruy Bacelar se referia em pronunciamentos veementes ao nosso trabalho no Pelourinho. A atriz e deputada federal Bete Mendes teve sua participação nessa luta, porque, além de ter vindo pessoalmente até aqui, fez na Câmara depoimentos a nosso favor e, como secretária de Cultura de São Paulo, não poupou esforços para

nos dar apoio.

Nossa candidatura a deputado, apesar de não ter sido vitoriosa, me motivou a fazer novas tentativas. Fui duas vezes candidato a vereador. Nas campanhas, quantas e quantas figuras me ajudaram e me deram força! São pessoas inesquecíveis, como Rita Maria e Annie Liotopoulos.

Tinha ainda Tosta Passarinho e suas brigas constantes com Kátia Marighella; tinha Capeba, Bigode e, em outro momento, Kátia Melo, que coordenou uma das minhas campanhas com muito apreço, sensibilidade e dedicação. Lembro-me com carinho que João Silva, Jair Dantas e Jô produziram as peças de campanha e os slogans. Tive ainda o apoio de personalidades internacionais que acreditavam em nossa eleição de tal forma que se envolveram não só com o trabalho, mas até mesmo na ajuda para comprar o material de divulgação. Como me esquecer de Lurdinha, de Grimalda e suas filhas e de Sandra, sempre determinadas, aguerridas? Com um detalhe fundamental: se nos comícios não aparecesse nenhum material de campanha, qualquer um poderia procurar que estava lá aquele que Lurdinha ostentava. Poderia ser uma faixa, um banner, uma bandeira, ficava com ela, na melhor posição que ela encontrava para que fosse visto por todos. Também seria injusto não me lembrar, nem citar João e Maria das Dores, amigos e empresários que acreditaram, em todos os momentos, em nosso trabalho.

Uma grande figura, porém, se destacou no meio a tanta gente que nos defendia. Esse cidadão não só falou para os quatro cantos da necessidade de restaurar o Pelourinho, como também foi fundamental na promoção dos artistas baianos. Estou me referindo a Adelzon Alves, da Rádio Globo. Com o seu programa O Amigo da Madrugada, Adelzon nos deixava à vontade, com espaço e liberdade para pregar nossa luta. Posso afirmar que a música popular brasileira e a música baiana tiveram duas fases: antes e depois de Adelzon Alves.

Conheci muita gente que procurava dormir durante o dia para não perder o programa do Adelzon durante a noite, e, por incrível que possa parecer, ele falando de nossa terra como se fosse filho dela. Ainda não conhecia a Bahia, mas divulgava o melhor da música baiana tocando Oswaldo Fabel com Morena

do Rio Vermelho. Inesquecível quando presenciamos todo o Estádio do Maracanã cantando Pisa na barata, o maior sucesso de Fabel; O ouro e a madeira, de Ederaldo Gentil; Cada macaco no seu galho, de Riachão; Diplomacia, de Batatinha; Cantina da Lua, de Pinduca, ‘o Rei do Carimbó e do Serimbó’, que compusera uma canção em homenagem à Cantina.

Adelzon tinha fino sentido musical, e até o disco O Mensageiro, do compadre Waldick Soriano, era tocado por ele num programa ímpar na rádio brasileira, com o auditório constantemente lotado por gente de todo tipo, como Perna, por exemplo, tido como Prefeito de Vila Isabel, compositores e cantores dos morros e das escolas de samba do Rio de Janeiro. Não me saem da memória as vezes em que ia ao Rio passar temporadas, quando Adelzon fazia longas entrevistas comigo, dando força, incentivando, motivando.

E como outros artistas brasileiros conscientes da importância do Pelourinho, Adelzon assumiu como sua a guerra pela revitalização do Centro Histórico de Salvador, e era emocionante a maneira como ele me falava de lugares e pessoas e perguntava coisas que, com a honestidade que me acompanha, nem sempre estava preparado para responder.

Falava das distâncias entre cidades, estados e municípios, de pessoas conhecidas, populares. O prestigiado amigo Adelzon chegou a agir como meu cabo eleitoral na campanha para deputado estadual. Só pelo simples fato de duas ou três vezes ele ter feito referências à minha candidatura em seu programa, isso me rendeu votos em cidades onde eu nunca tinha ido, não obstante eu ter visitado dezenas delas.

Sem nunca ter sido candidato a nada, sem nenhuma experiência política, sem ter nenhuma tradição na vida pública, tive, mais ou menos, quatro mil votos, na época, o que serviu para provar que quem trabalha com amor, afincado e vontade tem sempre o respeito e a admiração popular.

A Cantina da Lua não marcava passo, nem recuava. Avançava na luta pelo Pelourinho e pela revitalização do Centro Histórico, aprimorando o atendimento à sua clientela e insistindo na qualidade dos produtos. A cada dia surgia um novo prato homenageando clientes e amigos leais. Tínhamos a ‘Quiabada à

Júlio César’, ‘Peixe à Rêmulô Pastore’, ‘Fígado à Vivaldo Costa Lima’, ‘Charque à Jehová de Carvalho’ e mais pratos e aperitivos nascidos de acordo com acontecimentos, como foi o caso do ‘Frango ao molho de Camarões’, lançado no dia da vitória da seleção de Camarões contra a seleção da Argentina na Copa de 1990, quando o goleiro argentino tomou um grande frango.

O prato foi um sucesso espetacular. Daí em diante, o Piso Lunar se transformou no grande estádio do Pelourinho, com um público muitas vezes superior a jogos oficiais por aí. Neste ano, instalamos dois televisores no Piso Lunar, na parte externa da Cantina da Lua, com propaganda, caixas de som muito potentes, pesquisas de opinião pública ouvindo os palpites dos frequentadores e, ainda mais: nos finais dos jogos, fazíamos sorteios, o que garantia muita gente presente e levava o público a verdadeiro delírio.

Na Copa de 1994, pusemos um telão nas primeiras partidas, mas o locatário do equipamento quis aumentar o preço do aluguel e recuei. Colocamos, então, três televisores no piso e mais um atrativo, uma pizza com 32 metros quadrados. O Terreiro de Jesus lotado. Lembro-me de outra grande emoção no final de Brasil e Itália, até porque a pizza era exatamente a garantia e a certeza de nossa vitória contra os italianos.

No segundo tempo, chovia torrencialmente em Salvador, mas o público não arredava pé da Cantina da Lua. Entrou água em dois televisores. Não tive dúvidas: peguei um microfone e comecei a narrar o jogo para os meus clientes que se apinhavam Terreiro afora. Narrei o pênalti que deu o tetra ao Brasil. Eu gritava para que a torcida gritasse comigo “para foraaaaa...”. Era um uníssono, com o povo gritando ao meu comando. Foi muita emoção, rolou muita lágrima na chuva.

Era uma demonstração de outro Brasil, mesmo com os ricos ficando mais ricos, os pobres mais pobres, a classe média enforcada, os paupérrimos morrendo de fome. Mas o povo tinha fé e esperança, e extravasava na plenitude da grande paixão nacional.

A Cantina da Lua, solar dos boêmios nobres, tradicionais e eternos, viu várias fases de bebidas novas, de cervejas sendo lançadas, aguentando ou não a concorrência, caindo ou não no

gosto do velho e bom povão. Cervejas como a Pop 70 e outras não conseguiam aguentar muito.

E que saudades dos refrigerantes! Tinha o Laranja-Turva, cuja fábrica ficava em pleno Centro Histórico, na Rua das Flores, próximo ao Armazém Cadete, do espanhol Jesus, que hoje é dono de hotel na Calçada. Tinha o Crush e a concorrência dos prêmios do Grapette, que massificava uma propaganda interessantíssima: “Quem toma Grapette, repete”. Por mais que eu tentasse beber mais de um copo, não conseguia repetir. Tinha ainda um guaraná que vinha numa garrafa de cerveja. Era o Platense, logo apelidado de ‘guaraná de guloso’, isso sem falar nos produtos da Fratelli Vita. Quem juntava tampinhas, ganhava miniaturas. A empresa dava prêmios, como geladeiras, enceradeiras e liquidificadores. E, na maioria das vezes, o prêmio era o refrigerante, que a pessoa não pagava. Isso levava o ganhador a vibrar tanto, como se estivesse tirando a sorte grande.

Mas no que diz respeito a bebidas quentes, lembro-me que durante algum tempo se vendia mais catuaba do que os melhores conhaques e vinhos da praça. A batida de pitanga fez época. Muitas bebidas foram lançadas na Cantina da Lua com um destaque exemplar: em 1983, a Cantina da Lua lançou o cravinho, que continua na moda até o presente momento, bebida lançada exatamente no dia em que criamos o Projeto Cultural Cantina da Lua. Lançamos também a batida Gabriela, “a batida do seu coração” – este era o bordão de venda –, que chegou a ser tipo exportação para outros países e outras capitais, que diga o professor Normando Batista Santos, fundador do Centro de Cultura Popular (Cecup).

O professor Normando acreditava que uma nação só poderia crescer se educasse o seu povo e preservasse sua memória cultural. Ele continuou enfrentando grandes desafios para que o Brasil tivesse menos analfabetos e mais alfabetizados, aliás, como sonhou o major Cosme de Farias, com sua famosa Liga Baiana Contra o Analfabetismo, partindo do princípio de que a criminalidade não era ou não é tão importante, requerendo a construção de presídios. O que se precisa, segundo ele, é construir escolas, com os professores bem remunerados. Isso diminuiria o índice de criminalidade.

O major Cosme de Farias se transformou num grande advogado rábula, para defender os oprimidos e despossuídos da sorte, chegando mesmo a despachar mais de dois mil habeas corpus, baseando seus argumentos numa tese insofismável: “A criminalidade é, antes de mais nada, um péssimo efeito da perversa estrutura do país”.

Cosme de Farias, que foi deputado estadual e vereador, transformava seu ordenado em doações, e morreu pobre, defendendo uma causa justa, que era a justiça social. Foi um grande enterro na Bahia, talvez o maior já visto aqui em Salvador, com a presença das mais destacadas autoridades. O corpo do major foi velado na Igreja de São Domingos, local onde ele, ao longo de muitos anos, atendia à comunidade aflita.

A memória é viva. Volto no tempo e me lembro, como se fosse hoje, do enterro do major. Havia um engarrafamento que ia do Aquidabã à Praça Municipal, e dezenas de autoridades saltavam na Baixa dos Sapateiros e subiam a Ladeira do Pelourinho, com o lenço na mão enxugando o suor, para chegar à igreja de onde partiria o cortejo fúnebre, que saiu com atraso.

Entre as homenagens que ele recebeu, foi ter um bairro com seu nome e também o Plenário da Câmara Municipal de Salvador. Acho muito pouco para um cidadão generoso que viveu toda a sua vida voltada para a comunidade. Ia esquecendo, tem ainda a Escola Major Cosme de Farias. Por longo tempo, esta escola funcionou na Igreja de São Domingos, sem nenhuma condição. O mausoléu do major, no Cemitério da Quinta dos Lázaros, é todo revestido de granito, em obra realizada pela Fundação Gregório de Mattos, na administração do querido prefeito Antônio Imbassahy.

A imprensa nos ajudava, divulgando todas as ações da Cantina da Lua, e até a Bahiatursa, através de sua revista, promovia os nossos esforços em torno do resgate do Centro Histórico. Um jornal que era editado sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Salvador nos deu uma força com foto, manchete e tudo: “Esse negro é o senhor do Pelourinho”.

Na sequência, o saudoso Jornal da Bahia me intitulava como ‘O anjo-da-guarda do Pelourinho’. Numa exposição de fotografias feita pela Bahiatursa no final da década de 1980, que

ficou no Centro Administrativo e se transformou numa mostra itinerante, eu e a Cantina da Lua aparecemos como uma figura popular, e a Cantina referendada como um dos espaços mais gostosos do nosso Pelourinho.

Nos 40 anos de Marcos Medrado, numa sacada criativa do publicitário Jô, foram relacionados os 40 marcos da cidade, com a Cantina da Lua aparecendo como um deles. Riachão compôs várias músicas em homenagem à Cantina. O meu eterno e ilustre secretário da Educação, professor Edivaldo Boaventura, diretor-geral do jornal A Tarde, pessoa pela qual eu tenho o mais profundo respeito e admiração, demonstrou muitas vezes solidariedade à nossa luta. E me deu o título de ‘Governador do Pelourinho’. Isso sem falar num dos mais honrosos títulos que recebi através de minha querida Tribuna da Bahia, por intermédio da coluna de Jacques de Beauvoir, como ‘O Homem do Ano de 1941’.

A Cantina tinha muita honra em homenagear entidades e pessoas que se destacavam em lutas pela comunidade. Nomes eram apresentados ao nosso conselho, e, quando aprovados, fazíamos, como até hoje, homenagens aos escolhidos sempre numa data festiva, uma festa cívica, no Dia do Samba ou no dia do aniversário da pessoa.

Muitos choravam, quando escolhidos, outros, com a mesma crise de choro e emoção, não conseguiam tirar o discurso do bolso, outros ainda preferiam trazer parentes e amigos para contemplar sua placa em nossa parede. Alguns, por outro lado, também se esqueciam das homenagens, mas nem por isso sentimos por estes poucos respeito menor. O carinho é o mesmo de sempre.

Minha felicidade é muito grande quando, às vezes, chegam clientes perguntando por que Jehová de Carvalho e Rêmullo Pastore não têm suas placas na Cantina da Lua, e, de pronto, encaminho o amigo sumido ao local exato onde as pessoas citadas estão imortalizadas em simples placas azuis. A surpresa do indivíduo é grande. E a emoção idem.

O outro lado da moeda também é complicado e uma armadilha constante para mim. Muita gente vem e me pergunta onde mando fazer as placas e se oferece para fazer as suas para

que eu possa ostentá-las em nossas humildes paredes. É sempre um deus-nos-acuda para que eu saia dessas situações embaraçosas. Tenho que explicar, com muita calma, que essas placas têm muito a ver com os feitos dos homenageados, com a trajetória de cada um deles, com aquilo que sempre fizeram e fazem pela comunidade, pela cidadania e também com os lugares preferidos deles aqui na Cantina da Lua. Assim é, por exemplo, com o Condomínio Fernando Coelho, que está situado num canto de nossa casa, tão familiar ao meu compadre, amigo e poeta. Assim é com o lugar de João Santana, com Júlio César e com o espaço do nosso saudoso padre Hélio Rocha.

Outro exemplo é o Condomínio Jornalista Paiva Neto, presidente da Legião da Boa Vontade (LBV) e referência internacional no desenvolvimento de obras sociais e humanismo e na formação de líderes em cidadania. É só olharmos para Nilzete, para Denize Mendes, para o amigo Cláudio, que foi diretor da Rádio Cristal, Evilaren e tantos outros amigos pertencentes à Legião da Boa Vontade. Lembro-me perfeitamente da inauguração de uma creche no Rio de Janeiro. Às vésperas da inauguração, participamos de um mutirão no local, durante toda a madrugada, até às 6h. A creche seria inaugurada naquele dia, às 17h. Na hora H não faltou nada, tudo estava certo, arrumado, e centenas de autoridades, artistas, intelectuais e pessoas do bairro se fizeram presentes.

Admiro Paiva Neto por causa do seu trabalho, dos seus programas educativos e sociais, quando os bebês começam a receber ajuda ainda no ventre da própria mãe, e o projeto de ajuda aos idosos. Na inauguração da placa dele aqui na Cantina da Lua, seu filho Pedro Neto discursou, emocionado, falando a respeito da importância da religião de Deus. As placas da Cantina são presenças constantes em minha vida de tantos amigos que se foram, de tantos outros que continuam entre nós.

Quando falo das placas, não posso me esquecer do início das obras de revitalização do Centro Histórico, em 1991, exatamente quando o senador Antônio Carlos Magalhães volta ao governo da Bahia, e, mais uma vez, com coragem e vigor, investe no Pelourinho, demarcando a cronologia do trabalho numa divisão de 10 etapas de reconstrução. O Centro Histórico

foi transformado num verdadeiro e monumental canteiro de obras, reanimando as forças e otimizando as perspectivas de empresários e do povo da Bahia preocupado com seu coração histórico ainda em ruínas. Deus ajudou, e no dia 3 de março de 1992 inaugura-se a primeira etapa do restauro do Pelourinho. Uma festa e uma glória!

Nos dias que antecederam a inauguração, eu estava de molho, internado no Hospital Português. Imaginem o quanto eu sofria com a possibilidade de não estar presente num dia dessa importância. Mas Deus é pai, e, de novo, foi generoso comigo. Sujeito sortudo, eu recebi alta um dia antes da inauguração e pude estar na Praça Quincas Berro d'Água, junto com um número incontável de pessoas que lotavam um dos espaços mais nobres do Centro Histórico.

A luta não podia parar aí. Continuamos falando, pregando e dando incentivo ao governo para ir em frente e cumprir as metas postas na prancheta. Por conta disso, outras grandes emoções vieram me abalar e encher de orgulho. A quinta etapa foi inaugurada com a presença do primeiro-ministro de Portugal, Mário Soares. Foi um dia especial, de particular orgulho para mim. O senador Antônio Carlos Magalhaes, no interior da Igreja de São Francisco, me apresentou ao governante português como o dono da Cantina da Lua, um bar que, segundo o senador, era um espaço com uma das maiores contribuições na luta pela revitalização do Centro Histórico de Salvador e de nossa memória cultural. Confesso que foi um momento único, de glória e felicidade. Primeiro, porque uma autoridade daquela importância me apresentava para um alto dirigente estrangeiro, nosso irmão; segundo, porque foi uma declaração pública do valor do nosso trabalho. Não conto, até hoje, o número de congratulações que recebi.

De novo, confesso que passei a vida dormindo pouco. O andamento das reformas do Pelourinho era uma das motivações da insônia permanente. Não podíamos pregar os olhos, por conta de tanta responsabilidade e tanto a fazer. As outras etapas das obras continuaram sendo tocadas, graças a Deus, assim como os estacionamentos, especialmente o que fica em frente ao Mercado de São Miguel, construído pela Conder, na

época da administração da Dra. Sônia Fontes. Como diretora daquele órgão, ela foi responsável por várias intervenções positivas em nossa cidade. É só a gente olhar e se maravilhar com a reconstituição e urbanização do Dique do Tororó.

Mas, voltando ao Pelourinho, endereço de minha luta, a revitalização física e econômica – o que significa o resgate da cidadania – tem sido feita de maneira gradativa e abriga as diversas manifestações de um alentado calendário cultural: o Carnaval do Pelourinho; as festas juninas, que nos reportam ao interior; as festas de final de ano, com o sensível Natal; a festa da Páscoa, realizada com o apoio do governo, da prefeitura e da organização mantida pelo secretário Gaudenzi, que, a meu ver, é um operário do turismo em nome da Bahia. Com Gaudenzi, temos conseguido furar o bloqueio internacional, temos conseguido mostrar o melhor e o mais tradicional da alma e do rosto da nossa Bahia. Eu que tanto brigo pelo Pelourinho, escorado aqui nos mourões e telhas antigos da Cantina da Lua, devo falar da ousadia de Tânia Simões, com a recriação da Orquestra Afro, representada por Emilia Biancardi, uma criatura capaz de emocionar qualquer pessoa pela sua simplicidade e sabedoria.

As dificuldades foram e são muitas. As atrapalhões e tropeços por conta da própria economia do país sempre sobrecarregaram nossos ombros aqui na Cantina da Lua. Apesar disso, e com tudo isso, nós não arredamos pé de caminhar rumo às realizações, ao futuro. Seguimos nosso rumo conquistando títulos e honrarias em nome de nossa querida terra. Um desses títulos marcou muito minha história e o nome da Cantina: recebemos o prêmio de ‘Melhor Caipirinha e Caipirosca do Brasil’. Foi uma emoção muito forte, principalmente porque estávamos concorrendo com 121 países, e a Cantina da Lua foi o único representante brasileiro. Fui receber o prêmio no Hotel Melliá Castilha, na Granvia, Espanha.

Eu me sentia o próprio historiador, pois pude discorrer sobre nossa cultura e nossa arte, falar de nossos heróis e personalidades. Falei de Ruy Barbosa e de Castro Alves. Pude agradecer ao emblemático professor e reitor Germano Tabacof, ao amigo e jornalista Fernando Coelho e ao vereador João Baccelar, na época presidente da Câmara, que, com muita garra,

viabilizaram minha ida à Espanha para tão importante acontecimento em minha vida. O amigo e poeta baiano Antônio Sobrinho, empresário de luta, e o publicitário espanhol Amadeo Fasanella foram também fundamentais para que tudo desse certo. Junto comigo, eles ajudaram a colocar a Bahia, mais uma vez, em seu lugar de destaque. Cito, de maneira muito especial, a jornalista e professor Amália Duran, extraordinária relações-públicas da cultura baiana, que recebe autoridades e amigos aqui em nossa terra, mostrando-lhes a prodigalidade criativa de nossa gente e as delícias de nossa gastronomia.

Não foi a única viagem internacional. Fomos além. Em 1997, fui aos Estados Unidos, exatamente à capital Washington, a convite do músico, compositor e intérprete Alaor Macedo, para fazer uma série de palestras sobre o nosso Pelourinho. Alaor Macedo, um dos filhos de Dona Argentina, me surpreendeu com a organização da recepção. Posso até dizer que quase recebi honras de chefe de estado. Fui até almoçar com dirigentes do Banco Mundial (Bird). Visitei a Embaixada Brasileira e a TransAfrica, onde pude viver uma das mais gratas emoções dessa viagem, que também me deu uma prova de que o mundo é mesmo pequeno. Quando estava subindo a bela escadaria da TransAfrica, ouvi uma voz gritar: “Não acredito! Clarindo Silva aqui?”, e, do meio da multidão, fervilhando e sem reparar nada, saiu uma jovem de altura mediana, olhos graúdos e meio lacrimejantes. Os lábios róseos tremiam de certa emoção que tomava conta do seu rosto arredondado, face avermelhada, traduzindo uma expressão de felicidade. E continuava a gritar de maneira a me deixar mais encabulado ainda: “Senhoras e senhores, este homem é o responsável por eu não ter morrido de fome no Brasil. Foram quase 30 dias de muita dificuldade, e este homem, sem me conhecer nem nada, matou a minha fome”. Não conseguia controlar minha emoção nem a de Vick, jovem maravilhosa, que, quando estava em dificuldades aqui, foi tratada como mais uma nova filha. Muito educada, dócil e companheira, passou a me acompanhar nas entrevistas, em festas com representatividade da Cantina da Lua e a primeira a chegar a nossas palestras. Meus pais sempre afirmaram que é melhor fazer o bem sem olhar a quem. Esta é a lição que carrego vida afora.

Em todos os momentos, agradeço a Almor a oportunidade por ter conhecido os Estados Unidos, o Museu da Nasa, a Casa Branca, o Bird e tantos outros espaços importantes que me faziam voltar ao Brasil na saudade e na maneira de refazer minha luta e falar mais, muito mais, sobre a preservação dos nossos bens arquitetônicos e imateriais.

Voltando um pouco à política, até hoje pedem que eu conte os motivos que levaram a me candidatar por duas vezes (1988 e 1992) a vereador em nossa cidade. Perdi as duas campanhas porque a arte de fazer política e a de ser político são coisas diferentes. É quase impossível conciliar as duas circunstâncias num mesmo comportamento.

Não é fácil transformar popularidade e serviços prestados à sociedade em voto, pois o voto em si envolve e busca, ao mesmo tempo, uma série surpreendente de interesses difusos, afetos a cada pessoa. Eu não conseguia administrar as campanhas quando, nas ruas, as pessoas me pediam empregos, dentaduras, sacos de cimento e blocos para terminar construções, óculos, medicamentos de todo tipo, passagens aéreas, internamentos hospitalares. Até para ligação de trompas, além de pedidos de terrenos, funerais, troféus para clubes e entidades, aluguel de campos de futebol para peladas, patrocínios com os mais apelativos discursos, aluguel de ônibus e até mesmo cargos, que alguns ditos amigos queriam negociar comigo meses antes das eleições. Um desespero e uma calamidade compreender esse fenômeno por dentro.

Em 1988, tive dois sustos e dois exemplos de fidelidade política ao revés. Dois grandes ‘amigos’, um deles quase irmão, jamais tinham manifestado vontade de entrar na política, a ter qualquer cargo público. Mas, com o envolvimento em minha campanha, começaram a tomar gosto pelo meu trabalho. O que não queria ser nada, deixou minha campanha pela metade e se lançou candidato. O outro, que tinha sido deputado, também abandonou meu barco no meio do caminho e foi ser candidato, isso depois de ter ficado muito tempo em meu ‘quilombo’ (comitê). As atitudes desses meus ‘amigos’ prejudicaram meu trabalho e enfraqueceram minha candidatura.

Teimei e, em 1992, numa campanha acirrada, voltei a me

lançar candidato a vereador. Novamente, outra derrota. Mas nas duas ocasiões, embora não tivesse sido eleito, obtive um resultado positivo, porque fui recordista em utilizar todas as tribunas possíveis, defendendo com afinco a revitalização do Centro Histórico de Salvador e a preservação incondicional de nossa memória cultural. Tive espaço para defender, quase que todos os dias, em dezenas de discursos, a libertação de Nelson Mandela, a luta intransigente contra o apartheid na África do Sul e todas as causas que ferissem as liberdades e a integridade do povo negro. Era junto com os amigos Jônatas Conceição, Bujão, Lino de Almeida, Gilberto Leal, João Jorge do Olodum, Manoel Almeida, Lazinho ('o grande intérprete da Bahia'), Kátia Melo, Mestre Prego, professora Ana Célia, Luiza Bairros, Neguinho do Samba, Fernando Conceição e grande número de amigos que a plataforma de luta se fazia firme, forte e muito ouvida.

Por outro lado, também fui convidado a ser assessor do Ipac nos governos de Waldir Pires e Nilo Coelho, quando três diretores passaram por aquela instituição: Ordep Serra, Márcia Santana e Regivalter Alves de Brito, que, ao assumir, procurou imprimir uma política social abrangente, firme, em primeiro lugar, dando valor ao funcionário do instituto.

Por exemplo, lembro-me do grande artista plástico Manoel Bonfim, que era diretor do Setor de Arte. Juntamente com Piu-piu, começou a produzir obras da maior qualidade. Por sinal, meu amigo Bonfim, na campanha, presenteou-me com um painel com mais de cinco metros de altura, minha marca registrada, um original com detalhes perfeitos, como um retrato sem retoques pintado a óleo. Bonfim é um desses amigos que nasceram para ajudar, servir, ser leal, sempre comprometido com as lutas que nos motivam. Recordo-me quando da inauguração da Escola Mestre Pastinha. Convocado para fazer painéis para a escola, no dia da inauguração, Bonfim estava lá com seus quadros ecológicos.

Como posso me esquecer do Projeto Criançarte, uma das meninas dos olhos do Projeto Cultural Cantina da Lua? A lembrança é forte, da época em que, em plena degradação do Pelourinho, chegamos a trabalhar e apoiar 150 crianças da

comunidade, com a dedicação comovente de Lurdinha, filha de uma das pessoas mais importantes de nossa cultura, Abdias Nobre, homem especialista em pano-da-costa, tecelão de renome, que, com seu tear, fez muitos discípulos e que hoje dá seu nome à sala principal do Instituto Mauá aqui no Pelourinho. Naquela época, tive a ajuda de Gláucia, da pedagoga Kátia Melo, bem como da dedicada Tânia, durante muito tempo militante no projeto, ajudando nos trabalhos da arte com nanquim e argila, em todos os programas artesanais e também na minha perseguição à possibilidade da criação da Casa da Criança e do Adolescente.

O meu sonho estava baseado nos princípios de educação e acolhimento. Eu queria tirar as crianças da frente da televisão e das ruas, resgatando a figura da contadora de histórias, além de produzir e apresentar vídeos educativos. Com muito orgulho, cito novamente Sônia Fontes, na época coordenadora das administrações regionais. Sua visão foi essencial no sentido de implementar o projeto arquitetônico de um prédio aqui no Centro Histórico. As obras de restauro do Pelô, bem-vindas, também fizeram com que eu perdesse o espaço conquistado. Aí, surgiu uma nova oportunidade em outro local que tinha sido restaurado aqui na área, num projeto piloto da arquiteta Lina Bo Bardi. O prédio estava abandonado. Fizemos um novo projeto e conseguimos uma audiência com o prefeito Fernando José.

Era um projeto ousado, incluindo o atendimento a idosos, e levava o nome da mãe do prefeito, que nos encaminhou ao presidente da Fundação Gregório de Mattos para concluir as negociações. Resultado: o mandato de Fernando José acabou e tudo ficou nas mãos do presidente da fundação, que, a partir daí, entre um cigarro e outro, mas olhando no vazio, dizia que estava estudando o meu caso. Uma lástima! É sempre assim que acontece.

O espaço que nós utilizamos, ao lado da Cantina da Lua, se tornava pequeno, com muitos equipamentos e móveis pertencentes ao projeto da criança. Na verdade, perdemos o espaço e o tempo, devido à especulação imobiliária, além da insensatez sem limites de alguns.

Mas a Cantina estava na mídia e os meios de comunicação sempre estiveram junto comigo nas reivindicações que eu fazia. Por isso, me sinto tão à vontade para falar sobre o rádio. O velho e bom rádio, que merece um capítulo à parte nestas memórias.

Parece que estou no 1º andar da antiga Cantina da Lua, em minha sala, recebendo figuras como Júlio César, ‘o Imperador do Rádio Baiano’, entrevistando a cantora Alcione, a quem ele deu a alcunha de ‘A Marrom’, que ela guarda até hoje. Foram muitas as entrevistas feitas por Júlio César em minha sala, e elas estão passando por um processo eletrônico moderno e vão virar CD. Lá de Sergipe, onde este meu compadre continua sua missão de líder de audiência em rádio, mandou-me uma das entrevistas mais emocionantes de minha vida. Júlio César, simultaneamente, entrevistava a mim e ao imortal Pascoal Romano. E como esquecer Israel Joaquim de Menezes, que lia com maestria os comerciais da Rádio Excelsior? Bons tempos de uma comunicação inconfundível.

E tinha muito mais: Pacheco Filho apresentava um programa só para mulheres; Nilton Spínola Cardoso, com um programa de polícia, falava das ruas; Nilda Simon e Diniz Oliveira sempre aos domingos pela manhã; depois, vinham Tia Arilma e Waldir Serrão (Big Ben), que tinha também programa em televisão, chamado o Som do Big Ben, com uma característica: revelar grandes artistas para o programa do Chacrinha. Que saudade do jeito amigo de Alexandre Seixas e do próprio Luiz Carlos, mais conhecido como ‘L. Carlos’, ainda hoje trabalhando em AM, e é como se fosse Ubaldo Câncio de Carvalho dos nossos tempos.

Ah, minha gente! Que saudade de Baby Santiago, grande comunicador, e de minha diletta amiga Bete, que falou em microfone pela primeira vez na vida aqui na Cantina da Lua, transformando-se, depois, numa das melhores e mais queridas vozes do rádio da Bahia. Ela tinha uma semelhança muito grande com a voz de Maira Rodrigues. Desfilando os moldes vários daquela época, Maira tinha uma grande audiência em seu programa noturno em uma de nossas emissoras.

Quem não se lembra de Floracy Cavalcante, que logo

ganhou o belo jargão ‘uma flor em seu rádio’, por causa da maciez de sua voz? E Mabel Veloso, que escreveu um poema chamado Cantina da Lua, musicado e cantado pela sua filha Belô Veloso, no CD Marés? Na Reitoria da UFBA, Mabel fez a leitura de seus poemas. Generosa, Belô interpretou uma canção homenageando a Cantina. Para mim, as lágrimas foram a única saída. Muita emoção. E muita gratidão. Giuseppe Talento e Ildásio me estimularam a fazer, todo o dia 4 de maio, a devida homenagem a Noel Rosa, ‘o poeta da Vila’.

São tantos os nomes do rádio da Bahia! Tantos e tão importantes, não só para mim, mas como para a divulgação séria e honesta de nossa gente, de nossas coisas, de nossa cultura viva. Como não falar de França Teixeira? Seu programa era sucesso absoluto, pela coerência do apresentador, pelos temas, pela sinceridade. A equipe de França Teixeira era fora do comum: tinha Toninho Duas Cabeças, Ouri, Limongi (ou ‘o Moço Que Veio de Longe’), Zé Bim (‘o Enigmático’), Álvaro Martins, que virou vereador, e o próprio França Teixeira, que teve outro destino, o de apresentador de televisão, obtendo picos de audiência fantásticos, como na entrevista palpitante com o prefeito de Alagoinhas, que depois morreu numa sinaleira da cidade.

Rádio e Cantina da Lua se confundem. Estiveram em nossas mesas e em nossa sala muitos profissionais importantes, como Juarez Oliveira, que, juntamente com Sílvio Mendes, num determinado momento, foi considerado o melhor narrador esportivo da Bahia, ao lado de outros narradores amigos, como Mário Freitas, Ivan Pedro, José Ataíde, Osvaldo Barreto, Caetano Liberato de Lima, Gérson Macedo, ‘o juiz dos juizes’, Nilton Nogueira, Osvaldo Júnior, Marco Aurélio, Pedro de Souza, Chico Queiroz e Domingos Souza, hoje fazendo cobertura de polícia na Tribuna da Bahia. Armando Mariani, locutor esportivo, não deixava um dia sem citar a Cantina da Lua. Armando fazia com que as palavras levassem a todos os lugares nossa mensagem em nome da Bahia. E não posso me esquecer de Othon Carlos, outro amigo que reverenciava solenemente a Cantina da Lua.

Como esquecer o Jota Luna e o Vamos acordar? Memória é isso: lembrança, história, nomes de figuras que marcaram época. O rádio, como sempre, é fundamental. É preciso falar sobre Diniz de Oliveira e a equipe da Rádio Excelsior, onde tinha meu amigo Afonso, motorista do carro de reportagem e, ao mesmo tempo, um grande comunicador. Vem à minha lembrança a imagem de Dona Lígia Sarraf, mãe de Michel, um dos nossos grandes divulgadores dos velhos discos, que também aproveitou seus tempos áureos, despontando gente como Dick Jones, Bero, Paturi e outros tantos. Mas não adianta falar de rádio se não falarmos do Dr. Wilson Menezes e Dona Isolda, sua querida esposa, diretor da Rádio Excelsior. Em determinado período, censurou meu nome, mas, depois que me conheceu, abriu seu coração e os microfones de todos os programas da emissora. Tinha o Edmundo Viana, parceiro nas festas de aniversário, trazendo até a Cantina artistas como Waldick Soriano, dividindo seu trabalho com Xuxu Bojudo, aprendiz de empresário. Como não falar de Lavinski, Marco Aurélio e Zé Carioca? O jornalista Carlos Navarro, o jornalista Bonfim e sua esposa, Rosa, também jornalista, e Waldomiro Jr. saíam à caça de notícias para divulgar no Sul. Assunto, sempre: Cantina da Lua. Isso foi a Cantina da Lua e continua sendo a Cantina da Lua, em sua longa e exaustiva caminhada rumo sempre à resistência, ao otimismo, modernizando-se sem conceder as alternativas que fujam de nossa memória.

Hoje, a Cantina é o passado no país do futuro. Uma coisa complementa a emoção da outra. A Cantina da Lua se informatiza, graças aos meus filhos Cláudia Marciana, Clériston Alves, Cléa Mercedes e ao espírito empreendedor de Cléodo Mércio, que vem investindo, 24 horas, nas mais modernas opções eletrônicas para que o nosso cliente fique mais confortável e satisfeito. Nossa família quer que a Cantina da Lua seja uma referência global no Centro Histórico de Salvador.

Continuamos produzindo shows, patrocinando talentos do esporte, como a maratonista Maria Martins, colecionadora de vitórias; Roseane Figueiredo, segunda no ranking baiano de corrida, representante da Cantina da Lua na São Silvestre em São Paulo. Muitos são os cantores de todos os perfis que se

apresentam em vários horários no Piso Lunar da Cantina, agradando turistas do mundo todo. Destaco Clériston Alves e Mídhya Borges, Claudete Macedo, Miriam Tereza, Greice Alencar, bem como o grupo Improviso Latino. São alguns dos nossos investimentos.

A Cantina da Lua é um painel de grandes nomes. Muita gente passou pela Cantina: Desmond Tutu, Koffi Annan (o grande secretário-geral das Nações Unidas), Nelson Mandela, Danny Glover, e até mesmo o papa, que não entrou na Cantina da Lua, mas nos deu a bênção em nossa porta, também extensiva a todos do Terreiro de Jesus, proprietários emocionais desse território. Cito aqui alguns deles: o professor Ubiratan Castro; o professor Jéferson Bacelar; a escritora Yeda Castro; Jacira Botelho, amiga inseparável de Ana e Olga, brilhante secretária da Sunab; o professor Carlos, grande incentivador de nossa luta, embora não acreditasse na revitalização do Centro Histórico; Yeda Machado, nossa amiga; a magnífica reitora da Uneb, Ivete Sacramento; Mãe Stella de Oxóssi; presidentes da República – Lula, ainda aspirante ao posto, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso –; Mãe Hilda; Vovô do Ilê Aiyê; João Jorge Rodrigues e Cristina, do Olodum; Vicente de Paula, divulgador de cantores e radialista; o grande Gerônimo, meu amigo, autor de uma música que tem o dom de nos tocar profundamente quando ele afirma que “todo mundo nessa cidade é de Oxum”; Menelaw Sete, artista plástico ímpar; Kátia Melo; Petu; Queiroz do Afoxé Monte Negro; os dirigentes do Malê Debalê; entre outros. Foi, inclusive, a Teka Show que, durante a revitalização do Centro Histórico de Salvador, numa das Terças da Bênção, trouxe para o Pelourinho o Terreiro de Mãe Vanju, lá de Pau da Lima, com sentimento e variedade de atrações. Um ponto de luz na história da Cantina da Lua pela preservação de nossas ruas, becos, vielas e personagens do Centro Histórico. Teka embriaga-se, às vezes, perde-se em tudo que faz, mas nós não podemos esquecer-la. Hoje, ela é uma figura folclórica nos desvãos do Pelourinho.

Estes são os personagens abençoados pelo papa. Assim como o Grupo Cultural Os Negões, dirigido pelos companheiros França e Escorpião, que sempre estiveram no comando da

capoeira aqui no Pelô, levando anos e anos sem esmorecer com outros abnegados. Depois, veio o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, dos mestres Moraes e Cobrinha.

Todos pertencem à Cantina da Lua, todos são personagens da história da Cantina: Mestre Curió, João Pequeno e Mestre João Grande, hoje doutor honoris causa de universidade americana, isso sem falar de Creuza Carqueja, mulher de fibra. E os artistas e poetas, e cantores e escritores, então? Roberto Ribeiro, Luiz Ayrão, Maria Aparecida, Beth Carvalho, Paulinho da Viola, Clara Nunes, Dicró, Bezerra da Silva, Dona Ivone Lara, Lecy Brandão, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Raul Seixas, Glauber Rocha, Siri, Tuna Espinheira, Vinícius de Moraes, Moraes Moreira, Ildásio Tavares, Jorge Portugal, Capinam, Luís Ademir, Carlinhos Brown, Cuíca de Santo Amaro, Zé Coió, Balbino do Rojão, Wilson do Violão, Canhoto, Jiló, meu amigo Barreto, que, ao lado de Letícia Barbosa, marcou época na Rádio Educadora. Minha memória não pode esquecer de Conceição Lacerda, que esteve perto de todas as trincheiras, das emoções a favor da vida e da resistência. Estes são os filhos e, ao mesmo tempo, pais e tutores da Cantina da Lua, como diria meu amigo, poeta, jornalista, escritor e advogado Jehová de Carvalho: “Por ser de madrugada e noite de lua cheia, seja o que Deus quiser quando a aurora raiar”. Eu, Clarindo Silva, continuo aqui, esperando meus amigos e minhas amigas, dizendo sempre no raiar da aurora, no alvorecer do dia, que certamente teremos ainda muita história para contar sobre a gente da Bahia. Porque a Bahia é um templo de memória, de história. Eu, Clarindo Silva, ao colocar reticências nas memórias da Cantina da Lua, venho louvar o professor Cid Teixeira, “o apologista dos tempos, o recipiente mais vivo do nosso imemorial”.

As gerações futuras não poderão nos condenar pela omissão. As gerações que serão os novos educadores não poderão pecar por omissão. Nós outros, neste momento, não podemos pecar por esquecimento. Se a história renasce, a cada dia, nas palavras e nos atos do professor Cid Teixeira, temos que agradecer à sua generosidade, frágil e viva, rica e iluminada, por nos dizer, sempre, que não podemos esquecer aquilo que fomos.

Nem o que somos.

O professor Cid é a memória da Bahia, como a Cantina da Lua é o arquivo dos personagens que conosco viveram tantas lutas e tantas glórias. Se o professor Cid, de tostão em tostão, juntou tanto livro, tanto papel, tanto amor pela Bahia, que cada um de nós, de tostão em tostão, de memória em memória, junte afeto e trabalho para construir seu memorial, aquele endereço que vai abrigar os endereços de todos os baianos. Daqui e de além-mar. Como a Cantina da Lua.

Salvador, 2004

Depoimentos

“Uma Conta Chamada de Filosofia”, mais velha até do que Clarindo

Sérgio Guerra

Clarindo parece ter a idade da lua, ou pelo menos da Cantina da Lua. Entretanto, mais velho do que esta dupla é um bar que existia nas mesmas três portinhas acanhadas e um velhinho que lá estava desde os idos da década de 1940, salvo engano, e aí está Clarindo para nos corrigir, quando preciso for. Lembramos quando Geraldo Portela, o nosso estudante decano, pediu uma pedra de gelo para pôr na cachaça, e o velho dono resmungou: “Desde menino que eu bebo e desde 1949 que eu vendo cachaça, mas nunca vi esta novidade!”.

E tanto bebemos com gelo, reservado para drinques especiais, para agonia do velho, que um belo dia, meses depois, a garrafa da cachaça Saborosa passou a vir, no rótulo, com os dizeres: “Sirva pura ou com caipirinha, natural, gelada ou com uma pedra de gelo”. Motivo de altas bebemorações, porque claro que nos atribuímos o mérito de tal mudança na política empresarial.

Vale registrar o amplo consumo de cachaça: inicialmente, a tradicional Jacaré – que ficou depois de minissaia –; depois, as folhas podres; em seguida, as famosas batidas e infusões diversas. Estas rapidamente substituídas pela nova Saborosa, a quem chamávamos carinhosamente pelo diminutivo Saboca, ou, ainda, Amorosa e, poeticamente, de Sabor de Rosa.

Com qualquer outra denominação, era consumida as garrafadas e disputadas no jogo de pauzinho, palitinho ou porrinha, pura ou como meiota, mistura de uma gasosa de limão com meia garrafa de Saborosa, submetida a um choque violento ou porradinha e ingerida, ainda efervescente, em rápidas e gulosas goladas.

Como base alimentar, oscilávamos entre os acarajés, abarás e passarinhas, vendidos no passeio da funerária vizinha por

uma velha baiana, depois incorporados pela Cantina da Lua, além de uma feijoada servida por Clarindo, devidamente cortada e arrumada em farofa, com uma salada portuguesa à base de alface, tomate e cebola, numa bacia de alumínio, na qual tudo era misturado e comido com sofreguidão e apelidada, carinhosamente, de engasga-gato.

Este mesmo Geraldo, bem como Babita, Curió, Hélio Caretinha, Nego Abílio, Normando, Paulo Pita, Pithon, Régis, além deste narrador que vos fala ou agora registra, e muitos outros tornaram-se donos de uma conta com o velho resmungão com o nome de 'Filosofia'.

Esta era administrada coletivamente e muito surpreendentemente, pois ao final ou começo de cada mês, quando saíam os nossos salários, cada um pagava a sua parte e terminava tudo dando certo, mesmo que, frequentemente, nos assustássemos com os valores, tanto para cima, chegando, às vezes, a 10 salários mínimos, como para baixo, quando, às vezes, não tínhamos nada mais a pagar. Tudo sempre cuidadosa e criteriosamente anotado pelo proprietário com o nome dos endividados ou pagões das despesas ou receitas.

Dolorosamente, no geral, mas, no particular, cumprindo um saudoso mas agradável ritual de registrar, entre os nossos idos, falhas no sorriso de nossa juventude, o meu colega nos quatro anos de curso de História, Bira de Célia, bancário que virou pescador, professor, madeireiro e, enfim, de novo, professor. Sempre com um guarda-chuva pendurado no braço e saindo do bar às carreiras para cumprir o horário do banco. O menino Féo com seu acordeon; sua parceira Margarida, com sua dança cômica, exótica e sensual; além do seu conjunto Os Filhos do Nordeste, de tanto sucesso nas noites baianas, depois que nós levamos para cantar na formatura dos estudantes de História de 1971.

O meu compadre Ignácio Tadeu de Assis, como gostava de se chamar, sempre com uma boa tirada humorística e um caso pra contar. Manolo, Mestre Lenço Branco na capoeira de Mestre Bimba, aprontando sempre em cima dos malandros do Pelourinho, e, por fim, tínhamos de pedir um Campari para Pastore, jornalista, boêmio e grande amigo que, tão cedo como

todos os outros, nos deixou.

Todos estes acontecimentos, com exceção das mortes, é claro, ocorreram por volta de 1970, quando a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia se deslocava, parcialmente, do Largo da Amendoeira, na Avenida Joana Angélica, depois Instituto de Letras e, atualmente, o Ministério Público, em Nazaré, para o prédio da antiga Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, no Centro Histórico de Salvador, obrigando-nos uma peregrinação, entre uma aula e outra, a descer a Ladeira da Poeira e subir a de São Miguel, por dentro dos bregas.

Tínhamos, assim, que guiar nossas colegas por entre as ‘primas’ dos puteiros do Pelourinho, roteiro feito entre risos, piadas e gargalhadas dos poucos rapazes e dos tímidos acompanhamentos das muitas moças, componentes das nossas turmas dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia, Psicologia e História.

Por falar nas meninas de Filosofia, lembremos que este momento pós-68 apontava para uma liberação sexual muito radical, quando o lema, meio de brincadeira e meio de convite à vadiagem, era “virgindade dá câncer”, acompanhando uma moda mais descontraída, onde se combinavam roupas bem moderninhas, como a minissaia, moda hippie-indiana, fim dos sutiãs e dos sapatos altos, além dos usos de camisetas, tênis, botas militares ou similares – afinal, a revolução estava na ordem do dia –, além de sandálias de vários tipos.

Dentre essas últimas, se destacava uma bem popular de couro cru mal curtido e fedorento, tipo trabalhador rural, na época chamada de ‘verdureiro’, quase sempre comprada em lugares populares, como feiras, mercados e a tradicional Ladeira da Barroquinha.

Assim, num belo dia de verão, aí pelas 8h, caía um maior toró, típica chuva da estação, quando uma colega nossa, belíssima e trajando uma calça jeans, bata de cambraia de linho branca, sem sutiã, salta do ônibus na Praça da Sé e, surpreendida pelas águas, corre até a faculdade, a cerca de 100 metros, lá chegando completamente molhada, transparente e quase nua. Estávamos na porta e, num gesto de cavalheirismo, à sua pergunta do que fazer, sugerimos beber, na Cantina da Lua,

um conhaque com alcatrão, limão e mel, excelente preventivo popular contra gripes e resfriados. De pronto, ela aceitou e fizemos isso.

Em seguida, trocamos de camisa, demos-lhe a nossa seca em troca da sua molhada. E assim voltamos, inocentemente, para a faculdade. No entanto, alguns colegas, ao nos verem chegar, de manhã cedo, vindos do lado do brega e com camisas trocadas, espalharam que tínhamos dormido no ‘mangue’. Daí nasceu uma lenda, reforçada por uma história mentirosa de que tínhamos entrado nos diretórios acadêmicos para comer as meninas da esquerda, porque já tínhamos comido todas as da direita. “A maldade desta gente é uma arte!”.

Outro episódio bastante significativo em nossa história foi quando, em uma Semana do Sociólogo promovida pelo diretório acadêmico deste curso, recebemos um aviso de que uma cervejaria estava dando apoio e tinha mandado vários ônibus para uma visita promocional à fábrica. Obviamente, com direito até a uma degustação ao final, mas, como era um dia de programação livre, pouquíssimas pessoas estavam presentes.

Assim, para evitar um constrangimento maior dos organizadores, recolhemos todos os estudantes e, com os vagabundos sempre disponíveis, ocupamos uma grande parte dos ônibus. Feita a visita, foi-nos oferecido um coquetel de cerveja e, então, fizemos a festa, tomando todas. Bira de Célia inventou até de jogar pauzinho para ver quem virava de vez, só para animar a bebedeira.

No ônibus de volta, feito o inventário, um baixinho tinha enfiado não sei onde oito cervejas por dentro da roupa e continuamos bebendo até chegar ao Terreiro de Jesus, onde invadimos os sanitários da faculdade, pois cerveja é muito boa, mas muito apressadinha.

Outra história também de bebedeira deu-se na formatura da turma de História de 1971, quando nós do diretório acadêmico, apesar de todos os constrangimentos da ditadura e da diretoria da unidade, resolvemos fazer uma festa no pátio da faculdade, dividida então entre Medicina e Filosofia. Posto isso, contratamos o citado Féo e Os Filhos do Nordeste, conseguimos no Departamento Social de Vida Universitária (DSVU)

da Reitoria uma feijoada completa e fomos pedir autorização ao diretor da faculdade, professor Joaquim Batista Neves – que deu o nome ao ‘Boi Batista’, do Filó e Sofia –, para fazer a festa.

Como era de praxe, ele começou a colocar dificuldades, argumentando que festa, feijoada, e coisa e tal, logo iríamos querer bebida alcoólica que tinha sido proibida por alguém superior etc. etc. Ao que, de pronto, inocentemente, colocamos que não havíamos pensado nesta possibilidade, mas, já que ele estava lembrando, pedimos a autorização para trazer dois engradados de cerveja e refrigerantes. Surpreendido, ele anuiu, e, então, compramos na Cantina da Lua dois engradados de cachaça e colocamos em caixas de cerveja, e fizemos uma festa da zorra.

Como tínhamos um congresso estudantil em São Paulo, alguns dias depois, e precisávamos viajar por volta das 18h, após a festa, num dia de sábado, mandamos a banda sair tocando pelo Terreiro e fechamos a faculdade. Viajamos para o congresso e, quando voltamos, soubemos que todos os estudantes tinham feito uma festa tão grande no Terreiro de Jesus que acabaram todos presos, por terem mijado na estátua do padre Nóbrega, em cujo pedestal existe uma indiazinha. Até hoje, dizem as más línguas, encolhida e envergonhada de tanto ser alvejada pelos bebuns.

No começo do semestre, fomos chamados pelo diretor, que nos contou o episódio e perguntou o que tínhamos a dizer. Perguntamos se houve algum problema na faculdade e concluímos afirmando que, se o que houve foi na via pública, não era problema nem do diretor, nem muito menos nosso, e assim encerramos o assunto.

E aqui, por ora, terminamos essas histórias, breves e aliageiradas, de um botequinho de três portinhas, sem sanitário, o que nos obrigava a satisfazer as necessidades ou verter água, bem baianamente, no lado da Igreja de São Domingos, ou andar mais de 200 metros para entrar na Faculdade de Filosofia/ex-Medicina, percorrer longos e vetustos corredores e usar seus sanitários.

Este botequinho foi crescendo, incorporando as outras portas e depois a parte de cima do casarão virou um bar e restaurante,

além de uma referência na luta pela recuperação do patrimônio da humanidade, com uma programação cultural de resistência, tornando-se, enfim, um marco da história cultural do Pelourinho. Clarindo está aí para não me deixar mentir e sabe muito bem que, antes de ser Cantina da Lua, já existia como instituição, que ele, muito sabiamente, continua mantendo por muito tempo.

Razão pela qual, sempre que lá estamos, lhe exigimos o devido tratamento de respeito, honra, pompas e circunstâncias, pois somos mais velhos do que ele na Cantina da Lua, o que não é pouca coisa, ainda mais que nascemos com o glorioso nome de “Uma Conta Chamada de Filosofia”.

Sérgio Guerra

Fundador e escriba da gloriosa e imortal

“Uma Conta Chamada de Filosofia”

9 de abril de 2010

Memórias: caminhos da História

Fernando Coelho

A Bahia, bússola de tantos navegadores, descampada para tantas oportunidades de interpretação histórica, horizonte de tantos fatos preponderantes para o orgulho nacional, tem no professor Cid Teixeira seu melhor escudeiro, seu mais acurado intérprete, seu mais ágil e contundente delineador de episódios.

Neste, os episódios que germinaram em 500 anos de renascimento permanente encontram um espelho cristalino. Neste outro intérprete de que vou falar, Quixote de enfrentamentos e lumiar de resistências, a história vira um amuleto grave e forte de testemunho.

Se aquele outro – professor – desmembra e desaparafusa eventos ao longo da História baiana, este aqui, Clarindo Silva, desfibra com emoção, sensibilidade e simplicidade o cotidiano de um trecho da existência brasileira cristalizado no Pelourinho, transformando-o num calendário de pureza e permanente constatação.

Memórias da Cantina da Lua. De um lado, um balcão de homens aflitos por viver uma vida de sempre. Ao mesmo tempo, do mesmo lado de fora, um cidadão ansioso por manter a chama mais viva ainda, mote transformador de dois destinos e da perenidade dos dias e das noites.

Clarindo não se revela. Clarindo, mesmo que negaceie sua exaltada timidez, não fere sua típica verve de homem do seu tempo, presente no tempo dos fatos e na perseverança dos amigos. Seus relatos dignificam a verdade, emudecem as aparências e emolduram o comportamento de uma Salvador inescucível.

As Memórias da Cantina da Lua não diluem o tempo, não corroem a metodologia dos dias e das noites, não sucumbem à crueldade do passado. Antes, murmurejam de exaltação, constroem numa linguagem subitamente simplória e cativante

o perfil de uma época rica, onde um observador viciado em gente desabrocha num escultor da trajetória de personagens ávidos.

Clarindo Silva é um homem do povo que depende do povo. Sobrepisa o ufanismo em defesa daquilo que os olhos veem. Clarindo é um historiador que todo estudante, num país esquecido de estudar, precisa ouvir atentamente. Que instrumento Clarindo Silva usa para regar e cultivar instantes fatais do Pelourinho e do Terreiro de Jesus?

Usa a lembrança. A sensibilidade. A gratidão. Escritores sem lembrança, sem sensibilidade, sem gratidão pela vida tornam-se enfadonhamente medíocres. Clarindo se mancha na clara lua de Salvador. Clarindo mergulha nas fagulhas do sol de Soterópolis grávida de lembranças. Clarindo, quando crava seu aço de arisco arauto no dorso do tempo que viveu e untou de solidariedade, desbrava um painel de saudades, de amizades, de agradecimentos. Memorialistas, para o bem ou para o mal, são mesmo assim. Cruéis e argutos. Dolorosos e pueris.

Assim é Clarindo Silva, que, na escola da rua, na ribanceira do balcão suado da Cantina da Lua, no exaurir-se da luz, da voz e do futuro de tantos amigos, reanima fotografias amareladas pelo passado e que povoam as esquinas e os telhados do Centro Histórico de Salvador.

Clarindo Silva é um homem da resistência. Ele mergulha e respira. Ele chora e mesmo assim enxerga todos os lados. Ele se lembra e se diverte. Ele se comove e se converte num autêntico centurião das ruas macias de São Salvador da Bahia de Todos-os-Santos, onde, mais do que escritor, é personagem, olhador, fazedor de encontros.

Quem educa num país desacostumado com os bens da educação, sabe e sofre. Quem resgata nossa memória num país mais acostumado a tratar a memória com trator e prensadeira, sabe que o futuro não se faz sem a história, sem a página inquestionável do passado. Clarindo Silva sabe disso. E insiste nisso, por isso escreve.

Não fosse assim, não ficaria indormindo em vigília incansável pela restauração do Centro Histórico de Salvador. Não fosse assim, não mediria, todos os dias, em passos lépidos

e precisos, o quadrilhamento das pedras cabeça-de-nego que sustentam tanta dor remida, tanta esperança seca, tanta virtude humana nas entrelinhas surradas do Pelourinho.

À secura dos tempos, Clarindo desaba em fé. Como a menina Anne Frank, Clarindo Silva também acredita na bondade humana. Entrega-se como uma onda de boa vontade ao propósito de cultivar, cultuar, endeusar sua deusa terra. Teimoso, escreve e relata. Puro, desabafa e ensina. Obstinado, não segue desvios. Não recua. Empertiga-se e avança em nome de nossa cultura.

O que há de nosso em Memórias da Cantina da Lua? Tudo, aliás. O próprio ato de contar, esclarecer, narrar, desvendar é o rigor desse novo Clarindo Silva, capaz de surpreender pelas mil facetas, pelas mil atividades, pelas mil e uma maneiras de nos entregar seriedade, de desdobrar a nossa falta de atenção em estado de alerta.

Clarindo Silva é de uma espécie de homem em extinção. Porque homem, mais humano. Porque vertente de resistência, mais mestre. Porque humilde, mais sábio na definição das coisas naturais. Porque escritor iniciado, mais preparado para calejar as mãos no ofício de escrever em nome das belezas de sua terra. O coração de Clarindo Silva é Salvador. Sua alma, o Pelourinho. Sua cor é a do mundo. E o mundo mora na Cantina da Lua.

Fernando Coelho
Jornalista e escritor

Cantina dos sonhos

Tasso Franco

Não lembro o momento, o dia, o evento que me fez ir pela primeira vez à Cantina da Lua. Fui guiado, certamente, pela peregrinação jornalística que se fazia no Centro da cidade nos anos 1960/70. Todos os veículos de comunicação se situavam nesse eixo, salvo a Tribuna da Bahia, que, nascida em 1969, se instalou na Djalma Dutra, nas bordas do Mercado das Sete Portas.

Meu parceiro de intermináveis tertúlias da Lua foi Rê-mulo Pastore, de saudosa memória. Descendente de família italiana, Reminho – apesar de ser enorme em altura – tinha cadeira cativa nesse reduto boêmio do Centro Velho da cidade, desde a época em que Clarindo Silva dava os primeiros passos na sua campanha para sensibilizar as autoridades e revitalizar o Pelourinho.

Sentávamos quase sempre na ‘mesa da diretoria’, equipamento que se situava no 10 andar – no Piso Lunar –, ao lado da janela adjacente ao escritório da casa. Ponto estratégico, víamos a um só tempo quem ingressava no salutar estabelecimento e quem transitava pelo Terreiro de Jesus e adjacências. Podíamos, se assim quiséssemos, orar dali mesmo, pedindo a Deus por nossos pecados ao contemplar a Catedral da Sé, com seus santos e os símbolos da Companhia de Jesus.

De tudo se presenciava um pouco no caleidoscópio humano que se constituía (e ainda hoje é assim) o Centro Histórico de Salvador. De pessoas simples, do povo, que se misturavam a poetas e boêmios que habitavam com frequência aquele espaço, a artistas, prostitutas, marginais, agentes de polícia, vendedores ambulantes e afins.

Tempo dos monumentais porres de Tonicão e de Leal engraxate, de conversa repisada e repleta de gírias de Sergipinho, de Jehová de Carvalho e seus beijos nos cangotes, de Gildásio Xavier, Gilberto Boca de Lixo, a turma da revista da Bahiatursa – Otto Freitas, Césio Oliveira, Pedro Formigli, Carlos Navarro, Comprido, entre outros, do poeta José Sampaio, do

cinasta Siri, da Fia Luna, Lúcia Cerqueira, Lígia Aguiar, Aninha Umbigo de Ouro, Celinha e tantas outras –, pessoas que faziam da Lua um ponto de encontro agradável.

Sempre regendo essa banda de múltiplas cabeças em ideias e pensamentos no batente diuturno, o incansável maestro Clarindo Silva, clone de José do Patrocínio, afilhado do major Cosme de Farias, comendador do Pátio de Jesus e barão do Pelourinho por honra e glória do povo da Cidade de São Salvador da Bahia de Todos-os-Santos. Magro e resistente como um espeto de assar costelas, paciente com os notívagos de única cerveja sobre a mesa, roupa branca inseparável do corpo no dia a dia, esse negro miúdo e gentil representa a própria vida e imagem da Cantina em toda a sua extensão. Uma casa de lazer, de conversa a dois ou quatro, de grandes recordações e também do tempo atual com o mesmo encanto e segredos com que a fizeram o principal ponto de atração do Pelourinho no seu gênero.

Tasso Franco
Jornalista

Cantina da Lua

Gey Espinheira

Como devia ser, é de esquina. É uma esquina e, mais ainda, esquina de uma rua com uma praça. Praça que se chama Terreiro, profana e sagrada, porque terreiro na Bahia é largo, é quintal, mas é também templo, morada dos santos.

Terreiro de Jesus. Ali, naquele largo, quando bem antes “retumbaram hinos, os governadores-gerais da Bahia festejavam com jogos e touradas as vitórias nas guerras justas que empreendiam contra os índios, abençoados pelo padre Manoel da Nóbrega”. Mas isso é coisa antiquíssima!

A Cantina da Lua é de esquina e vizinha de uma igreja, a de São Pedro dos Clérigos, que olha de soslaio para a de São Domingos, noutra esquina, e, obliquamente, para a Catedral Basílica. Vesga, nesses olhares imprecisos, não alcança a vista para a de São Francisco, igreja e convento do mais puro barroco da Bahia. Vê-se, assim, em que vizinhança está o mais sagrado templo da boemia de Salvador, também sagrado por suas funções hedônicas.

Clarindo Silva, preto no branco de suas devoções, se volta para a lua e a oferece aos boêmios em sua Cantina. Abre portas e janelas para os que são da noite, para os contumazes da vida, mas não deixa de receber os que vêm de fora como turistas e que se encantam com o jeito de ser de um povo tão múltiplo e colorido e tão disposto a alegria, a comemorações e festas.

Claudete Macedo canta, Jehová de Carvalho declama e faz bravatas. Mas lá estão, também, Sobral, Pastore, Tuna, Ruy, Ângelo Roberto, Gaguinho, Fred Souza Castro, Vivaldo da Costa Lima, Tatá e tanta gente mais. Anjos todos da noite baiana. E a mulherada alegre e solícita. A dança, a festa, os encontros, as promessas...

Clarindo, com extrema dedicação, gerencia sua Cantina voltada para a lua e a faz respeitabilíssima, absolutamente democrática. Ali, se pode comer o famoso encubado, entre outras opções. Pode-se beber o cravinho, as cervejas...

A Cantina da Lua sempre foi um lugar para onde se ir, um ponto de encontro e a certeza do encontro. É ainda esse lugar encantado, mágico, mesmo depois de reformulado para integrar o projeto maior do Centro Histórico, do qual a Cantina da Lua e o próprio Clarindo Silva fazem parte ativa.

A Cantina da Lua é esquina, mas é também encruzilhada. Ir à Cantina, com todo o respeito, é fazer o seu padê para desembaraçar os caminhos ou ter acesso aos Orixás.

A bênção, Clarindo Silva. Todo axé para a sua Cantina da Lua.

Gey Espinheira

Sociólogo, ensaísta e ficcionista,
professor da Universidade Federal da Bahia,
frequentador assíduo da Cantina da Lua

Cantina, um porto

Anísio Félix

A praça do Terreiro de Jesus ainda não acordou. As crianças passam aos bandos rumo às escolas, e os fiéis obedecem ao chamado dos sinos das igrejas que guardam o Centro Histórico. No ar, ainda o cheiro forte de perfume e suor, ou de suor e perfume, restos de risos.

Mais uma noite recolheu-se, cansada, dando lugar ao inclemente sol que não é cúmplice dos amantes e não ouve confissões. Ali, ali, nas esquinas de todas as ruas, está a velha Cantina que já ouviu tantas canções, juras de amor e desamor, poemas verdadeiros e mentirosos, acolheu boêmios, poetas, bêbados, bandidos políticos e políticos bandidos e senhoras prostitutas.

Por cada banco e canto da Cantina já passou a fina flor de tudo, do pecado à virtude.

Quando desce o crepúsculo, como que atraída por uma estranha força, vai chegando de todos os bairros, de todos os lugares, de todos os cantos de mundo gente de todos os tipos e gostos. É como se fosse um terminal recebendo passageiros pagantes, clandestinos e náufragos. A Cantina é um porto, com sereias cantando, atraindo, chegando e saindo.

Esta é a Cantina da Lua, que por muitas luas acolhe boêmios verdadeiros e falsos, ouve versos, desaforos, palavras feias e bonitas, tem suas noites de realeza e de plebeia, mas não arreda uma pedra sequer do lugar de onde foi construída.

Ali defronte já esteve armado um pelourinho, onde os negros eram estupidamente violentados pelos colonizadores que agora nos chamam de 'irmãos'. Hoje, nem toda água derramada pelo chafariz seria capaz de lavar tanta sujeira.

O seu anfitrião é Clarindo, mas bem que poderia se chamar João, José, Jacó ou Jeremias. Qualquer nome que tivesse, não mudaria o seu jeito, a sua fala, a sua cortesia monge.

E quando se fala da Cantina da Lua, não se pode esquecer dos poetas que ali tiveram cadeira cativa, choraram, sorriram

e jogaram versos por todos os cantos, por todas as janelas, nas calçadas de pedras incertas, ladeira abaixo.

A Cantina da Lua teve o privilégio de conhecer uma geração de jornalistas e intelectuais que muitas vezes criaram prosas e versos em suas mesas, ‘brigando’ com os copos.

E já vem outro dia...

Quando a lua vai descansar, repicam os sinos das igrejas do velho Centro Histórico de Salvador da Bahia. As crianças que vão para a escola e as beatas que vão para a missa sentem no ar o forte cheiro de perfume e suor.

E os ‘fiéis’ que deixam a Cantina da Lua agora vão em peregrinação para suas casas, muitas delas, quem sabe, sem perfume, sem suor e sem poesia.

Anísio Félix
Jornalista

Cantina da Lua I

Cristina da Costa Pereira

Do alto de tua janela
degusto todos os sabores,
ouço todos os sons,
sinto todos os cheiros,
vejo todas as imagens
e até intuo todas as fantasias,
que pertencem só a ele, Pelourinho,
do chafariz, das ladeiras (de onde, às vezes, se vê o mar),
da Casa de Gregório de Mattos (hoje federação espírita),
da Casa de Jorge Amado, da Sociedade Protetora dos
Desvalidos,
do chão de cabeça-de-nego, de todas as igrejas (a de San-
tana me cativou iluminada),
do Centro das Artes, de todas as artes, das baianas do acarajé,
do samba nas ruas,
Olodum, um ritmo e um som em cada esquina...

E de tão livre, ele, o Pelourinho, e ela, a Lua,
me trazem aos ouvidos canções de Riachão e Renato Russo.

Todo 4 de maio na Lua é festa de Noel Rosa,
e na Lua, Adelzon, Batatinha, Zezé Motta e tantos outros
são ruas, iluminando nossos caminhos.

Mas não posso me esquecer de São Jorge, o cavaleiro da
lua, na quebrada da tua escada
nem do cravinho, do cheiro do incenso, do angu encubado
e de todas as lutas travadas em teu espaço
pelo Pelourinho de 450 anos.

Na porta, a aparição de Clarindo,
na Festa da Bênção, no Terreiro de Jesus.

Dali, dou um pulinho no Dique do Tororó

e ofereço aos Orixás flores, perfumes, balas e espelhos,
sobretudo agradecida.

Só na Cantina da Lua, terreiro transcendental,
o sol e as estrelas andam juntos.

Cristina da Costa Pereira

Escritora, poeta e professora de Literatura,
além de frequentadora da Cantina da Lua

Cantina da Lua II

Cristina da Costa Pereira

De uma janela de bairro da Saúde já te pressinto, pois daqui, por ora, só posso te imaginar encravada no Terreiro, quando vislumbro a Igreja de São Francisco e a Catedral.

Subindo ladeiras, cada cabeça-de-nego, artesanalmente encaixada, relembra duras histórias de sacrifício; mas não tem nada não e vou passando por Olodum, Mestre Prego e os Meninos do Pelô, Didá, Axé, Mestre Régis e Os Filhos de Gandhi, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Cores, sons de música saindo das janelas, de cada esquina um batuque, de cada quebrada de rua uma cantoria. Ah, o mar que vi há pouco da Castro Alves! Eu, que já mirara extasiada da Sorveteria Cubana o pôr do sol.

Paro no Edifício Themes – comprar fios de conta para Iansã – e, quando dobro a esquina, o Terreiro, Pelourinho; história passada e vida presente entrelaçadas energeticamente, olhando o futuro. O tempo está aqui.

Afinal, depois de toda essa viagem, eu, andarilha, te encontro. Subo as escadas, saúdo Ogum e em ti me abrigo, me alimento e repouso. Meu olhar, do alto de tuas janelas, revê todo o Terreiro de Jesus a saciar-me o espírito.

Cantina da Lua. A lua da Bahia em todo o seu esplendor.

Cristina da Costa Pereira

Escritora, poeta e professora de Literatura,
além de frequentadora da Cantina da Lua

A Lua de Clarindo Silva

Kátia Melo

Clarindo é daqueles amigos para todas as horas. Cada vez que nos encontramos, somos acolhidos com um forte abraço e uma transmissão de energia positiva que nos revigoram. Um batalhador incansável, um pai de família exemplar e, acima de tudo, vencedor. São qualidades que posso ver nele nitidamente.

Ao escrever este texto, lembro-me de quando nos reuníamos na frente da Cantina da Lua nas Terças da Bênção, para traçar os planos estratégicos para as ações do Movimento Negro aqui na Bahia e do seu apoio à nossa luta. Foi também na Cantina da Lua que pude apresentar o lançamento de mais de 100 livros. Vi surgir vários talentos musicais e artísticos. Nessa época, o Centro Histórico estava num processo de franca degradação e a voz de Clarindo Silva alertava a todos nós para a importância da preservação daquele patrimônio.

A cada atividade que ele promovia, com os próprios recursos de comerciante, fazia uma abertura com um discurso que para todos nós era uma verdadeira aula de História da Bahia. A política baiana, a cultura local e a boemia se entrelaçavam na Cantina, que era, e é hoje, uma espécie de caldeirão cultural de Salvador.

Mentor de vários projetos, eu pude acompanhar e participar mais ativamente de um dos mais importantes promovidos por Clarindo, que foi a Criançarte, um dos projetos pioneiros na socialização e educação das crianças em situação de risco do Centro Histórico.

Acredito que um dos momentos mais fortes na vida de Clarindo foi quando enfrentou a especulação imobiliária promovida pela revitalização daquela área e as pressões para vender a Cantina para uma multinacional americana. E eu vi aquele homem negro, franzino, contudo sábio, paciente e excelente negociador vencer a batalha e permanecer no local.

Outro momento, este mais forte ainda, foi sua indicação por unanimidade pelos membros da Câmara de Vereadores da época para ser o administrador da Regional Centro, porque,

por razões políticas, lhe tiraram a administração do Pelourinho. Era como um corpo sem o coração. E, literalmente, o coração de Clarindo quase parou. Mas, felizmente, os cães ladram e a caravana passa, e Clarindo continuou nos acolhendo na sua Lua, para o orgulho e o prazer de todos os soteropolitanos, baianos, brasileiros e visitantes estrangeiros.

Axé, Clarindo! Que Oxalá, nosso Deus, continue a lhe dar forças e sabedoria para continuar lutando, pois o negro neste país, para sobreviver dignamente, tem que ser herói.

Kátia Melo

Pedagoga

6 de abril de 2003

Para Clarindo Silva

Edvaldo Gato

Mas é claro, Clarindo! Que a claridade do luar da Cantina da Lua só poderia clarear, como sempre clareou, o juízo dos baianos e não baianos: claros, escuros, pretos, brancos ou outra cor que se venha aconchegar-se e, muito claramente, por situar-se em um terreiro que tem o nome do grande Filho do grande Pai todo poderoso, que veio a este mundo clarear as mentes humanas, distinguindo o que é bom e o que é ruim. Obrigado, Clarindo, por preservar tanta claridade nesta luminosa Cidade de São Salvador, sem dor e com total clarividência. É claro, Clarindo, que é muito lindo continuar clareando.
Obrigado, Clarindo Luz!

Edvaldo Gato

Artista plástico

31 de outubro de 2002

Lua, Lua, ó Cantina

Egnaldo Araújo

Lá se ia a década de 1960 quando nos mudamos do interior para o 2º andar do prédio de nº 20 do Largo de São Francisco, para a Pensão São Francisco, adquirida por meus tios, os itabunenses Antônio e Maria Sodrê – local onde hoje funciona, no térreo, a Agência da ECT, esquina com a Igreja de São Francisco, prolongando-se o casarão em estilo colonial em direção à Rua Inácio Acioli, abeirando-se à Capela da Ordem Terceira de São Francisco.

Ao lado de casas de família, todo o Centro Histórico revivia-se com a prostituição em suas ruas, destacadamente nas do Maciel de Cima, Maciel de Baixo, Rua do Açouguinto, Ladeira de São Francisco, Saldanha da Gama e outras. No Terreiro de Jesus, funcionavam vários estabelecimentos comerciais, desde funerárias, botequins, padarias, mercearias, até a famosa Faculdade de Medicina da Bahia, com o Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, sob a direção do Dr. Charles Pitex. Ao lado, funcionava a Cantina da Lua, um dos pontos de encontro da boemia, de funcionários públicos, alguns professores e estudantes de Medicina. Ainda ao lado, funcionava o Forró de Zazá, igualmente frequentado por outro tipo de pessoas e, misturados com políticos, intelectuais como Jehová de Carvalho e outros, prostitutas, bandidos e conhecidos repentistas como Cuíca de Santo Amaro e Zé Coió. São figuras que, na minha adolescência, observava de longe, ao passar para o trabalho, como office-boy no Comércio e, à noite, para o colégio noturno, em Nazaré.

Ao concluir o 2º grau, passei a trabalhar em banco, o que me possibilitou ter vida própria, e aluguei, então, uma vaga em um quarto na Rua Saldanha da Gama, tendo como companheiro de quarto um coroa espanhol que trabalhava próximo, de garçom, muito boa praça e que tinha o hábito de guardar uma garrafa de cachaça sob a cama, para, vez por outra, tomar uma talagada.

A Cantina da Lua, sob a direção de Clarindo Silva, constituiu, indiscutivelmente, um ponto referencial de grande importância na evolução econômica e social do acervo arquitetônico do Centro Histórico, cujo tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e empenho do governo carlista vem se consolidando como patrimônio histórico da humanidade.

Eginaldo Araújo
Jornalista e professor

Cantina da Lua

Naira Sodré

Palco de muitas batalhas, a Cantina da Lua e seu fiel escudeiro, Clarindo Silva, guardam em sua história momentos especiais e de grande valor, como a luta pela recuperação do Centro Histórico. Palco de resistência, a Cantina da Lua acolheu boêmios, artistas e intelectuais que iam lá conversar, discutir política e outros assuntos. Eu, Diva Maria de Jesus e Aninha Muniz tivemos nosso primeiro contato com a Cantina quando éramos estudantes de Jornalismo.

Estávamos lá quase todos os sábados, discutindo ou batendo papo com tantos outros amigos que apareciam. Sempre com um sorriso nos lábios, Clarindo acolhia a todos, até os que exageravam na bebida, afogando as mágoas. Pacientemente, ouvia as queixas e as histórias. No início, a Cantina era apenas duas portas. Chegávamos e nos sentávamos nos engradados que viravam bancos. Com muita luta, o fiel escudeiro conseguiu tomar conta de todo o térreo e, mais tarde, do 10 andar.

O Projeto Cultural Cantina da Lua trazia poetas e cantores para noites maravilhosas ao som da MPB. O tempo passou, o Centro Histórico foi recuperado, é uma realidade e a Cantina da Lua continua com o seu fiel escudeiro, travando novas batalhas, novas lutas. A Cantina é o testemunho vivo do Pelourinho.

Axé, Clarindo!

Naira Sodré
Jornalista

Cantina da Lua

Ediale da Salgado do Nascimento

A Bahia que eu amo, onde vejo a pequena África brasileira, é rica de lugares caros ao meu coração. De tudo que já vi e vivi, em cada cantinho da terra de Castro Alves, Luíza Mahin e Luís Gama, das praias de Santa Cruz Cabralia às cidades ribeirinhas do Recôncavo, ou aos vilarejos do Sertão, existem alguns símbolos do meu carinho.

Na primeira vez em que cheguei ao aeroporto de Salvador, fui recebida pelo sol nascente, de um lado, pela lua cheia que se recolhia, do outro, e por dois arcos-íris que acrescentavam suas cores ao espetáculo do novo dia.

Eu já me sentia em casa naquela viagem para celebrar meu aniversário, em maio de 1981.

Mas no caminho do aeroporto até o Hotel da Barra ainda havia um belíssimo bosque de bambus, banhados pela chuva que caía na madrugada. É um deleite cada vez que eu revejo.

Do Rio de Janeiro, trazia eu a missão de transmitir um abraço a Mestre Calá, enviado por Thelma Guimarães, que já o conhecia e queria bem, desde uns tempos de trabalho em produção de cinema na Bahia.

Aquela época, para minha surpresa, fui desestimulada por funcionários do hotel a visitar o Terreiro de Jesus, que diziam ser perigoso para os turistas. Contavam casos de roubos, violências.

Ignorando os maus conselhos, não só visitei o Pelourinho uma vez, porém muitas vezes. Infelizmente, não pude conhecer e abraçar Mestre Calá, uma vez que ele estava no Rio de Janeiro.

Conheci sua Cantina da Lua, no coração do Terreiro de Jesus, centro nervoso do Pelourinho, e lá deixei minha mensagem.

Menos de um ano depois, quis voltar à Bahia com calma, percorrendo o litoral sul, visitando Itaparica.

Aí sim, conheci, abracei e recebi o forte abraço de Mestre Calá.

A cada volta a Salvador, Clarindo levava-me a conhecer, ou a rever, os mais lindos sítios de sua cidade. Alguns como o Terreiro da Casa Branca, pelo qual lutamos há uns 20 anos para que se tornasse, depois de tombado, patrimônio público.

Também lhe agradeço a apresentação à Lagoa do Abaeté, suas águas escuras e suas lavadeiras, que me trouxeram aos ouvidos as canções de Dorival Caymmi.

A Cantina da Lua, hoje, é a minha casa em Salvador, que faço questão de apresentar a todos os meus amigos, brasileiros e estrangeiros que visitam a Bahia.

Durante almoços, jantares, passeios, conversas na Cantina e na casa de Clarindo, acompanhei sua luta pelo crescimento da Cantina. A realização de shows com artistas de todo o Brasil, concursos de bandas de música e o empenho na revitalização do Centro Histórico demonstram o valor do meu irmão Clarindo Silva.

Para completar meu prazer, só me falta entrar na Cantina e encontrar a placa da Rua Edialede Salgado do Nascimento, carioca, renascida na Bahia.

Irmão, amigo, companheiro Clarindo, aquele abraço.

Edialede Salgado do Nascimento
Ginecologista e articuladora cultural
Rio de Janeiro, 28 de julho de 2003

Clarindo, o Mestre Lua

Carlos Pronzato

A lua do Pelourinho não seria a mesma se a Cantina da Lua não existisse. Clarindo Silva, o famoso proprietário, sabe disso e convive há muitos anos com esta peculiar responsabilidade: a de ser o detentor do luar, que ilumina a estrada do Pelô, bem ali no Terreiro de Jesus, no início que conduz ao largo, ao coração do Pelourinho.

A lua, cada noite, pede a bênção ao Clarindo para instalar seu romantismo, sua saudade, seu olhar de estrelas infinitas, seu silêncio antigo e suas contemporâneas tristezas e alegrias nas estreitas ruas, nos velhos casarões e nos visitantes do bairro mais famoso da Bahia.

Simples, modesto e solidário como poucos, presente e sábio como um rei africano, com certeza um Orixá cotidiano, ou até uma personagem materializada de Jorge Amado, Clarindo ilumina o Pelourinho desde o seu escritório no 2º andar desse invisível ‘palácio do governo’ denominado Cantina da Lua.

Apaixonado pela história e cultura desse território coroadado de cúpulas e ouro sobre os paralelepípedos manchados com o sangue dos escravos, Clarindo constrói, regularmente, seus famosos e eloquentes discursos que o tornaram o ‘Cícero oficial’ dessa Roma mestiça, como o são o barroco das suas igrejas e a mágica natureza dos seus terreiros.

Por tudo isso, a lua do Pelourinho não seria a mesma se a Cantina da Lua não existisse. A lua da Cantina empresta à lua lá de cima a luz da sua boemia, dos seus poetas, intelectuais, pintores, cantores, artistas populares e ilustres visitantes que, ao longo de tantos anos, deixaram sua marca no espírito e na tradição desta insubstituível Cantina, mas, sobretudo, a luz eternamente vestida de branco de Clarindo Silva, o Mestre Lua.

Carlos Pronzato

Cineasta, diretor teatral, escritor
e agitador cultural argentino radicado na Bahia

O anjo

Léa Fonseca

Falar de Clarindo é algo muito profundo! Tem-se que ter acesso à sua alma para conhecer a sua grandeza! Clarindo é como uma fonte de cacimba de onde se retira água doce e cristalina das águas salobras dos riachos do Sertão... Clarindo é um anjo bom que Oxalufã enviou à terra para defender causas nobres, tais como os oprimidos, os negros e brancos pobres, e o idealizador do Projeto Cultural Cantina da Lua, do qual tive o imenso orgulho de ser coordenadora de um sonho que ele acreditou, investindo na revitalização do Centro Histórico de Salvador, que hoje é uma realidade social e cultural! Mestre Calá é um amigo que qualquer pessoa sensível sentiria a felicidade de gozar desse imenso prazer. Meu querido amigo Mestre Calá é da cor do arco-íris, que embeleza e encanta o céu, a terra e o planeta!

Léa Fonseca

Escritora

3 de março de 2004

Cantina da Lua, presença viva na História de Salvador

Lázaro Torres

“No 1º andar do sobrado da esquina das Portas do Carmo, com frente para o Terreiro de Jesus, conhecido por Casa do Banco, a 2 de janeiro de 1817, o Banco da Bahia, primeira filial do Banco Central, iniciava suas atividades a pedido de alguns negociantes desta praça”. É o que nos informa o ilustre pesquisador Waldemar Mattos em seu livro *Evolução Histórica e Cultural do Pelourinho*. Inaugurada em 25 de abril de 1945, no mesmo local onde funcionava o banco, a Cantina da Lua é um marco histórico, já que saíram dali os primeiros gritos de resistência nos anos 70. Mantinha-se, na época, intensa programação cultural visando combater as tentativas nefastas dos que pretendiam destruir o patrimônio histórico e cultural em nome de uma falsa modernidade.

Pouco a pouco, a casa tornou-se reduto de artistas e cineastas como Nelson Pereira dos Santos, Batatinha, Bob Laô, Walmir Lima, Claudete Macedo, Riachão e Waldick Soriano, os jornalistas Anísio Félix, Naira Sodré, Rêmulô Pastore e um sem número de estrelas que têm iluminado não só as noites, mas também os dias da célebre cantina, onde a cordialidade predomina entre os seus frequentadores, sejam estrangeiros ou gente da terra. *A Resistência da Lua*, documentário de Octávio Bezerra, além de tantas publicações editadas ao longo dos últimos anos, é testemunha de nossas palavras.

Além de saciar a fome e a sede de quem procura a Cantina da Lua, ansioso por experimentar o tradicional angu encubado, Clarindo Silva, o anjo sempre trajado de branco, prega a paz também nas tardes de hoje na música do alemão Bruno Brown.

Como se isso tudo não bastasse para o conforto da matéria e do espírito, proclama uma pequena placa de mármore

afixada na fachada do antigo prédio: “A Canina é um espaço cultural, poético e social. De luta e existência que o mundo conhece. Que nossos filhos perpetuem a luta” (28/04/1995).

Assim é a Cantina da Lua: um local de esperança, alegria e prazer.

Lázaro Torres
Jornalista

O abraço do Mestre Clarindo

Aninha Umbigo Muniz

Sento-me à mesa em frente à janela, de onde posso ver o chafariz e todo o Terreiro de Jesus. Por companhia, doces e queridas lembranças de um tempo que ainda hoje continua sendo bom de recordar. Na quietude do 1º andar, eu deixo que o afeto passeie pelos salões da galeria das minhas memórias, onde cada um daqueles que se fizeram amados se perpetue no carinho que me desperta até hoje. Amigos queridos guardados no espaço mais confortável do meu coração.

Quando o tempo lançava os últimos raios dourados no início do ano de 1970, lá fui eu para a Cantina da Lua, levada pelos amigos e colegas de Jornalismo da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, a inimitável turma de 70, e mais os agregados que faziam o circuito boêmio da cidade – professor Humberto, Ângelo Boca Preta, Misael CC, Gramiro ou Ramirão, e todos os poetas amigos de Ruy. Muita birita. O pessoal do paredão – Ruy, Helô, Gracia ‘a magra’, Tadeu, Velho Bonfa, Eugênio, Eva, a divina Elizete. Nossa turma aliciou o pessoal que chegou depois – Nívea, Diva, Naira, Nega Lícia, Celinha, Telma, as meninas poderosas do Vale do Canela. E todos passaram a se encontrar ‘lá no Clarindo’.

Na Cantina, cabe a cidade, o Brasil, o mundo. Ela é um dos poucos lugares com personalidade e charme próprios nessa Cidade do Salvador de Todos os Santos da Bahia. A Cantina é meu ‘Bar Esperança’, meu ‘Bagdá Café’. Já deveria ter virado tema de filme, pois enredos não faltam, tampouco personagens.

Gosto da Cantina nas tardes de sábado, nas manhãs de domingo. Nos dias de chuva.

O melhor da Cantina, porém, não é o angu encubado, a cerveja gelada, o acarajé feito na hora; o melhor da Cantina é o abraço do Mestre Clarindo, um dos homens mais elegantes da Soterópolis, dono absoluto de um delicado *savoir faire*

herdado na realeza dos nossos antepassados. O abraço do mestre é como um banho de macassá, um privilégio, puro axé, coisa dos homens do bem, homens de bem, homens de paz.

Aninha Umbigo Muniz

Jornalista

Mai de 2003

Clarindo, Cantina da Lua, Pelourinho

Antônio Andrade

“O menino que se fez homem nem me viu crescer”.

Clarindo é o ícone da história do Pelourinho que se confunde com a história das cabeças-de-nego que tapetam as ruas, ladeiras e becos do Pelourinho, onde escravos açoitados gemiam o grito da liberdade.

Subir a ladeira é estar no templo sagrado da boemia baiana, é estar na Cantina da Lua, centro de resistência da cultura morena nacional. Clarindo, a sua trajetória é a resistência viva que o tempo não há de apagar com o chamego e o requiebro das mulatas, o sabor do bambá e os versos do poeta de rua.

Antônio Andrade
Neurologista

Clarindo recebe a Medalha Thomé de Souza

Germano Tabacof

Discurso proferido pelo vereador Germano Tabacof na sessão especial por ele requerida para outorga da Medalha Thomé de Souza ao Sr. Clarindo Silva de Jesus. (Salvador, 13. 5. 96)

Miguel de Cervantes, se estivesse vivido em nossa época, em nossa Salvador, com certeza teria se inspirado em Clarindo Silva de Jesus para criar seu famoso personagem, o intemorato combatente. O fidalgo Dom Quixote.

Clarindo Silva é um bravo combatente da nossa cidade. O Centro Histórico de Salvador, durante longo tempo, ficou ao abandono. Debates, projetos, ideias, convênios, seminários e outros tais foram imaginados, planejados, divulgados, compromissados e até assinados, mas nunca implantados.

Clarindo Silva, com sua Cantina da Lua na esquina da Rua Alfredo Brito com o largo do Terreiro de Jesus, ao lado da mais antiga Faculdade de Medicina do Brasil, sempre esteve alerta pela dignificação do Centro Histórico, muitas vezes sozinho.

O Centro Histórico foi levado a um estado de penúria e decadência, por que não dizer do desprezo de quem tinha a obrigação de cuidá-lo. Uma única pessoa, Clarindo, nunca desanimou. Falava, pedia, alertava, gritava, criticava, protestava.

O povo antigo do Pelourinho o conhece. Os novos, pós-reforma, que transitam e se divertem no Centro Histórico, talvez não saibam quem é Clarindo Silva, seu valor, seu trabalho e sua humildade nata de cidadão correto. O Centro Histórico está redivivo, e, com a outorga da Medalha Thomé de Souza, Clarindo Silva está sendo devidamente reconhecido pela Câmara Municipal, a casa política do povo de Salvador, a voz da cidade.

Senhoras e senhores. Clarindo Silva nasceu em Conceição do Almeida, em 16 de março de 1942. Com oito anos de

idade, em 1950, a família, a imensa prole de Manoel e Maria da Conceição, mudou-se para Salvador. Foi aqui que Clarindo, ao ter contato pela primeira vez com o Centro Histórico, ainda menino, encantado, disse: “Que presépio lindo!”.

Em 1971, 21 anos depois de aportar em Salvador, já com experiência de vida, após trabalhar em diferentes ofícios e artes, Clarindo arrenda a Cantina da Lua e aí trava uma luta de comerciante para sobreviver no mundo dos negócios.

Não foi difícil, porque Clarindo é um mestre na arte de receber com simpatia cativante e sorriso permanente. Muita coisa boa nasceu na Cantina, outras coisas boas passaram pela Cantina. Ali se discute, se briga, se ama, se faz poesia, se canta com ordem, respeito e o olhar suave, mas energético, de Clarindo.

Até chegar a comerciante consolidado, Clarindo trabalhou muito, sem se descurar de fazer uma família estável com Dona Maria do Carmo e seus quatro filhos.

Ao lado de Clarindo, pouco a pouco, foi aparecendo o valor do Centro Histórico, sua cultura, seu papel na interracialidade; enfim, mostrando que o Centro deveria sobreviver e, quem sabe, voltar ao fausto passado.

A Cantina da Lua, além de oferecer deliciosos e misteriosos ‘comes e bebes’, começou a se transformar num centro cultural diferente daqueles dos círculos oficiais do poder ou ‘panelinha’ de artistas e literários bem sucedidos na vida. Soube compreender Clarindo a necessidade do artista emergente, ter uma mão, uma escada, se não para o êxito, mas, pelo menos, para ser ouvido. Daí surge o Projeto Cultural Cantina da Lua.

Quero ressaltar que para todos ficou patente, desde o começo, que o projeto não era para vender mais um prato de angu encubado ou uma garrafa de milome. Não! Ao lado do aspecto lúdico e gastronômico, o Projeto Cultural Cantina da Lua procurava chamar a atenção da comunidade e dos poderes públicos para o caos do Centro Histórico.

Contabilizam-se mais de 700 apresentações de artistas novos e também de já consagrados, mais de 60 lançamentos de livros, exibição de filmes, peças teatrais; enfim, uma agitação

febricitante, sem nenhum bafejo oficial.

A Cantina transformou-se numa referência. Por lá, passaram, além do povo, ministros da Cultura, governadores, prefeitos (Mário Kertész, empossado prefeito aqui na Câmara, foi fazer seu primeiro despacho na Cantina, com todo o seu secretariado), lideranças políticas, celebridades. Todo mundo já passou pela casa de Clarindo.

Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha. Clarindo foi a Sarney, foi a Mandela e foi ao papa. Num encontro de 400 intelectuais baianos, na Catedral Basílica, Clarindo entregou ao papa João Paulo II a carta do Projeto Cultural Cantina da Lua, onde denunciava a mortalidade infantil, o ódio racial, a esterilização da mulher negra, além de blanterar contra a degradação do Centro Histórico, enfatizando o abandono da primeira Escola dos Jesuítas e da Igreja da Barroquinha.

Por tudo que fez e a maneira gentil como fez, Clarindo teve alguns batismos, tais como ‘Senhor do Pelourinho’, Mestre Calá, Anjo-da-Guarda de Centro Histórico, além de ter sido escolhido ‘Homem do Ano’ pela Tribuna da Bahia em 1991.

Senhoras e senhores. A Câmara Municipal do Salvador, em duas ocasiões pretéritas, homenageou Clarindo Silva. Cidadão de Salvador de fato. Tornou-se, agora, por lei, cidadão soteropolitano de direito.

No ano passado, por minha iniciativa e decidido apoio do nosso competente presidente João Bacelar, a Câmara imprimiu o livro Memória da Cantina da Lua, de autoria do grande, querido e amigo Jehová de Carvalho.

Os editores do livro, no prefácio, escrevem: Clarindo Silva é gente que faz e acontece. Integra um seletivo grupo de personalidades baianas de destaque, como Camafeu de Oxóssi, Mãe Stella, Mãe Olga do Alaketu, mestres Bimba e Pastinha, Batatinha e tantos outros senhores de pequenos mundos que ganharam projeção e renome por seus méritos e qualidade.

Um aristocrata popular, negro-mestiço cuja nobreza e projeção custam luta e muito suor contra o preconceito racial e religioso e as diversas construções ideológicas que teimam em colocar os descendentes de africanos na Bahia em posição subalterna.

Senhoras e senhores. Clarindo disse, certa vez: “Eu sou um guerreiro que acredita no futuro e o futuro se constrói com fé, trabalho e perseverança”. Por seu passado, presente e crença no seu futuro de fé, trabalho e perseverança, a Câmara Municipal outorga, com honra, a Medalha Thomé de Souza a Clarindo Silva de Jesus. Além de ser um agradecimento, é o pagamento de uma dívida que nossa Cidade do Salvador tem para com este bravo cidadão.

Germano Tabacof
Professor e ex-reitor da UFBA

Cantina da Lua – 70 anos de luta

zédejesusbarreto

Resistência e identidade com o Pelourinho e comunidades do Centro Histórico de Salvador

O que é o Pelô

O Pelourinho é o coração do Centro Histórico da Cidade do São Salvador, primeira capital do Brasil, umbigo da Bahia e do país.

O Pelourinho/Centro Histórico é, assim, o relicário maior da nossa cultura, da nossa história. Então, como patrimônio da humanidade, deve ser visto e reconhecido pela nossa gente e por todos os que nos visitam. Orgulho do Brasil, da Bahia, dos baianos.

* * *

E não é só por seu casario magnífico de sobrados coloniais, com tantas janelas e gradis que atçam os olhos, por suas ruelas com calçamento de pedras ‘cabeça-de-nego’ que nos remetem ao passado, ou por suas igrejas de torres majestosas que escondem e exibem o clássico, o barroco e os rococós de suas formas, seus altares, púlpitos, imagens sacras, espaços internos que nos levam a reler outras páginas e a rever instantes de construção de nossa história e formação de nosso povo tão miscigenado, tão desigual e também único.

Mais que tudo isso, o Pelourinho, o nosso Centro Histórico, é o grande caldeirão onde foi e continua sendo feita a mistura de cores, crenças e fazeres dessa gente mestiça, com ingredientes europeus, especiarias da Ásia e o tempero inigualável das diversas nações africanas.

Essas são as nossas raízes. E o Pelourinho é o Centro Histórico, que foi o chão primeiro adubado. O Pelourinho é a síntese, o tacho de onde emanam os cheiros, o gosto, a sonoridade,

as cores e as manifestações desse povo tão diferente chamado de 'baiano'.

O Pelô, enfim, o nosso Centro Histórico, é isso: história e cultura. Vivas, efervescentes.

A Cantina da Lua

É nesse contexto urbano e histórico que está inserida a Cantina da Lua, que ora comemora 70 anos de existência, de resistência cultural, de profunda identidade, interação e integração com as comunidades do Pelourinho e do Centro Histórico de Salvador. E é assim que a 'Cantina de Clarindo' deve e pode ser compreendida. Pela sua caminhada, sua existência, sua entrega na eterna luta pela revitalização e pela dignidade do sítio onde está abrigada e acolhida. E até pela sua localização.

* * *

A Cantina da Lua fica numa esquina do Terreiro de Jesus, diante da Catedral Basílica, ao lado da Faculdade de Medicina, a primeira do país, tendo como vizinha a secular Igreja de São Pedro dos Clérigos. É, poderíamos dizer assim, a porta de entrada para o Pelourinho, na esquina da rua principal, que, descendo, vai dar no Largo do Pelô, onde estão localizadas a Casa de Jorge Amado e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ali onde ficam o Museu da Cidade, as sedes do Olo-dum, dos Filhos de Gandhy, a Casa do Benin, mais embaixo, o acesso ao Taboão, a subida para o Carmo e o Além do Carmo.

A Cantina da Lua está, pois, plantada num lugar privilegiado. A Cantina é um lugar privilegiado, abençoado pelos santos das igrejas todas em volta, pelos Orixás/Voduns/Inquices invocados pelos toques dos tambores que ecoam no espaço por entre becos e vielas, pelos caboclos que ali passam e são reverenciados no 2 de Julho, pelos capoeiristas que fazem roda adiante, pelo povo da terra, por todos os que chegam vindos de longe, pelos ventos que sopram do mar.

A Cantina é uma bênção, o berço da Terça da Bênção, uma bênção do Criador.

Polo de cultura

É preciso dizer que a Cantina da Lua é muito mais que um restaurante, muito mais que um espaço comercial, muito mais, sim senhor!

A Cantina da Lua já nasceu com o signo da ‘resistência’, cultural e política, nos tempos do regime militar. Era o ponto de encontro dos estudantes, dos músicos, dos intelectuais e boêmios de todos os pontos do mundo, que entre um gole e outro, uma garfada e outra, horas a fio, trocavam (e trocam) prosa, planejam mudar o mundo, criam partidos, candidaturas, discutem projetos, fazem artes e manhas, cultuam a noite e o dia, o sol e a lua, marcam encontros e acontecem desencontros, atam-se grandes amores, e todos louvam a vida e agradecem a existência de cada dia...

Ali, na Cantina da Lua, se faz CULTURA, porque cultura é o fazer criativo dos povos, das gentes.

* * *

Isso é a Cantina da Lua, assim foram seus 70 anos, que bem podem ser lembrados e revividos com um giro pelas suas dependências, subindo as escadinhas, fazendo reverências diante do oratório com a vela sempre acesa, sentando numa das mesas, espiando o mundo passar pelas janelas adiante, apreciando as homenagens feitas pelo Mestre Clarindo aos frequentadores, famosos ou não, em placas singelas e significativas pregadas nas paredes...

* * *

Esse é o clima na Cantina. Um microcosmo da cidade, antes porto e fortaleza, com seus cheiros, seus sons, sabores, imagens, gingados, suas prosas que nos remetem ao grande contador de histórias Jorge Amado, ao berimbau e pernadas do Mestre Pastinha, ao samba dolente do saudoso Batatinha, aos boleros de Waldick, ao riso do Mestre Leal...

Ah! Tantas festas, tantas datas, tantos desolos, saudades e bebemorações, comemorações, tantas rezas e procissões, tantos

louvores e graças, tantos temperos, angus encubados, pratos, odores, chamegos e projetos. Tanta vida!

* * *

A Cantina é um símbolo, um signo, um naco de nossa cultura, um ponto de encontro de todas as gentes do planeta. Assim deve ser vista, assim deve ser louvada. Um sítio-referência da cidade amada.

O mestre de branco

E à sua frente, como um ícone, aquele negro magro, já de cabelos e barba ralos e brancos, o sorriso sempre terno, emanando paz com seu branco vestir: Clarindo Silva.

Clarindo é uma figura da cidade impregnada de Pelô. Baiano de raiz. Um herói da resistência.

Plácido, porém inquieto, sempre. A querer mais, a cabeça cheia de ideias, o peito cheio de amores pelo seu espaço, sua gente, pela sua cidade-mãe amada, a Salvador da Baía de Todos-os-Santos.

zédejesusbarreto
Jornalista e escrivinhador

Clarindo Silva, um ícone

Antônio Imbassahy

Duas histórias que se confundem, que se completam, que se tornam únicas na vida da nossa cidade: são as de Clarindo Silva e da Cantina da Lua. Ambas fazem parte da vida cotidiana da Cidade do Salvador e se integram na medida em que traduzem o sentimento da alma de sua população, da gente que conviveu e habita o Centro Histórico, mais precisamente o Largo do Terreiro de Jesus, com seus monumentais templos religiosos.

É essa convivência no espaço coletivo que marca a trajetória da Cantina da Lua, ora frequentada por artistas famosos da música popular brasileira, ora pela gente anônima da Bahia. Em outros momentos, por estrangeiros e brasileiros de outros centros, todos irmanados no propósito de divertir-se, trocar ideias, conversar, apreciar e deixar-se seduzir por nossa encantadora cidade e sua gente.

Clarindo é um ícone. Uma legenda. Uma personalidade que é a cara do Centro Histórico. Representativa de suas lutas, de suas peregrinações culturais, do seu ideário para que essa importante área da cidade se mantivesse viva e integrada à cidade.

Clarindo também é acolhimento na sua permanente brigada em defesa dos mais necessitados. É a própria personificação do baiano popular, do homem do povo, daquele cidadão que, sendo jornalista, é poeta; sendo comerciante, é artista; sendo homem de santo, é místico; sendo assim como ele é, se tornou capaz da admiração de todos.

Este livro, *Memórias da Cantina da Lua*, agrega depoimentos de várias pessoas que, assíduas, circulam nos espaços lunares. São também personalidades que povoam os lugares encantados de Salvador e percebem e entendem os múltiplos poderes da sua gente. Daí a importância de suas escritas para preservar a memória da vida cotidiana da capital, tendo como pano de fundo a Cantina da Lua.

Tenho a convicção de que se trata de um trabalho que

eterniza a trajetória de vida de Clarindo Silva e enobrece a nossa cidade.

Antônio Imbassahy
Ex-governador da Bahia e ex-prefeito de Salvador

Clarindo, um poço de bondade

Agnaldo Lessa

No final da década de 1980, encontrava-me pela manhã cedo com um cidadão de trajes sempre branco e alinhado na Rua Siqueira Campos, Barbalho, onde eu trabalhava como médico clínico na CLIMOLAB. Lembro-me que, ainda curioso com aquela figura humana ímpar e sem saber o seu nome, fui testemunha de um fato surpreendente e inesquecível na porta da clínica. Uma senhora parou aquele senhor vestido de branco e perguntou: “O senhor é candidato e vou votar no senhor, mas estou terminando de construir minha casa e preciso de cimento, blocos e telhas e queria que o senhor ajudasse. Minhas vizinhas conseguiram vários materiais de construção com uma candidata a vereadora, esposa de um deputado”. Educadamente e cortês, Clarindo Silva, cujo nome eu ainda não sabia, respondeu-lhe: “Veja, minha senhora, gostaria muito que votasse em mim, mas por minhas propostas para melhorar o Centro Histórico e revitalizar a área do Pelourinho. Não tenho dinheiro para comprar materiais e, nesse caso, a senhora procure essa candidata que está doando os materiais”.

Ao acaso, por essa época, atendi na clínica a senhora Maria do Carmo Alves de Jesus que passou a ser minha paciente frequente. Em conversa, informou ser esposa de Clarindo Silva, da Cantina da Lua, e que moravam em uma casa no Lanat, no Barbalho. Logo, em curto espaço de tempo, Dona Maria do Carmo enviou para consulta Clarindo Silva e seus filhos. Sou médico de quatro gerações da família, há mais de 30 anos, dos pais de Clarindo aos netos. Homem bom, desapegado a bens materiais, foi provedor e deu assistência médica a irmãos, sobrinhos, funcionários da Cantina e amigos carentes, pagando as consultas, exames laboratoriais e medicamentos.

Nas consultas, narrava suas histórias da vinda de navio de Conceição do Almeida aos oito anos com toda a família e que, quando criança, por volta dos dez anos, começou a frequentar

o Centro Histórico, Largo do Terreiro e Pelourinho, vendendo frutas da época, até começar a ajudar no Bazar Americano, por volta dos 12 anos de idade. E daí teve o umbigo enterrado nesse pedaço antigo de Salvador. Após assumir por arrendamento a Cantina da Lua, em 1971, com todas as armas e sabedoria de um mestre, empunhou a bandeira da resistência e fé inabalável, transpondo vicissitudes que os mortais comuns teriam desistido.

Nesse longo tempo de convívio como médico e amigo, nos tornamos íntimos a ponto de frequentar a grande casa do Pernambués, onde, como colmeia gigante, abriga boa parte dos quatro filhos e netos, ao lado da encantadora esposa, Dona Maria do Carmo.

Todo o meu respeito e admiração a esse homem sábio, amigo, simples e educado. Um lorde.

Agnaldo Lessa
Médico clínico
7 de janeiro de 2021

Cantina da Lua, o farol do Centro Histórico de Salvador

Carmela Talento

Costumo dizer que a Cantina da Lua é o farol do Centro Histórico e Clarindo Silva, o seu guardião, e não estou comendo nenhum exagero ao fazer essa afirmação. Durante os períodos mais complicados de decadência do Pelourinho, a Cantina teve um papel fundamental de resistência; na verdade, foi a trincheira de luta de Clarindo Silva que sempre acreditou no potencial daquele importante espaço urbano, abandonado por décadas à própria sorte, e que, mesmo depois das tão festejadas e polêmicas intervenções, ainda convive com uma série de problemas de ordem econômica e social.

No início da década de 1970, quando ingressei no curso de Jornalismo, cuja faculdade funcionava no Vale do Canela, distante alguns quilômetros do Pelourinho, alguns dias da semana, tinha aula de disciplinas eletivas no prédio histórico da antiga Faculdade de Medicina, que divide uma das transversais do Terreiro de Jesus com a Cantina da Lua. Nesse mesmo período, Clarindo Silva iniciava sua lida como empreendedor em uma área que se encontrava em processo de decadência, transformada em local de prostituição.

Iniciando a carreira como repórter no extinto Jornal da Bahia, com sede na Barroquinha, a Cantina já era referência de local de encontro dos jornalistas e ponto de boemia. Nas imediações, funcionavam, também, o Diário de Notícias, na Rua Carlos Gomes, o jornal A Tarde, que ficava na Praça Castro Alves, e o Sindicato dos Jornalistas. Com isso, muitas pautas sobre o Pelourinho surgiram no balcão desse bar onde Clarindo se consolidava como fonte indispensável nas reportagens relacionadas ao Centro Histórico.

A Cantina, a exemplo dos outros pontos comerciais que ainda resistiam em permanecer no local, lutava para se manter, e Clarindo sempre idealizando projetos, promovendo

encontros com entidades que também se mostravam interessadas na defesa e revitalização do Centro Histórico. Muitas iniciativas culturais aconteceram na Cantina, que também reunia intelectuais, políticos e artistas. Não foram poucas as vezes que por lá ouvi Claudete Macedo, Walmir Lima, Batatinha, Riachão e tantos outros soltando a voz. Com as reformas iniciadas na década de 90, o Pelourinho foi se transformando em point turístico e musical, mas tudo começou mesmo foi na Cantina da Lua.

O fato é que não tem como contar a história do Pelourinho das últimas décadas sem falar da importância da Cantina da Lua. É bem verdade que muita coisa mudou, a Cantina foi ampliada, transformada em restaurante, mas as dificuldades pela sobrevivência continuam e Clarindo, incansável, segue na mesma toada. Embora não frequente a Cantina da Lua com a mesma assiduidade dos tempos de estudante e repórter, não abro mão de ir em festas como o Dois de Julho, Carnaval, ou mesmo de passagem pelo Centro Histórico cumprimentar Clarindo e receber aquele abraço cheio de axé, além de encontrar sempre alguns amigos da velha guarda, não mais no balcão, mas confortavelmente sentados ocupando uma das mesas na área externa, falando da vida alheia, observando o vai e vem dos turistas ou relembando das inúmeras histórias vivenciadas por lá, onde muitas lutas começaram e ainda estão longe de acabar.

Vida longa à resistência, Cantina da Lua!

Carmela Talento

Jornalista

18 de janeiro de 2021

Bete Mendes, Clarindo Silva e Cantina da Lua

Bete Mendes

Eu sempre amei a Bahia, mesmo antes de conhecer. Na década de 1970, no século e milênio passados, tive a sorte de, participando de um filme realizado em Salvador, conhecer a cidade que tanto queria, com toda a sua história, e minhas impressões foram além do imaginado. Pude ver, sentir, em cada rua, praça, espaço que visitei, a beleza de sua gente, suas artes, seu jeito de ser, o que havia sonhado, com muito mais calor, amor e amizade.

Ao passar pelo Terreiro de Jesus, acompanhada por uma carinhosa baiana que fazia parte da equipe de filmagem, em encantamento com as igrejas, o Pelourinho e toda a sua colorida vida, fomos almoçar na Cantina da Lua. Fiquei maravilhada com o espaço, subimos para o restaurante, onde pedimos comida. Jamais esquecerei do prato: angu encubado. Difícil detalhar, era delicioso, tanto que pedi, gulosa, uma segunda porção.

Deliciava-me com os sabores quando, de frente para mim, aparece um homem belo, vestido de branco, vindo em nossa direção. Aconteceu a magia. Sem uma palavra, levantei-me, fui a seu encontro, e nos abraçamos. Abraço que abençoou nossa apresentação e amizade: eu estava conhecendo Clarindo Silva. Foi a primeira vez. Outras inúmeras vieram. Conheci Maria do Carmo, sua linda esposa, seus filhos, e a amizade ficou para sempre. Houve tantos encontros, tão emocionantes como o primeiro, que passamos a nos encontrar na Bahia, em São Paulo, Rio de Janeiro, sempre nos comunicando, alimentando as distâncias com amizade, carinho e toda a força que nos dão estes sentimentos.

Uma outra vez em que retornei à Bahia, com um espetáculo teatral, apresentado no maravilhoso Teatro Castro Alves, a Cantina da Lua e Clarindo Silva foram responsáveis por um sucesso total nas apresentações: teatro lotado. Clarindo, que

tinha uma relação com as rádios e mídias, fez do Terreiro de Jesus o principal divulgador do espetáculo. Em seu microfone, dava os horários e chamava a todos para irem ver a peça. Entrevistou-me, falávamos do teatro, da Cantina, da cultura.... É difícil descrever minha emoção no palco, quando éramos aplaudidos por toda a plateia. Em um momento, como se diz no teatro, fui aplaudida em “cena aberta”, ou seja, ao final de uma cena, e não no final do espetáculo, ou no intervalo. É inesquecível essa emoção. Mais ainda: fomos todos recebidos com um banquete na Cantina da Lua. Só Clarindo Silva e a Cantina da Lua para essa generosa acolhida.

Houve uma vez, quando eu era secretária de Cultura do Estado de São Paulo, que participei de um encontro do Fórum Nacional de Secretários de Cultura em Salvador, e pedi ao ministro da Cultura, Celso Furtado, assim como ao secretário de Cultura da Bahia, José Carlos Capinam, e todos os demais secretários de Cultura, que fôssemos conhecer a Cantina da Lua. Ao chegarmos, fomos recebidos com festa e carinho por meu amigo Clarindo, e a Cantina da Lua foi reconhecida com sua identidade maravilhosa: a casa de todos, com atenção, ótima comida e afeto, sempre.

Poderia citar muitos momentos, mas o que sinto ser mais importante é o quanto Clarindo Silva, junto com Maria do Carmo e sua inteira dedicação à Cantina da Lua, ao Pelourinho, e toda a história centenária de cultura que lá se encontram, é importante para todos, não só para mim, que tive a felicidade de ser sua amiga. Com o passar dos anos, fiquei ainda mais impressionada com a combativa luta de Clarindo pela memória da Bahia, sua riqueza, sua importância na nossa História. E sua luta feita com carinho, diálogo, compreensão dos intrincados sistemas que impedem o simples reconhecimento. Mas Clarindo, com fé e resistência, segue em seus maravilhosos propósitos, escrevendo lindos textos, proporcionando atividades culturais, shows, encontros, com a Cantina da Lua centralizando as ações. Estamos em um período difícil, triste, sofrido, a pandemia está sendo um caos para todos, na saúde, na vida, nas atividades, mas Clarindo resiste, cria alternativas possíveis, e segue criando oportunidades.

Eu poderia continuar contando cada vez que estive na Cantina da Lua, com Clarindo, ou em sua casa, com ele e a querida Maria do Carmo, mas creio que o mais importante é deixar minha gratidão a Clarindo e Maria do Carmo pela forte e sincera amizade, e à Cantina da Lua. Salvador, Bahia, só existe pra valer com o Pelourinho, o Terreiro de Jesus, a Cantina da Lua e Clarindo Silva!

Bete Mendes

Atriz

25 de janeiro de 2021

Sublime missão

Paulinho Timor

Okolofé!

Ah, falar de Clarindo Silva...

É falar de amor, resistência, fé, amizade, elegância, persistência, lucidez, trabalho, admiração, Riachão.

Ah, falar de Clarindo Silva...

É falar da Bahia, Pelourinho e suas histórias, Cantina da Lua, Terreiro de Jesus, exemplo, sapiência, gratidão.

Ah, falar de Clarindo Silva...

É falar do Brasil, de luta, cultura, negritude, África, brasilidade, coração e paixão.

E estar com Clarindo?

É luz, aprender, alegria, sabedoria.

É como se seu bater de palmas se multiplicasse.

E, de repente, você se sentisse aplaudido por milhões de pessoas.

Estar com Clarindo...

É viver, é um prazer, uma troca, axé!

É se sentir abraçado, porém com o privilégio de estar no maior abraço do mundo!

Então, meu amigo, meu irmão, minha referência,

Agradeço por todos os momentos que tive o prazer de estar ao teu lado, física e espiritualmente.

Que Oxalá continue a nos iluminar.

Epa Babá!

Como teu nome és claro como o Sol, lindo como Terra e tens o sobrenome do Brasil.

Muito axé pra ti sempre, CLARINDO SILVA DE JESUS.

Saúde, paz, fé e resistência!

Paulinho Timor

Compositor, músico e produtor cultural

12 de fevereiro de 2021

Clarindo, régua e compasso

Doris Pinheiro

Eu me lembro que quando eu era garota e lá em casa se falava sobre a Cantina da Lua, que eu ficava imaginando que devia ser um lugar assim como aqueles dos livros de Jorge Amado, cheio de boêmios, intelectuais, jornalistas, artistas.

Um lugar impregnado de Bahia, com comida gostosa, cerveja gelada, cachaça da boa, noites intermináveis de conversa e música.

Homens charmosos, mulheres livre e bonitas.

Aí, quando eu pensava em como era Clarindo Silva, eu simplesmente não sabia muito bem como imaginá-lo...

Em alguns momentos, acho que pensei que ele era um destes homens da noite, garbosos, cheios de vivência meio malandra da vida, que gostava de bebida, era amigo de gente importante, mas, também, de gente menos importante, mas interessante.

Acho que eu o encaixava como um personagem de livro cujo cenário era essa Bahia meio folclorizada, até por mim mesma, gente da Terra.

Uma Bahia tortamente idealizada, mas sobre a qual a gente conhece um bocado de coisas, sabe os cheiros, gostos, modos de falar, de agir, conhece o gingado.

Aí, eu cresci mais um pouco, me tornei jornalista. E, finalmente, conheci de fato a Cantina da Lua.

Eu, menina do Rio Vermelho, nascida e criada em frente à Praia de Santana e da casinha de Yemanjá, nunca fui uma garota muito típica... Sempre gostei de ver o povo dando santo na praia e, ao mesmo tempo, a procissão de Senhora Santana passando na minha porta.

Então, aquela Cantina da Lua, que realmente é impregnada de baianidade, na qual eu bati o olho na minha primeira reportagem lá, foi entrando num eixo entre a minha idealização e o que ela me parecia ser.

Não ficou tão distante do que eu pensava.

Mas com Clarindo não foi assim.

O Clarindo Silva que eu passei a conhecer, e que tenho o prazer e a honra de considerar meu amigo, é um homem infinitamente elegante, que nasceu com o dom da diplomacia.

O que eu imaginava era mais pra malandrão.

Gentil. É uma das pessoas mais educadas que eu conheço, o que o torna ainda mais especial em meio à falta de educação reinante. Educação doméstica, como dizia minha mãe, uma mulher igualmente bem-educada.

Inteligente, escreve bem sobre as coisas que observa. E observa muito.

Guerreiro, luta todos os dias com fé e resistência, e, com esta luta, já virou para melhor, várias vezes, os rumos do Pelourinho.

Tem uma autoridade segura, serena, daquelas que não precisam alterar a voz.

Para mim, Clarindo Silva é tipo um semi-Deus afrobaiano, filho direto de um Orixá. E afilhado de santos católicos poderosos.

Filho ilustre da Bahia.

Régua e compasso da cidade do Salvador.

Doris Pinheiro

Jornalista

2 de maio de 2021

Cantina da Lua, quartel-general do samba de Salvador

Maria Pinheiro

Não poderia escolher outro assunto para escrever este breve depoimento em homenagem a um dos redutos mais férteis da resistência social e cultural da cidade de Salvador que não o samba. Afinal, não foi à toa, ou por sorte do destino, que, através dele (o samba), cheguei até Clarindo Silva, sedimentando o caminho e a amizade que me conduziram até a antológica Cantina da Lua. Contarei esta história.

Há três anos, tive a oportunidade de apertar as mãos e receber o abraço vital de Mestre Calá pela primeira vez, em meio às celebrações de aniversário de 97 anos de um outro ícone da História da Bahia, o memorável Riachão. Um momento tão especial como este não poderia acontecer em outro lugar que não fosse o bairro do Garcia, território sagrado onde as tradições do samba têm raízes fortes e profundas. Neste dia, lembro-me da grande emoção que senti ao presenciar, bem de perto, a cumplicidade e o carinho entre estes dois amigos. Na roda de samba, estavam eles, sentados, um ao lado do outro, cantando e celebrando mais um ano de vida do malandro histórico da Bahia. “Se Deus quiser, vou chegar aos 100” era o refrão repetido em canto uníssono, que conectava todas as presenças em uma mesma energia e vibração. Salve, Riachão!

E como já dizia outro “malandro”, se lugar onde todo mundo bebe e samba é casa de samba, falemos da Cantina da Lua. Reduto que acolheu, desde os idos da década de 1970, os nomes mais ilustres do samba da cidade de Salvador. Falo de acolhimento mútuo e múltiplo: simbólico, afetivo, social, político e cultural. Clarindo foi – e permanece sendo – o amigo dileto de sambistas da estirpe de Batatinha, Riachão, Claudete Macedo, Ederaldo Gentil, Nelson Babalaô, Tião Motorista, Firmino de Itapoan, Myriam Bezerra, Nelson Rufino, Walmir Lima, Edil Pacheco, Bob Laô, Balbino do Rojão, Panela, entre

tantos outros bambas que encontraram nos balcões e mesas da Cantina da Lua um solo fértil para a criação de versos e melodias, além de um espaço privilegiado de valorização e promoção desta arte tão resistente quanto genuína. Foram inúmeros lançamentos de discos, rodas de samba, entrevistas para imprensa, festivais e apresentações musicais que tiveram como palco a Cantina da Lua, colocando os sambistas da Boa Terra no centro do circuito artístico da Bahia e do Brasil. Em retribuição, também foram diversas as homenagens dedicadas pelos sambistas da cidade à Cantina da Lua e ao anfitrião da casa.

Já nos idos de 1973, dois anos após Clarindo Silva assumir a Cantina da Lua como arrendatário, o espaço promoveu o lançamento, em noite de gala, do álbum “Samba da Bahia”, considerado um clássico do samba baiano, marcando a estreia dos sambistas Batatinha, Riachão e Panela no meio fonográfico. O disco trouxe em seu elenco nomes como Cacau do Pandeiro, Edson Sete Cordas, Maestro Vivaldo Conceição, Edil Pacheco (que também atuou como arranjador e produtor do álbum) e Armandinho, além de contar com textos de Paulo Lima (coprodutor do disco), Maria Bethânia e Paulinho da Viola na contracapa do LP.

Atravessando as baías, indo em direção à Guanabara, desde 1977, Mestre Calá promove, ao lado do poeta Gildásio Freitas e Giuseppe Talento (o “Arquiteto do Amor”), o evento mais antigo a ser celebrado anualmente na Cantina da Lua: a “Noite em homenagem a Noel”. Realizada sempre no dia 4 de maio, data de falecimento do Poeta da Vila, a celebração chegou a ser transmitida ao vivo, em edições especiais, pela Rádio Globo AM, no programa do produtor musical e radialista Adelzon Alves, “O Amigo da Madrugada”, contando com a participação de grandes sambistas e seresteiros da cidade. A Noite de Noel é um dos mais tradicionais eventos realizados em homenagem ao autor de “Com que roupa?” em todo país, fato que comprova que a Cantina da Lua “nem sequer vacila ao abraçar o samba”.

Em 1981, foi a vez de Riachão. Às vésperas de completar 60 anos, o sambista nascido no Garcia e considerado um dos maiores cronistas sociais da cidade de Salvador, teve seu primeiro álbum individual, “Sonho do Malandro”, lançado na

Cantina da Lua. O evento, capitaneado pelo amigo Clarindo Silva, contou com a presença massiva da imprensa e com a divulgação em programas esportivos e de paradas musicais da Bahia. Com a ampla divulgação realizada pela Cantina da Lua e a força de seu anfitrião, o LP – jamais reeditado e, hoje, objeto de colecionador – alcançou grande sucesso. Mais um “momento lunástico”, como diria Riachão.

Outro acontecimento marcante foi a criação do Projeto Cultural Cantina da Lua, em 1983, um dos movimentos mais combativos em defesa da preservação do Centro Histórico e de valorização da memória cultural da Bahia. A assinatura dos baluartes do samba de Salvador já se fazia presente na ata de fundação do Projeto, chamando atenção na lista de sócios-fundadores a profusão de nomes de sambistas, que justificam a fama de “quartel-general do samba de Salvador” pela qual o restaurante é conhecido até os dias de hoje. Não foi à toa que a celebração que marcou a inauguração do PCCL (Projeto Cultural Cantina da Lua) se deu com o show “Os Onze de Ouro”, organizado em um palco improvisado ao redor da Cantina da Lua, onde se apresentaram os sambistas Batatinha, Riachão, Edil Pacheco, Ederaldo Gentil, Claudete Macedo, Tuninha Luna, Walmir Lima, Paulinho Camafeu, Nelson Rufino, Tião Motorista e Bob Laô. Uma seleção de ouro!

Nos aniversários do PCCL, especialmente nas datas mais representativas, também sempre houve grandes celebrações reunindo sambistas da cidade. Já nos festejos da conclusão da primeira temporada do Projeto, um grande show reuniu todos os onze sambistas que se apresentaram no ano anterior, além de artistas, conjuntos e entidades carnavalescas de Salvador, entre os quais Firmino de Itapoan, Nelson Babalaô, Aparecida, Chocolate da Bahia, Myriam Tereza, Balbino do Rojão, Orquestra Cuba-Jazz e Filhos de Gandhi.

Em 1986, a tradicional “Noite do Samba e do Dendê”, evento que celebrava, desde 1972, o Dia Nacional do Samba em Salvador, teve sua realização colocada em xeque pelos principais nomes do samba da cidade. O motivo: o descumprimento por parte da Emtursa, órgão ligado à Prefeitura, em relação ao cachê acordado anteriormente com os sambistas. Clarindo

Silva, por meio do Projeto Cultural Cantina da Lua, entrou novamente em cena e viabilizou a celebração no Terreiro de Jesus, que contou com uma missa festiva na Igreja de São Pedro dos Clérigos, além da tradicional Festa da Bênção. Na luta pela revitalização do Centro Histórico, o PCCL promoveu ainda o “Samba no Terreiro”, que reunia nas tardes de sábado, no Terreiro de Jesus, grandes nomes do samba da capital.

De meados dos anos 1970 para cá, foram inúmeros eventos e projetos apoiados por Clarindo Silva – o “general da banda” – de dentro de seu bastião lunar, que trouxeram para o centro da cena cultural os sambistas da cidade. Não posso deixar de destacar o importante intercâmbio promovido pelo anfitrião da casa com a imprensa e com nomes consagrados do samba nacional, como Martinho da Vila, João Nogueira, Roberto Ribeiro, Aparecida, Alcione, Clara Nunes, entre muitos outros. Também tiveram destaque os festivais de música de blocos afro promovidos pelo Projeto Cultural Cantina da Lua, fazendo com que parte significativa do legado musical de compositores ligados a este segmento não caísse no esquecimento e se tornasse conhecido pelo grande público, para além do período efêmero do Carnaval.

São muitas histórias que marcam a vida da Cantina da Lua e a consagram como uma legítima “casa de bamba”. Por isso, convido os leitores e as leitoras destas breves memórias a conhecerem e frequentarem este terreiro sagrado que é sentinela do samba da Cidade da Bahia. “Vamos, gente, pra Cantina da Lua!”.

Maria Pinheiro

Pedagoga, pesquisadora e produtora cultural,
filha do sambista e compositor João do Violão
10 de outubro de 2021

Soneto da Lua

André Carvalho

Clarindo Silva – do Terreiro – de Jesus
Negro guerreiro de alvo trajar
Faz da Lua seu refúgio, sua luz
Que clareia as sombras com vagar

Quixotesca majestade do Pelô, é mestre, Calá
Sempre honrando o passado e vislumbrando o porvir
Contemplando, entronado em seu Acoplamento Lunar
Com seus sonhos, sonhados em bando, de lutar e resistir

E quando os ponteiros dos relógios se abraçarem, sambar
Em frequência motivada pelo som dos regionais
Batatinha, Riachão, Claudete, lembranças de Noel

Do samba, a poesia; da criança, a arte do brincar
Cantina é cultura, educação, militância e muito mais
É a Bahia que, quando canta, até parece que se está no céu

André Carvalho

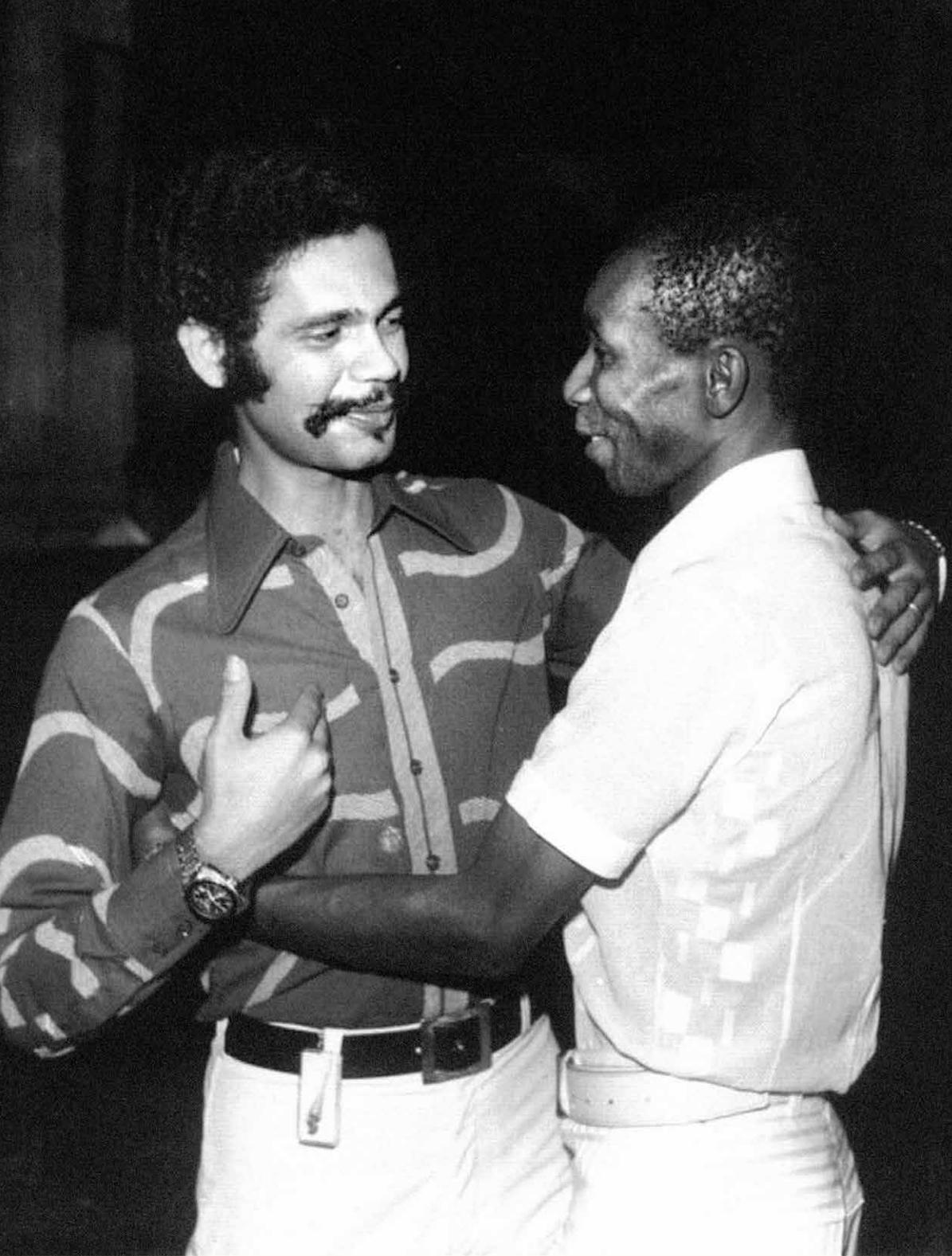
Jornalista, pesquisador e produtor cultural

12 de outubro de 2021

Fotos



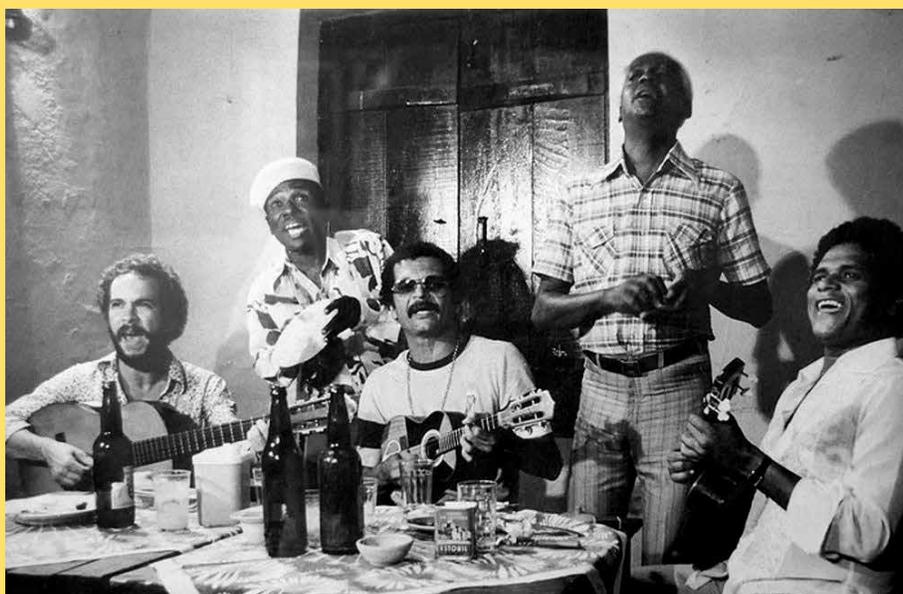
1. Clarindo Silva ao lado de Pascoal Romano e Bene Vargas, na inauguração da Astronauta Lanches, filial da Cantina da Lua, na década de 1970.



2. Clarindo Silva e Júlio César de Assis (o 'Imperador do Rádio'), nas imediações da Catedral Basílica de Salvador, em março de 1976.



3. Clarindo Silva ao lado dos amigos Júlio César de Assis (de camisa listrada), Waldick Soriano (de terno) e Silvio Mendes (sentado), na inauguração da Astronauta Lanches, filial da Cantina da Lua, na década de 1970.



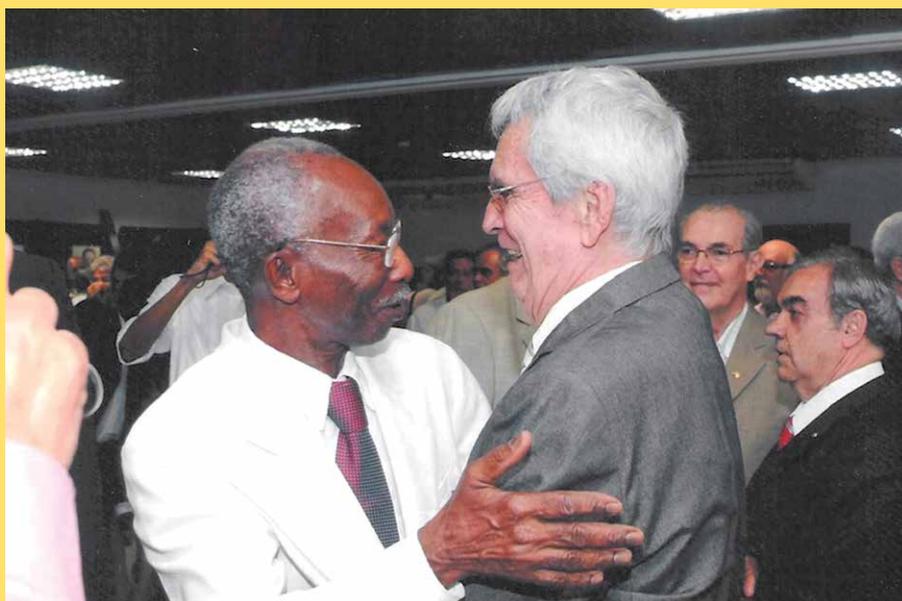
4. Os sambistas Edil Pacheco, Riachão, Walmir Lima, Batatinha e Ederaldo Gentil (da esquerda para a direita), reunidos para mais uma noite de samba na Cantina da Lua.



5. Atividade do Projeto Criançarte na Cantina da Lua, na década de 90.



6. O casal Manoel Borges de Jesus e Maria da Conceição de Jesus, na inauguração da placa em homenagem ao pai de Clarindo Silva na Cantina da Lua, na década de 1990.



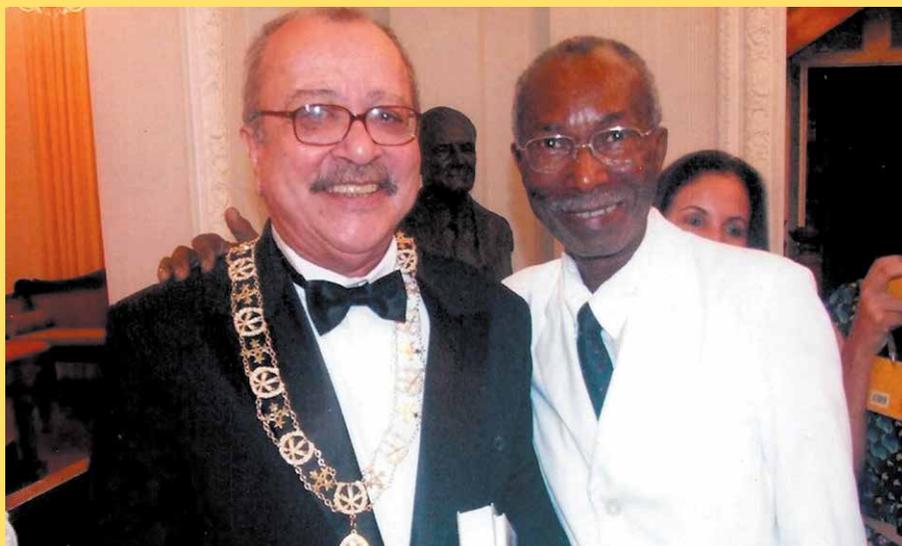
7. Clarindo cumprimenta o jornalista Moacir Ribeiro no lançamento da Coleção Gente da Bahia, pela Assembleia Legislativa da Bahia.



8. Lançamento da Coleção Gente da Bahia. Ao centro, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo.



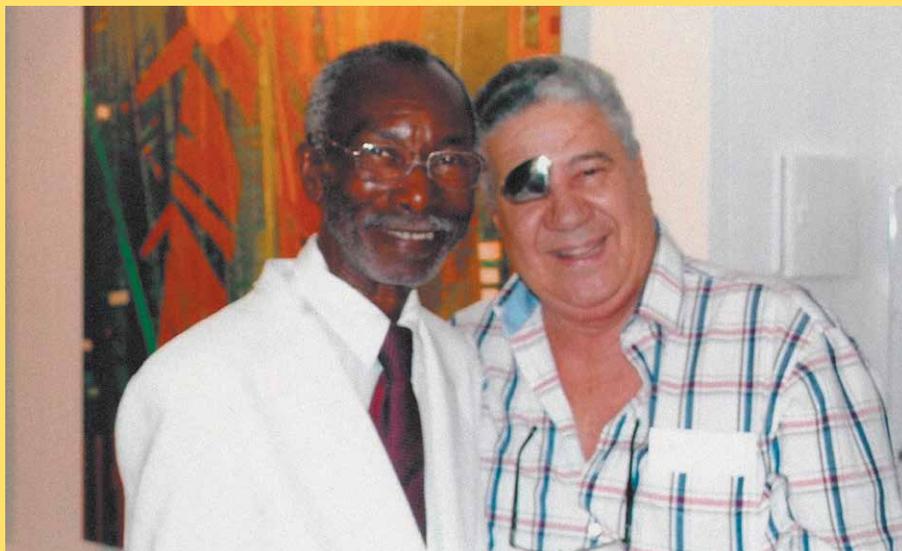
9. Com Edivaldo Boaventura, no lançamento do livro “Clarindo Silva – o Dom Quixote do Pelourinho”, pela Coleção Gente da Bahia, na Academia de Letras da Bahia.



10. Clarindo Silva com o acadêmico e amigo João Ubaldo Ribeiro, na Academia de Letras da Bahia.



11. Clarindo Silva e o jornalista Tasso Franco em noite de autógrafo.



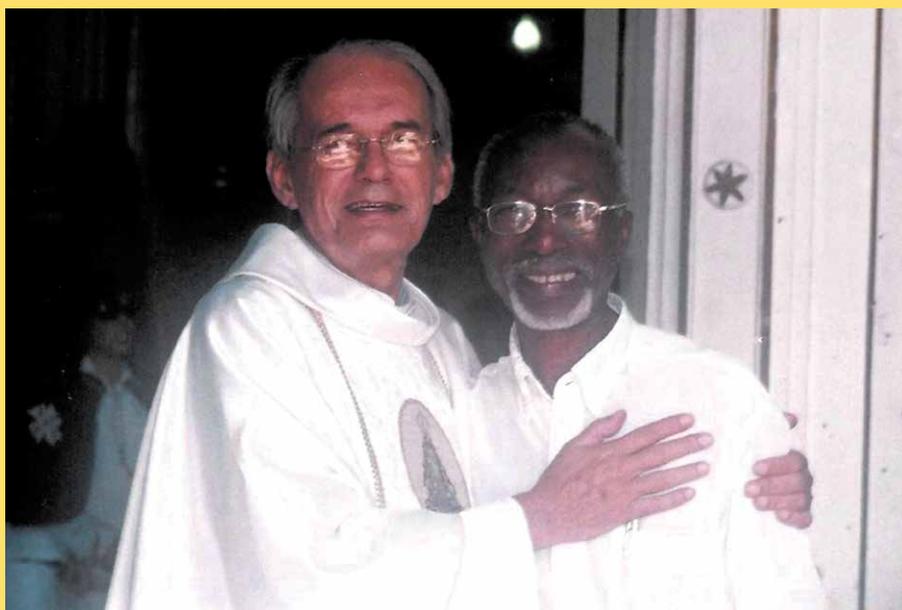
12. Clarindo Silva com o amigo e artista plástico Tati Moreno, em evento cultural.



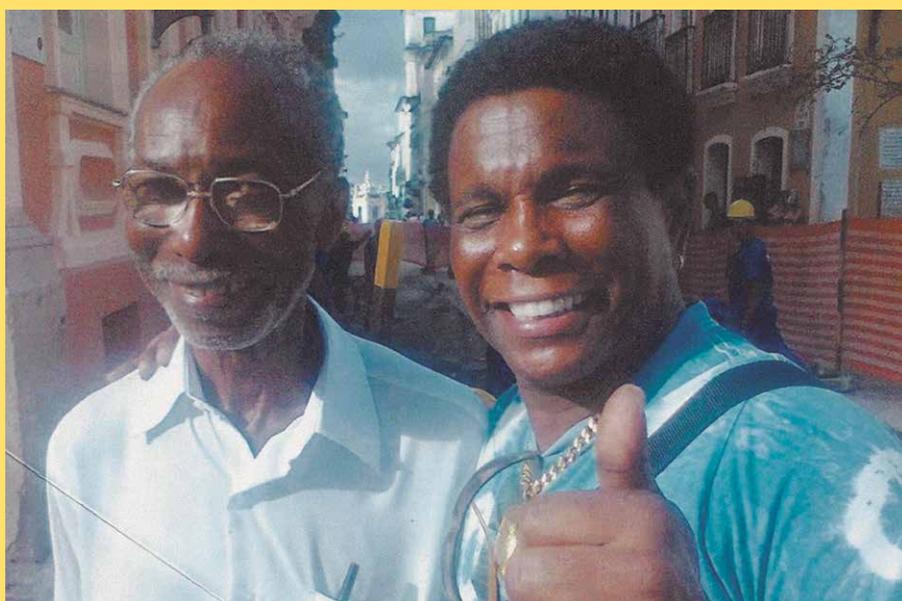
13. Clarindo Silva, Zelito Miranda e Dra. Marita Souza, na Câmara de Vereadores.



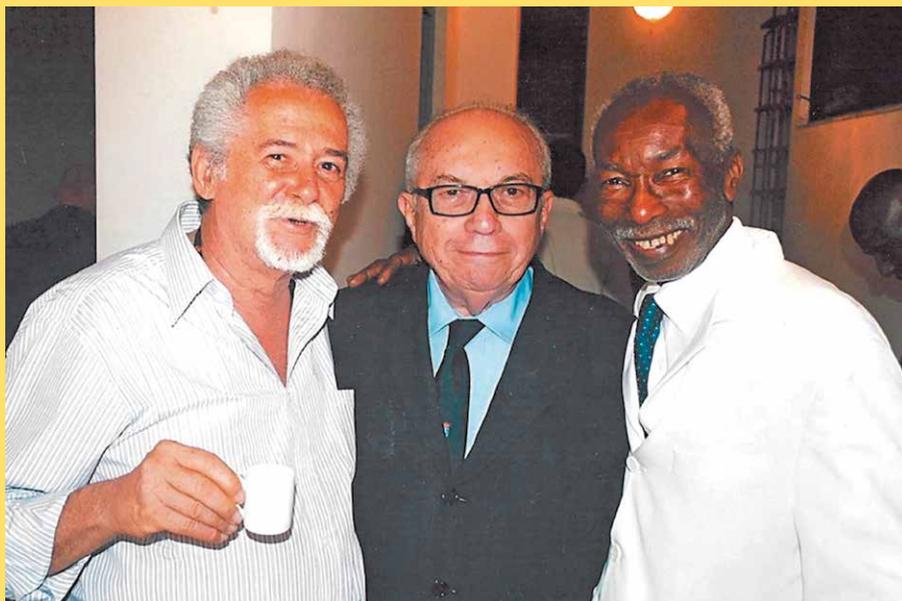
14. Clarindo Silva durante evento que reuniu políticos e artistas no Rio Vermelho.



15. Clarindo Silva em evento religioso, ao lado do monsenhor Ademar Dantas.



16. Clarindo Silva com Neguinho da Beija-Flor, em encontro na Cantina da Lua.



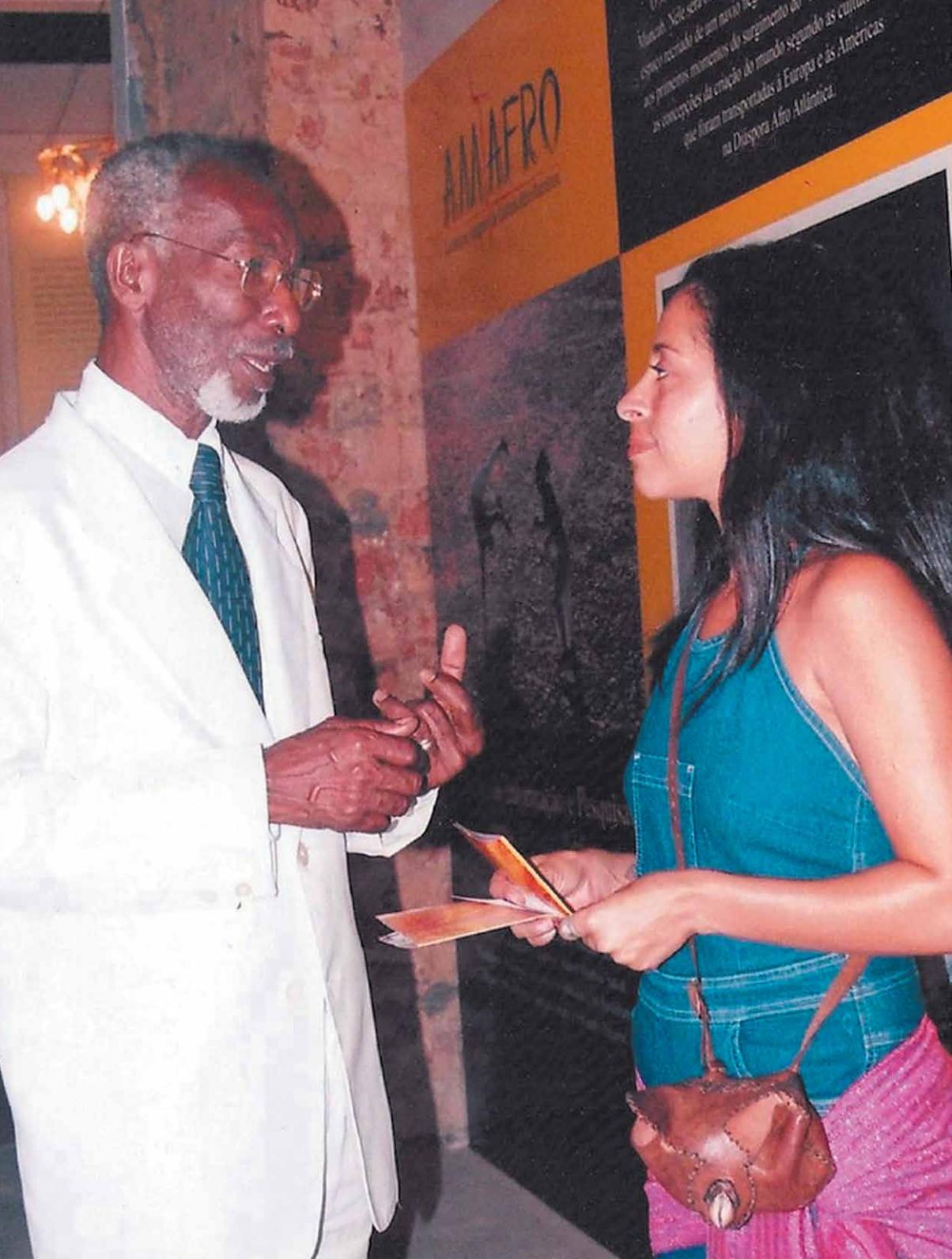
17. Clarindo Silva, Capinam e Edivaldo Boaventura, em evento na Academia de Letras da Bahia.



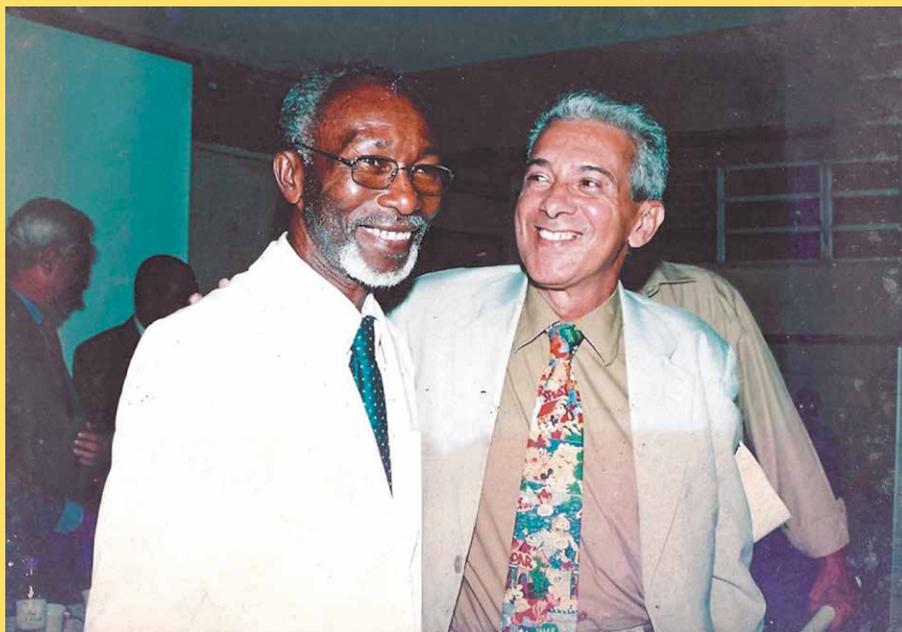
18. Clarindo e as escritoras Myrian Fraga e Mabel Veloso, na Cantina da Lua.



19. Clarindo com João Bosco, em encontro na Cantina da Lua.



20. Clarindo Silva e Fernanda Coelho, em evento cultural na Amafro.



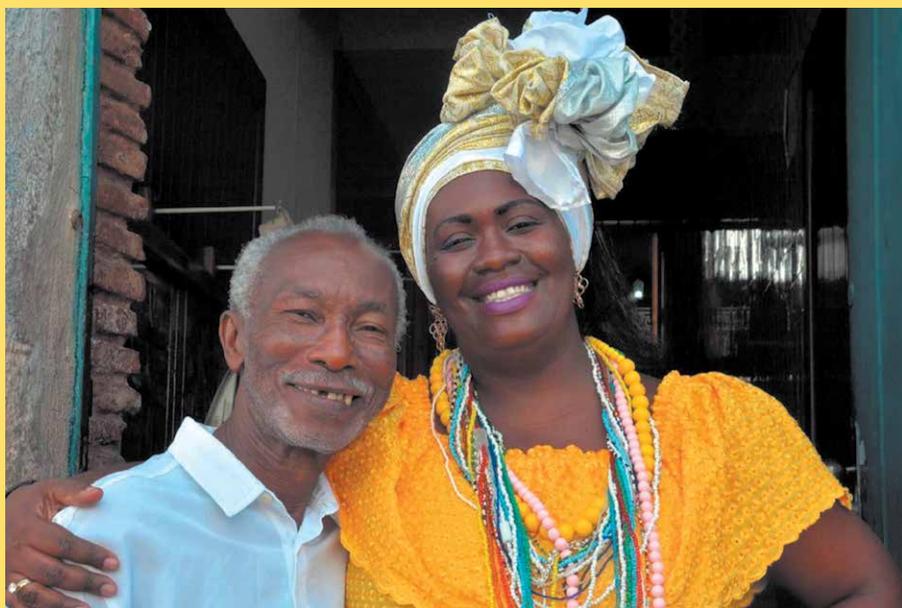
21. Clarindo Silva com o ator e produtor Nilson Mendes, em evento na Fundação Cultural da Bahia.



22. Clarindo Silva e o cravinho, bebida tradicional da Cantina da Lua.



23. Clarindo e a amiga Márcia, recepcionista do Pelourinho.



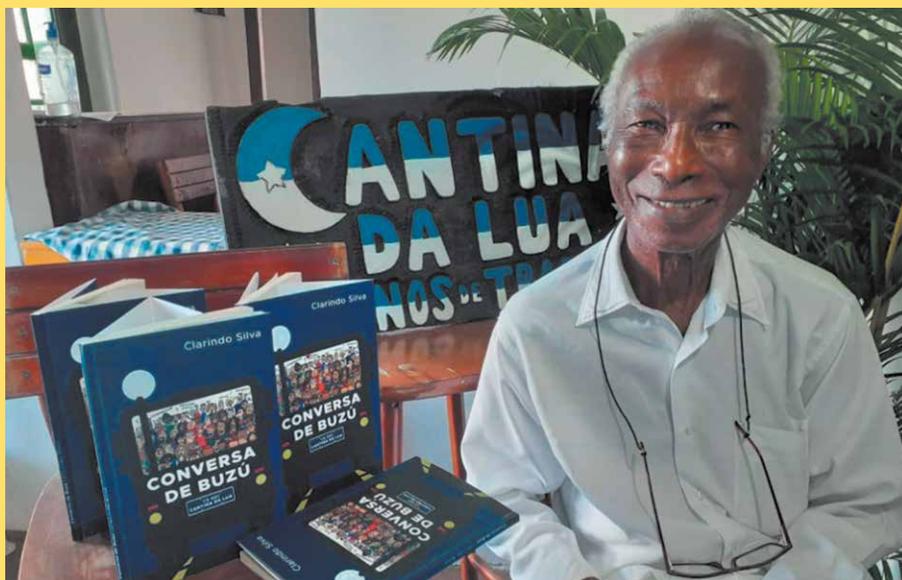
24. Clarindo e a amiga Luciene Marinho, recepcionista do Pelourinho.



25. Clarindo Silva e Mãe Stella de Oxóssi, em noite de autó-grafo na Academia de Letras da Bahia.



26. Clarindo Silva, Martinho da Vila, Riachão e o conjunto Bambas de Sampa no Sesc Pompeia, em São Paulo, após o show “Se Deus quiser vou chegar aos 100”, em julho de 2019.



27. Clarindo Silva no lançamento de “Conversa de Buzú”, na Cantina da Lua, em março de 2021.



28. A Cantina da Lua é parada obrigatória para visitantes do Pelourinho.

Formato: 16,0 x 24,0 cm.
Composto nas fontes Perpetua e Raleway
Impresso em Offset IMUNE 90g e Couche Fosco IMUNE 90g
156 páginas | Tiragem: 1.000 exemplares
Salvador, BA, outubro de 2021

Impressão e acabamento:

EGBA

GESTÃO DA INFORMAÇÃO
GOVERNO DO ESTADO

Rua Mello Moraes Filho, no 189, Fazenda Grande do Retiro
CEP: 40.350-900 - Tels.: (71)3116-2802 / 2838 / 2820
Fax: (71)3116-2802
Salvador-Bahia
E-mail: encomendas@egba.b.gov.br



A Cantina da Lua é de esquina e vizinha de uma igreja, a de São Pedro dos Clérigos, que olha de soslaio para a de São Domingos, noutra esquina, e, obliquamente, para a Catedral Basílica. Vesga, nesses olhares imprecisos, não alcança a vista para a de São Francisco, igreja e convento do mais puro barroco da Bahia. Vê-se, assim, em que vizinhança está o mais sagrado templo da boemia de Salvador, também sagrado por suas funções hedônicas.

Gey Espinheira
Sociólogo e escritor

ISBN: 978-65-00-33343-5



Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

